

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**Conjugalidade: individuação e pertencimento em casais de  
movimento católico**

**Francisco Nascelio Maciel**

SALVADOR

Dezembro/2008

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**Conjugalidade: individuação e pertencimento em casais de  
movimento católico**

**Francisco Nascelio Maciel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, área de concentração Família e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini

SALVADOR

Dezembro/2008

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, na sua bondade, deu-me a vida, dotando-me de graças para servi-Lo.

Aos meus pais, Raimundo de Moura Maciel e Rosilda de Lima Maciel e às minhas irmãs, Ângela, Vânia, Vanda Lúcia e Liana, pela amizade que profundamente nos une.

Aos meus sobrinhos que são expressão da família que, dia a dia, cresce.

Ao meu orientador, Dr. João Carlos Petrini, pela presteza, estímulo e valiosas contribuições para este trabalho e para a minha história.

A todos meus professores do Mestrado, a quem abraço com profunda gratidão por toda dedicação, de modo especial Célia Nunes e Lúcia Vaz, neste momento de acompanhamento mais intenso.

Meu abraço fraterno pela solidariedade e gratidão pela amizade partilhada estreitamente, para com os jovens enamorados, Ariane Leite e Marcelo Couto.

Às religiosas da Caridade de Santa Cruz nas pessoas das Irmãs Beatriz, Lúcia e todo Vicariato do Brasil.

À Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, precisamente Irmã Antonina Pereira, Valdinez e a Organização Fraternal São José.

Às Religiosas da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, que o Senhor retribua copiosamente na pessoa de Ivone Didier, Rosaura Pinto, Ales Bezerra, Maria Alice, Zita, funcionários da residência de Salvador, do Colégio e da Faculdade Social da Bahia e a toda província, pela acolhida tão carinhosa, na Comunidade Salvador.

A Maria Andersa Rayne que o Senhor me concedeu como sobrinha do coração e Noeme Rayne pela solidariedade fraterna.

À família de Fernandes, Maria Elena, Francisco, João Paulo, Patrícia e dona Maria pelo carinho tão familiar para comigo.

Ao casal Solon e Dalva, Eliane e Elane, Leonardo, Leandra e Beatriz por toda amizade partilhada.

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.  
Setor de Cadastramento.

M152s Maciel, Francisco Nascelio  
Conjugalidade: individuação e pertencimento em casais de movimento católico / Francisco Nascelio Maciel. - Salvador: UCSal. Su-perintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, 2008.  
106 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, área de concentração Família e Sociedade.  
Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini  
Inclui bibliografia.

1. Vínculo conjugal - Pertencimento - Individuação. 2. Casal contemporâneo – Individualidade - Conjugalidade. 5. Casal católico - Espiritualidade conjugal. 6. Conjugalidade - Aspecto religioso. 7. Família - Mudanças sociais. 8. Dissertação. II. Universidade Católica do Salvador. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.III. Título.

CDU 316.356.2:265.5(043.3)

“O homem não vive sem amor”.  
(JOÃO PAULO II, 1979, p. 66)

## RESUMO

Tem-se observado que a sociedade nos últimos quarenta anos tem tido uma vasta mutabilidade e a conjugalidade está sendo afetada de modo expressivo, notando-se uma busca em responder aos anseios dos cônjuges. Após os anos 60, a cultura ocidental primou pela autonomia e independência. O vínculo conjugal delineou dois pólos numa interação de realização de si e do outro: o pertencimento e a individuação. Assim, o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais que Féres-Carneiro (1998) chama de “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”. Os ideais da individuação estimulam a autonomia pessoal dos cônjuges e, por outro lado, enfatizam que o casal deve sustentar o crescimento e desenvolvimento de cada um, surgindo a necessidade de realizar os desejos pessoais e os projetos conjugais. Segundo alguns autores, valorizar os espaços individuais, muitas vezes significa fragilizar os espaços conjugais; do mesmo modo, fortalecer o pertencimento demanda quase sempre ceder diante da individuação. Neste trabalho abordam-se as dimensões da conjugalidade nas perspectivas sociológica, teológica, bíblica e do Magistério da Igreja, observando-se as implicações que emergem das interações do casal. A partir das experiências do pesquisador junto a grupos de casais ligados à Igreja Católica, neste estudo exploratório, nosso interesse foi verificar a influência da espiritualidade conjugal das Equipes de Nossa Senhora, sobre os casais deste movimento, frente à individuação e ao pertencimento, enquanto dimensões da conjugalidade. Buscou-se compreender como estes casais lidam com situações da cultura contemporânea, que enfatiza a autonomia do indivíduo, bem como analisar as dimensões do carisma que favorecem as relações de pertencimento entre o casal. Foi utilizada a abordagem qualitativa para o percurso do método de estudo e para a construção do roteiro de coleta de dados. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro casais pertencentes a este movimento católico, residentes em Salvador. Estes casais são de classe média, de bairros diferentes e padrões sociais que se equiparam. A fim de preservar a identidade dos casais, eles foram renomeados de modo fictício. Para a análise dos dados, obtidos por meio das entrevistas, utilizamos a técnica de análise de conteúdo temática. Para o tratamento e a interpretação dos dados obtidos, elencamos duas dimensões da conjugalidade: uma caracterizada pela individualização e outra pelo pertencimento, sendo as duas construídas a partir da literatura sobre o assunto que é abundante e consensual. As informações fornecidas pelos casais envolvidos na pesquisa demonstraram que a maior parte deles tende para a dimensão do pertencimento, notadamente fusional, revelando que os casais entrevistados apresentam características que mais os aproximam do que os diferenciam. Mas os dados também apontaram para a influência do processo de individualização na vivência conjugal destes casais, revelando as ressonâncias do ideário moderno no campo do matrimônio. Assim, coexistem no relato de cada entrevistado as duas dimensões estudadas.

**Palavras-chave:** individuação, pertencimento, conjugalidade, casais católicos; espiritualidade conjugal.

## ABSTRACT

It has been observed that the society in last the forty years has had a vast changeability and the conjugality is being affected in expressive way, noticing a search in answering to the yearnings of the spouses. After the 60th, the culture occidental prioritized the autonomy and independence. The conjugal link delineated two poles in an interaction of achievement of itself and the other: the belonging and the individuation. Thus, the couple contemporary is collated by two paradoxical forces that Wound-Sheep (1998) calls “the difficult conviviality of the individuality with the conjugality”. The ideals of the individuation stimulate the personal autonomy of the spouses and, on the other hand, they emphasize that the couple must support the growth and development of each one, appearing the necessity to carry through the personal desires and the conjugal projects. According to some authors, to value the individual spaces, many times means to fragilizar the conjugal spaces; in a similar way, to fortify the belonging demand almost always to yield ahead of the individuation. In this work the dimensions of the conjugality in the perspectives are approached sociological, theological, Biblical and of the Teaching of the Church, observing themselves the implications that emerge of the interactions of the couple. From the experiences of the researcher next to groups of on couples to the Church Catholic, in this exploratory study, our interest was to verify the influence of the spirituality of the Teams of Ours Lady in the couples of this movement, front to the individuation and the belonging. We tried to understand as these couples deal with situations of the culture contemporary, who emphasizes the autonomy of the individual, as well as analyzing the dimensions of the charisma one that they favor the relations of belonging between the couple. The qualitative boarding for the passage of the study method and for the construction of the script of collection of data was used. Interviews half-structuralized with four pertaining couples to this movement had been carried through catholic, residents in Salvador. These couples are of middle class, of different quarters and social standards that if they equalize. In order to preserve the identity of the couples, them they had been renomeados in fictitious way. For the analysis of the data, gotten by means of the interviews, we use the technique of thematic analysis of content. For the treatment and the interpretation of the gotten data, we listed two dimensions of the conjugality: one characterized for the individualization and another one for the belonging, being the two constructed from literature on the subject that is abundant and consensual. The information supplied for the involved couples in the research had demonstrated that most of them tends for the dimension of the belonging, notably fusional, disclosing that the interviewed couples present characteristics that approach more them of they differentiate what them. But the data had also pointed with respect to the influence of the process of individualization in the conjugal experience of these couples, disclosing the resonances of the modern ideas in the field of the marriage. Thus, they coexist in the story of each interviewed the two studied dimensions.

**Key-words:** individuation, belonging, conjugality, catholic couples; marital spirituality.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>NOTA METODOLÓGICA.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A FAMÍLIA FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS: AUTONOMIA E IGUALDADE.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>A TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE FAMILIAR.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3</b>	<b>PÓS-MODERNIDADE E FAMÍLIA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.4</b>	<b>O PRIMADO DO INDIVÍDUO: O CASAMENTO E A VIDA PESSOAL.....</b>	<b>30</b>
<b>3.5</b>	<b>A FAMÍLIA E OS DESAFIOS HODIERNOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA CONJUGALIDADE.....</b>	<b>34</b>
<b>4.1</b>	<b>A GUINADA ANTROPOLÓGICA E AS MUDANÇAS NO SEIO DA FAMÍLIA.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2</b>	<b>A EMERGÊNCIA DOS GÊNEROS MASCULINO E FEMININO E AS SUCESSIVAS GERAÇÕES.....</b>	<b>39</b>
<b>4.3</b>	<b>A CONJUGALIDADE E SUAS MATIZES EM NOVOS CONTEXTOS .....</b>	<b>40</b>
<b>4.3.1</b>	<b>O casal como assunto de pesquisa .....</b>	<b>40</b>
<b>4.3.2</b>	<b>A vida familiar e os parâmetros emergentes.....</b>	<b>42</b>
<b>5</b>	<b>A CONJUGALIDADE SOB O PRISMA BÍBLICO, MAGISTÉRIO E TEOLÓGICO.....</b>	<b>44</b>
<b>5.1</b>	<b>PERSPECTIVA BÍBLICA .....</b>	<b>44</b>
<b>5.1.1</b>	<b>A posição econômica e a poligamia.....</b>	<b>47</b>
<b>5.1.2</b>	<b>A encarnação de Cristo e o novo sentido do matrimônio.....</b>	<b>48</b>
<b>5.2</b>	<b>PERSPECTIVA DO MAGISTÉRIO DA IGREJA.....</b>	<b>49</b>
<b>5.2.1</b>	<b>O sacramento do matrimônio e a intrínseca imersão na Trindade.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.2</b>	<b>O matrimônio: indissolúvel desde “o princípio” .....</b>	<b>55</b>
<b>5.2.3</b>	<b>Do rompimento da aliança à renovação esponsal.....</b>	<b>57</b>
<b>5.2.4</b>	<b>A conversão: adesão à fecundidade espiritual em Cristo.....</b>	<b>58</b>
<b>5.2.5</b>	<b>A família é a primeira escola de sociabilidade.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3</b>	<b>PERSPECTIVA TEOLÓGICA.....</b>	<b>61</b>
<b>5.3.1</b>	<b>A pessoa humana e a capacidade de auto determinar-se.....</b>	<b>63</b>
<b>5.3.2</b>	<b>A comunidade conjugal: dom de si e da família.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.3</b>	<b>Equipes de Nossa Senhora: escola de formação, oração e vida.....</b>	<b>65</b>
<b>5.3.4</b>	<b>O corpo exprime a pessoa e suas relações.....</b>	<b>67</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Teologia do corpo: primado da pessoa.....</b>	<b>69</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Equipistas: homens e mulheres fiéis a um carisma .....</b>	<b>72</b>
<b>6</b>	<b>A ÊNFASE NO PERTENCIMENTO .....</b>	<b>74</b>
<b>6.1</b>	<b>SOBRE AS EQUIPES DE NOSSA SENHORA.....</b>	<b>74</b>
<b>6.1.1</b>	<b>História.....</b>	<b>74</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Por que se denomina Equipe de Nossa Senhora? .....</b>	<b>76</b>

6.1.3	A mística da Equipe .....	76
6.1.4	O testemunho.....	77
6.1.5	O movimento E.N.S. propõe os meios para o caminho traçado por Cristo para engajamento dos casais .....	77
6.1.6	Orientações de vida.....	78
6.1.7	Pontos concretos de esforço.....	78
6.1.8	Uma vida em equipe.....	79
6.1.9	Reunião da equipe .....	79
6.1.10	Unidade e organização .....	81
6.2	ANALISANDO OS EQUIPISTAS .....	82
6.2.1	Aliança entre homem e mulher.....	83
6.2.2	A valorização da individualidade.....	85
6.2.3	Espiritualidade conjugal: amar o outro com o amor de Deus .....	88
6.2.4	Individuação e pertencimento: dimensões da conjugalidade.....	90
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	99
	REFERÊNCIAS.....	102
	APÊNDICES .....	109

## 1. INTRODUÇÃO

Entre os desafios que as Ciências Humanas têm se dedicado a estudar, a família está em pauta. Se para alguns a família como instituição está relacionada ao inevitável conservadorismo, para outros ela é um recurso para as pessoas e para a sociedade, porque insere o indivíduo em processos basilares da construção da identidade. Bronfenbrenner (2004), atuando no campo do desenvolvimento humano, afirma que a família é coração do sistema social.

Entre o conjunto de transformações familiares vivenciadas pelas sociedades nas últimas décadas do século XX, observa-se que a conjugalidade contemporânea passa por ajustes, no intuito de responder aos anseios dos cônjuges e da sociedade. A estrutura patriarcal familiar que havia se firmado no contexto da cultura rural, entrou em declínio. A emancipação da mulher, no espaço público e privado, a sua significativa participação no campo profissional, a sua importante contribuição nos aspectos econômicos e financeiros são crescentes e caracterizam-se como um relevante fator de mudança. Propensa a reestruturar-se em vista de um futuro que garanta autonomia e igualdade, em uma sociedade crítica e reflexiva, a vida das mulheres não está mais relacionada diretamente à submissão pelo casamento. Esta abertura de perspectiva deu margem, de modo intuitivo, ao “amor confluyente”, marcado pela abertura de “um” em relação ao “outro”, sendo um amor ativo, contingente, em choque com as categorias do amor romântico, que era “para sempre” e “único”. Quanto mais o “amor confluyente” consolidava-se em parâmetros da realidade do casal, mais consistente torna-se o relacionamento dual.

Para Singly; Peixoto; Cichelli (2000), o casal e a família contemporânea primam pela individuação, enfatizando a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. A relação conjugal, enquanto for “útil” e prazerosa para os cônjuges, permanecerá. Após os anos 60, a cultura ocidental primou pela autonomia e independência e desse modo, os ideais da individuação estimularam a autonomia pessoal dos cônjuges. Hoje, o discurso social descreve o casamento ideal como sendo aquele no qual, tanto o homem quanto a mulher, invistam em suas carreiras profissionais e compartilhem responsabilidade pela educação dos filhos e cuidados com a casa.

A pós-modernidade destaca-se pela individuação, que deve ser respeitada. Contudo, essa valorização não representa o menosprezo pelo grupo familiar. Mas o drama existente implica que, dentro da conjugalidade, o indivíduo adulto individualizado vive uma busca

constante de superação das ambigüidades, numa oscilante variação, entre pertencimento e individuação, podendo ao mesmo tempo haver uma interação. De modo multidisciplinar, a ciência tem contribuído no sentido de compreender os parâmetros que regulam e motivam o relacionamento conjugal, buscando oferecer à sociedade as condições fundamentais para que essas metas respondam aos anseios fundamentais do bem estar e realização do ser humano. A conjugalidade é considerada por alguns autores um todo articulado e coeso, uma unidade de personalidade em interação, existindo primordialmente para o desenvolvimento e gratificação mútua. Não são apenas unidades psíquicas, mas personalidades sociais e gêneros sexuais abertos à reciprocidade. Nesse contexto, a dinâmica conjugal inclui a realidade de “ser dois, sendo um”, fenômeno também denominado pela literatura sobre casamento e terapia de casal como “identidade conjugal” ou conjugalidade. Assim, cada casal cria seu modelo único de ser casal, “absoluto do casal”, que define a existência conjugal e determina seus limites. Ressalte-se que essa fusionalidade, proposta pelos autores, pode ser entendida como equivalente à dimensão do pertencimento conjugal, na medida em que o casal se posiciona no mundo em relação ao outro e percebe que sua identidade se dá também a partir do outro. O sentido de pertencimento surge com a experiência que se obtém na relação e a partir das atribuições assumidas pela pessoa. Nesse último caso, pode ser citada a pertença a um grupo religioso. No caso estudado, os casais entrevistados compartilham do mesmo contexto social de pertencimento, por participarem do mesmo movimento religioso. Para Minuchin (1982), “cada sentido de identidade individual é influenciado por seu sentido de pertencimento a diferentes grupos” (1982, p. 53). Pode-se afirmar ainda que o pertencimento se relaciona com a existência do indivíduo e na forma como se reconhece.

Após um levantamento da literatura, observou-se que os estudos na temática da espiritualidade conjugal são escassos. Dentre os autores que fazem esta abordagem, estão Caffarel (1957), Scola (2003), Reali (2008), Ouellet (1998), Allemand (1999) e Giussani (2004).

Segundo o fundador das Equipes de Nossa Senhora, o Pe. Caffarel (1957), a espiritualidade conjugal introduz os esposos no mistério de Cristo. No amor-mútuo, esses devem ver Cristo, e, na escuta, na acolhida e na oração conjugal, crescerem continuamente.

Para Scola (2003), o matrimônio, o amor conjugal e os atos próprios da “*una caro*” constituem o referencial da sponsalidade em Cristo. Segundo esse autor, os casais ao cultivarem a caridade entre si e abençoados pelo Senhor - que sana, aperfeiçoa e eleva a interação entre o humano e o divino - são cumulados de alegria e satisfação por toda a vida.

Já Reali (2008) registra que a espiritualidade conjugal se fundamenta na doação de Cristo que, tornando-se homem, eleva a criatura humana à imagem e semelhança de Deus. Ele também ressalta que o vínculo esponsal, homem e mulher, torna-se sinal dessa pertença a Cristo.

Ouellet (1998) afirma que o amor humano em sua beleza e fragilidade permite transparecer como um ícone vivente a glória interna de Deus. É no matrimônio que o casal é agraciado, para ser aquele esplendor de Cristo e da Igreja. Segundo Ouellet (2004), o Espírito Santo é infundido na celebração sacramental e oferece aos esposos cristãos o dom de uma comunhão nova. Dessa forma, o casal assume um amor que é imagem viva e real daquela singularíssima unidade que torna a Igreja indivisível corpo místico do Senhor Jesus. Essa comunhão não nasce de uma relação humana mais ou menos frágil, inconsistente, mas da graça santificante que os fortalece para promover todos os seus dinamismos. Esse autor ainda registra, tratando da espiritualidade conjugal que o grande artífice da santificação do dom do amor conjugal é o Espírito Santo. Este transmitiria aos cônjuges o seu modo próprio de ser comunhão de pessoas, o mestre interior do amor dos cônjuges; ensina-lhes saborear mais profundamente e de modo mais puro a alegria da comunhão e incita-os a se amarem com seu amor, lançando-se um ao outro delicada e sinceramente no primado do acolhimento (OUELLET, 1998). Nos momentos difíceis, o Espírito faz com que obtenham pacientemente a conversão do coração mediante o sofrimento da humilhação e da reconciliação, depois do pecado. Em todas as circunstâncias, o Espírito ensina a rezar e no amor sacramental, a pessoa é chamada para crescer na santidade.

Ao tratar da espiritualidade conjugal, Allemand (1999), citando Caffarel, ressalta que as atitudes básicas para um cristão - tais como a procura da vontade de Deus, que se realiza na assiduidade; a procura da capacidade de viver na verdade e a aquisição de um espírito de comunhão na Igreja e no mundo - revestem-se nas Equipes de Nossa Senhora, de um matiz de conjugalidade, vivida a dois pelo casal.

Por fim, ao abordar a espiritualidade conjugal, Guissani (2004) afirma que cada cônjuge deve ser para o outro presença do próprio Cristo. Para esse autor, o relacionamento com o Mistério, a partir do sacramento do matrimônio, passa necessariamente por essa relação preferencial e exclusiva.

É importante dizer que a Igreja Católica, em todo o seu Magistério, motiva os casais a cultivarem a espiritualidade na vida conjugal. Em muitos de seus documentos, encontramos o ensinamento de que o amor recíproco e total, a generosidade, o espírito de sacrifício e a assiduidade na oração, os fará crescer em comunhão e os afastará das circunstâncias que, se

opondo aos valores evangélicos, podem desuni-los, tais como adultério e divórcio. Dentre os documentos de orientação da Igreja para a vida conjugal, ressalta-se a *Familiaris Consortio*, de João Paulo II (2005). Nessa exortação apostólica, o Papa de veneranda memória, ao falar da importância da espiritualidade conjugal, ressalta que o amor conjugal faz brotar a plenitude da caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a santidade de Cristo.

Estudando o carisma<sup>1</sup> das Equipes de Nossa Senhora - ENS<sup>2</sup>, buscou-se analisar as dimensões desse que favorecem as relações de pertencimento entre o casal. Segundo o Guia das Equipes de Nossa Senhora (2000, p. 78-79), a espiritualidade do movimento está, em grande medida, baseada nos “Pontos Concretos de Esforço”. Esses, por sua vez, podem ser descritos em seis aspectos: "escutar" assiduamente a Palavra de Deus; reservar, todos os dias, o tempo necessário para um verdadeiro encontro com o Senhor na (meditação); encontrar-se cada dia, marido e mulher numa oração conjugal (e, se possível, familiar); dedicar, cada mês, o tempo necessário para um verdadeiro diálogo conjugal, sob o olhar do Senhor ("dever de sentar-se"); fixar cada um a si mesmo uma "regra de vida" e revê-la todos os meses. Ainda seguindo essa “regra”, o casal deve colocar-se cada ano diante do Senhor para rever e planificar a sua vida, durante um retiro de pelo menos 48 horas, vivido, se possível, em casal.

Em diversos materiais do movimento, encontram-se também ressaltados esses pontos referentes à espiritualidade conjugal. No primeiro ponto, o casal é chamado pelo movimento, fundamentado no texto da Sagrada Escritura, a reunir-se em nome de Cristo. Essa atitude é constantemente confirmada pela citação do livro de Mateus, capítulo 18, versículo 20: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”. O segundo ponto se refere à ajuda-mútua. Por meio desse princípio, cada membro do casal deve se dispor a ajudar o outro material e espiritualmente. Em terceiro lugar, tem-se a ajuda-mútua conjugal. Assim, no casamento cada um é convidado a crescer no cultivo do que há de *sui generis* nas diferenças e na reciprocidade como casal. O quarto aspecto aponta para a ajuda mútua no caminho da Santidade. Dessa forma, os casais devem buscar os caminhos que os levam a uma mais profunda união com Deus e cultivam a santidade na vida familiar. No quinto ponto, a

---

<sup>1</sup> O carisma aqui é entendido tal como definido por Giussani (2008): “dom do Espírito dado a uma pessoa, num determinado contexto histórico, para que ela dê início a uma experiência de fé que seja de algum modo útil para vida da Igreja. Destaco o caráter existencial do carisma: ele torna mais convincente, mais persuasiva, mais “abordável” a mensagem cristã própria da tradição apostólica. [...] Trata-se de um enfoque que torna existencial a proposta da fé. Muitas vezes digo que um carisma é um terminal último da Encarnação, ou seja, uma modalidade particular através da qual o fato de Jesus Cristo homem-Deus me alcança e, por meio da minha pessoa, pode alcançar a outros”. (O carisma de CL. Disponível em: <http://www.cl.org.br>)

<sup>2</sup> Neste trabalho, como é utilizado por muitas vezes o nome do movimento, optamos por utilizar a sigla: ENS.

recitação do “Magnificat” como oração comum do casal e de todos os equipistas, constitui a intercessão por todos os casais do mundo. Assim, o casal é convidado a rezá-lo juntos, nesta ajuda mútua na oração. No sexto aspecto, tem-se a ajuda mútua para aprofundamento da fé. Por meio dela, o casal aprofunda seus conhecimentos e objetivos com os outros membros da equipe e a ajuda de um conselheiro espiritual. Por fim, há também a ajuda - mútua nas diferentes etapas de casamento. Desse modo, nos primeiros anos de casamento, um casal jovem vai descobrindo as conseqüências das promessas que fizeram. As equipes se propõem a fazê-los “nascer” numa comunidade que o sustenta. “Poderão desfrutar do aconchego, do suporte e a ajuda de uma grande família. Do mesmo modo, dificuldades de diversas etapas, como: doença, morte, aposentadoria, etc.” (GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA, 2000, p. 80-81).

Essa pesquisa busca verificar a influência da espiritualidade das Equipes de Nossa Senhora nos casais desse movimento, frente à individuação e o pertencimento, enquanto dimensões da conjugalidade, buscando compreender como os casais lidam com situações da cultura contemporânea que enfatizam a autonomia do indivíduo, bem como analisar as dimensões do carisma que favorecem as relações de pertencimento entre o casal.

Com o intuito de responder a tais questionamentos, elegemos duas dimensões da conjugalidade: a individuação e o pertencimento. Para tanto, privilegiamos um modelo de análise comparada, semelhante a utilizada por Petrini (2007a) ao analisar os aspectos de totalidade e parcialidade, ao estudar a relação nupcial. Dessa forma, tomamos aspectos presentes no cotidiano conjugal tais como: renda (compartilhamento parcial ou total); lazer (aceitação da opção diferenciada de lazer do cônjuge ou compartilhamento das atividades de lazer); exercício profissional (auto-realização e expressão das próprias capacidades ou visando o bem comum e/ou premente necessidade); despesas domésticas (paridade nos gastos ou contribuição proporcional em relação à renda); atividades cotidianas do casal (realização de acordo com o permitido pelas circunstâncias ou valorização do compartilhamento); diálogo (meio de auto-expressão ou como instrumento privilegiado para superação de conflitos ou busca de conciliação); família de origem do cônjuge (ênfase em festas e datas comemorativas ou importância dada à convivência); amigos (aceitação da participação do cônjuge a outros círculos de amizade ou compartilhamento do mesmo círculo de amizade); escolarização e profissionalização dos cônjuges (meios de auto-realização e autonomia ou instrumentos para o bem comum do casal e da família) e por fim, atividades domésticas (repartição de tarefas de forma igualitária ou divisão de atividades conforme a disponibilidade de cada um).

Construímos esses aspectos para cada dimensão, individuação e pertencimento, a partir da literatura sobre o assunto que é abundante e consensual. Assim, tornou-se possível a caracterização da conjugalidade (Capítulo 6), procurando verificar para qual dimensão os casais tendiam mais.

Pensamos que essa pesquisa pode contribuir para enriquecer os estudos sobre família e conjugalidade no Brasil e abrir novas pistas de pesquisas em áreas até agora pouco abordadas - como a da influência da espiritualidade na vida do casal.

É importante salientar que não se pretende esgotar, neste trabalho, a extensão do tema escolhido. Este estudo, de caráter exploratório, apresenta informações que podem alimentar o diálogo interdisciplinar sob um ângulo ainda pouco debatido. Reforça-se a necessidade de novas pesquisas sobre as relações entre religiosidade e interações intrafamiliares, haja vista a reduzida produção no tema de espiritualidade conjugal.

## 2. NOTA METODOLÓGICA

Esta pesquisa, intitulada “Individuação e pertencimento em casais de movimento católico: as implicações da espiritualidade conjugal” busca verificar a influência da espiritualidade conjugal, das Equipes de Nossa Senhora, sobre os casais deste movimento, frente à individuação e ao pertencimento, enquanto dimensões da conjugalidade. Neste sentido, deseja-se verificar como os casais desse movimento lidam com situações da cultura contemporânea que enfatizam a autonomia do indivíduo, bem como analisar as dimensões do carisma que favorecem as relações de pertencimento entre o casal.

A relevância deste estudo dá-se pela compreensão das implicações da espiritualidade conjugal para casais de movimento católico, relacionadas às mudanças sociais hodiernas. Tal pesquisa também se justifica pela escassez de trabalhos que se dediquem a analisar as influências da mística<sup>3</sup> conjugal na vida do casal, diante dos desafios contemporâneos. Pensa-se ainda que os instrumentos utilizados pelas Ciências Humanas e Sociais são eficazes para a análise da conjugalidade e sua relação com a religiosidade.

Como primeiro passo, estudou-se a família frente às mudanças sociais, as relações entre os sexos (entre autonomia e igualdade), a transformação da realidade familiar na pós-modernidade, o primado do indivíduo, a interface do casamento com a vida pessoal e a família diante dos desafios hodiernos, utilizando-se da análise de autores como Giddens (1993), Lipovetsky (1989, 2004), Petrini (2003) e Donati (2008). Para o estudo da individuação foi consultada as obras de autores como Singly; Peixoto; Cichelli (2000) e Féres-Carneiro (1998, 2003).

Em seguida, considerou-se a conjugalidade sob o prisma da sociologia, a partir da guinada antropológica e das mudanças no seio da família, como descrito por Petrini, Moreira, Alcântara (2008), Sarti (2000), dentre outros, estudando-se a emergência dos gêneros masculino e feminino e as sucessivas gerações a conjugalidade e suas matizes em novos contextos. Assim tomou-se o casal como assunto de pesquisa e a vida familiar com seus parâmetros emergentes.

Depois da revisão da literatura das Ciências Humanas relativas à sociedade moderna em mudança e dos reflexos da contemporaneidade sobre a família, a fim enriquecer ainda mais o trabalho na perspectiva multidisciplinar, elaborou-se uma abordagem teológica para entender o

---

<sup>3</sup> Entende-se por “mística” neste trabalho a sintonia com o Espírito Santo. Esta expressão, derivada do grego “mistiké”, significa “presença”.

ambiente religioso do qual surge o movimento das Equipes de Nossa Senhora. Desta forma, a conjugalidade foi analisada sob o prisma bíblico, teológico e do Magistério da Igreja, abordando-se, por exemplo, temáticas como o sacramento do matrimônio, sua indissolubilidade e sua intrínseca imersão na Trindade, a conjugalidade como dom de si, a sexualidade conjugal como dádiva do Criador e sua interface com o mistério nupcial: relação homem-mulher, sinal da unidade Cristo-Igreja.

A etapa seguinte da presente pesquisa constitui na busca de dados, por meio das entrevistas com casais das Equipes de Nossa Senhora, com o intuito de investigar em sua prática cotidiana as implicações da espiritualidade conjugal proposta pelo movimento para a vida concreta de seus participantes.

Utilizou-se neste estudo como técnica de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Este instrumento nos ofereceu a possibilidade não apenas de reconstruir as histórias familiares individuais, como também de apreender as representações dos atores articuladas a seu "contexto experiencial" (BLANCHET, GOTMAN, 1992). Convém ressaltar, para justificar nossa escolha de instrumento de levantamento de dados, como também, aliás, de técnica de análise destes, o caráter exploratório da pesquisa proposta. Após o teste do roteiro, com um casal piloto, foram realizados os ajustes necessários e buscou-se à coordenação das Equipes de Nossa Senhora, para que esta indicasse casais participantes do movimento, que se adequassem ao perfil desta pesquisa. Desse modo, foi realizado o convite a 16 casais indicados, dos quais 4 aceitaram participar do estudo. Este foi realizado em Salvador (Ba) que tem 37 ENS, que pertencem à Igreja Católica. Participaram da pesquisa casais de equipes diferentes do referido movimento. São casais de classe média de bairros diferentes, e qualidade e padrões de vida que se equiparam. Para preservar a identidade dos casais, eles foram renomeados de modo fictício. Alguns dados sobre eles constam a seguir:

#### *Casal Nunes*

Ambos os cônjuges têm 47 anos, têm dois filhos homens, um adulto e outro adolescente. São empresários, têm o nível de escolaridade superior, renda de 25 salários mínimos. Na casa reside o casal, os dois filhos e duas pessoas adultas da família (da esposa). Moram em Itapuã e há oito anos estão nas Equipes de Nossa Senhora. A origem da família de ambos é modesta. As possibilidades hoje oferecidas aos filhos é fruto de um esforço e dedicação aos estudos e trabalho. O casal sente-se fortalecido pela experiência familiar que os pais cultivaram e atualmente é referencial de orientação para a educação dos filhos. A oportunidade oferecida

aos filhos em organizarem o cotidiano entre esporte, trabalho e estudos para o mais velho, e ao filho adolescente, esporte e estudos, evidencia o desejo dos pais de uma qualidade de vida e sucesso profissional no futuro. Reconhecem em ambos os filhos a sociabilidade, alegria e o empenho. Ressalta-se o bom relacionamento e diálogo entre o casal e os filhos, o que tem favorecido o desempenho das metas que esta família tem atingido, porque os mesmos enfatizam a contribuição das Equipes de Nossa Senhora.

#### *Casal Lima*

Ele tem 68 anos e ela tem 61 anos, são aposentados. Ele concluiu o seu grau técnico em Administração e ela tem nível de escolaridade superior. Foi professora. Possuem uma filha adulta casada e a renda mínima do casal é de 25 salários mínimos. Moram no Caminho das Árvores. Na residência reside o casal e uma secretária que trabalha há bastante tempo na família. Esta é considerada como uma amiga, pessoa da família e excelente profissional. O casal está há oito anos nas ENS. Dividindo o tempo entre a família, Igreja, lazer e a prática de esportes mencionam que exceto um período difícil de um problema de saúde da mulher que fora operada, a harmonia ao longo da vida foi notável na experiência dos mesmos. Tendo apenas uma filha, hoje casada, que tem um filho, estão sempre juntos, acreditam que faz sentido perseverar nos propósitos que já haviam adquirido dos pais. Enaltecem a presença dos amigos e irmãos de comunidade, da dedicação do pároco deles e das Equipes que muito colaboram no dinamismo que os tem motivado na caminhada.

#### *Casal Moura*

Ele tem 51 anos e ela 50 anos. Ambos têm nível de escolaridade de ensino médio completo. Têm duas filhas adultas universitárias. A renda do casal é de 20 salários mínimos. Ambos trabalham em uma empresa em que são sócios. Ele viaja constantemente e ela todos os dias está em casa. Mora na residência o casal e as duas filhas. Residem em Itapuã. Têm mais de oito anos nas ENS. Sendo o casal e duas filhas, eles têm características comuns às famílias anteriormente mencionadas, poucos filhos. De educação tradicional interiorana recebida dos pais e transmitida às filhas de maneira modesta, harmônica e dialogal. Manifestam contentamento pelo projeto de vida abraçado. A dedicação às filhas, a reciprocidade do casal, o zelo profissional e a participação na comunidade eclesial constituem referencial que dinamiza o casal e as filhas. O marido reconhece que a mulher é a mediação

de articulação em todos os aspectos, por sua oportunidade de dedicação no campo pedagógico como voluntária em uma obra social próxima da sua residência, e a habilita de modo a ser boa conciliadora. Isso permite ao marido nas diversas viagens ligada ao trabalho sentir-se confiante, seguro. O casal relata o respeito à individualidade como condição para uma boa convivência. Sentem o conforto, a ternura e o aconchego das filhas que deixam transparecer a felicidade pelos pais que eles são.

### *Casal Oliveira*

Ele tem 68 anos e ela 58 anos. São profissionais liberais. Ambos têm nível de escolaridade superior completo. Têm três filhos. Renda deles é de 30 salários mínimos. Ambos aposentados que continuaram trabalhando. Na residência mora o casal e o filho mais novo. Têm 10 anos de participação nas ENS. Moram no bairro da Barra. O casal destaca a importância que seus pais deram à família pelo valor que a família é para a vida da pessoa. Sobretudo a mulher menciona o rigor com que fora educada, pelas exigências do pai que a mantinha controlada pela presença dos irmãos. Se para os filhos homens haviam mais liberdade e autonomia, para ela o projeto do pai era o namoro na maioridade e não deveria ser empecilho para os estudos, devendo portanto casar-se depois de concluir a faculdade. Ambos reconhecem que os dez primeiros anos de casados foram difíceis, inclusive o primeiro filho não foi bem assistido pela presença dos pais por causa das exigências profissionais. O segundo e o terceiro filhos tiveram contexto diferentes pela participação dos pais, onde o marido menciona que tem bom relacionamento na família, mas a mãe é mais tática para conversar tudo com os filhos. Embora já estejam aposentados continuam a trabalhar em carga horária menor, dedicando mais tempo para a família e a Igreja. O casal ressalta o apoio dos filhos na participação da comunidade eclesial pelo exemplo de casal de feliz que transparecem.

Os instrumentos utilizados neste trabalho foram construídos a partir da experiência do pesquisador, por meio de leituras, retiros, encontros, palestras, congressos, seminários, atendimento personalizado e orientações espirituais de casais. O roteiro que foi aplicado aos casais, em separado, apresentou os seguintes tópicos:

1. Caracterização dos participantes
2. Conversa sobre família
3. O casal

4. Relacionamento do casal com os filhos
5. O casal, a Igreja e o movimento

Aliando as entrevistas com o dado da experiência de vida dos casais, outras fontes de referências utilizadas como instrumento foram os documentos e periódicos (carta mensal elaborada pelo Movimento das ENS), que norteiam os horizontes condensados e propostos pelo movimento.

Foi construída a metodologia do estudo, assim como o roteiro de coleta de dados. Após elaboração do projeto de pesquisa, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Católica do Salvador, sendo aprovado (Apêndice A).

Tendo-se procedido a entrevista em caráter experimental piloto com dois casais, ocorreu logo após a entrevista com roteiro construído sob o parecer do orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Petrini. A entrevista foi construída com base na análise qualitativa, seguindo os métodos sugeridos pelos teóricos que a delineiam. Aconteceram pequenas modificações e feitos os ajustes, concluiu-se a versão final que se encontra em apêndice. Dos doze casais convidados para a entrevista, quatro se colocaram prontamente à disposição, realizando-se assim a coleta de dados.

De acordo com os horários convenientes aos casais, realizou-se a coleta de dados. Portanto, de um por um, procedeu-se a entrevista com as oito pessoas, dos quatro casais membros das Equipes de Nossa Senhora, de diferentes Equipes de Salvador – BA.

O trabalho de campo fora realizado de junho a novembro de 2007. Três casais foram entrevistados na própria casa e o outro casal foi entrevistado no ambiente em que trabalham. O tempo da entrevista foi de 1h e 1h30.

Concluída a gravação das entrevistas, elas foram transcritas. George Gaskell (2002) ressalta que, ao ler e reler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase revive a entrevista. Então, iniciou-se a análise dos dados, utilizando-se para o estudo desta pesquisa a análise qualitativa. Por meio da abordagem qualitativa, mencionada por Melucci (2005) e por Bourdieu (2004), a realidade observada e descrita oferece elementos para a percepção do panorama *sui generis* que se transparece nas realidades estudadas. Por este instrumento foi possível ver por vários ângulos a reconstrução das histórias familiares individuais e aprender dos atores mencionados o contexto experiencial. O levantamento de dados foi tomando significado a partir das leituras que foram realizadas do delineamento proposto pelos diversos teóricos em questão.

Para a análise dos dados dos quatro casais entrevistados, usou-se o seguinte método: em primeiro lugar, tomaram-se os indicadores citados nos capítulos teóricos deste estudo, referentes às perspectivas do pertencimento e da individuação. Tendo em vista os indicadores correspondentes a cada uma das perspectivas, tomou-se cada entrevista separadamente, identificando-se no relato de cada entrevistado, os indicadores mencionados. Depois tratamos de analisar cada indicador levantado e para facilitar esta análise, construiu-se um quadro com elementos oriundos da teoria ou das interpretações feitas a partir dessa, que caracterizam as dimensões da individuação e do pertencimento.

Interessante observar que os casais entrevistados estão numa variante oscilação entre pertencimento e individualização. Ressaltem-se aqui alguns indicadores que sinalizam esta interatividade que os casais vivem no seu cotidiano. No pertencimento aventa-se: compartilhamento total da renda; exercício profissional que vise o bem comum ou a premente necessidade dos cônjuges; contribuição nas despesas domésticas de forma proporcional à renda; valorização do compartilhamento das atividades cotidianas com o cônjuge; diálogo visto como meio privilegiado para superação de conflitos ou busca de conciliação; importância dada à convivência com a família de origem do cônjuge; compartilhamento do mesmo círculo de amigos e divisão das atividades domésticas conforme a disponibilidade de cada um.

A outra vertente carregada de significado, que tanto se enfatiza atualmente é o respeito ao primado do indivíduo, que tem o seu limiar na individualização, sendo referência para a simetria, o equilíbrio no relacionamento conjugal-familiar e na sociedade. Portanto, aqui mencionam-se alguns indicadores da individualização: compartilhamento parcial da renda, exercício profissional visto como auto-realização e expressão das próprias capacidades, paridade nos gastos domésticos, realização das atividades cotidianas do casal de acordo com o permitido pelas circunstâncias, diálogo visto como meio de auto-expressão; relacionamento com a família de origem do cônjuge focado em festas e datas comemorativas, aceitação da participação do cônjuge a outros círculos de amizade e repartição de tarefas domésticas de forma igualitária.

### 3 A FAMÍLIA FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS

Tem-se observado que a sociedade, nos últimos quarenta anos, tem tido uma vasta mutabilidade e que, a conjugalidade está sendo afetada de modo notável. A emancipação da mulher no espaço público e privado, a sua significativa participação no campo profissional e sua importante contribuição nos aspectos econômicos e financeiros são crescentes. O discurso da globalização e concernente a isto, a individuação, a autonomia, a satisfação pessoal e os questionamentos sobre a relação de gênero têm ocasionado uma diversidade de convivências.

Giddens (1993), ao escrever sobre a transformação da intimidade, observa que a literatura do amor romântico do final do século XVIII afetou muito as mulheres. Entre os fatos considerados estava o “amor à primeira vista” como “amor especial”. Segundo esse autor, o “primeiro olhar” de uma atitude comunicativa - empreendendo intuitivamente as qualidades do outro - geraria o processo de atração por alguém e poderia tornar a vida do outro “completa”. A idealização do lar, a modificação das relações entre pais e filhos e a assim também denominada “invenção da maternidade”, no tocante à situação das mulheres, estavam intimamente integradas. Passava-se assim da autoridade patriarcal à afeição maternal. (GIDDENS, 1993; LUHMANN, 1986; ROMANELLI, 1995).

A imagem da “esposa e mãe” reforçou o modelo dos “dois sexos”, sobretudo em termos das atividades e dos sentimentos, em que as mulheres ficaram reconhecidas como sendo diferentes e incompreensíveis, partes de um domínio estranho aos homens. Nas diferentes culturas, a idéia de que cada sexo é diferente para o outro, é antiga. Contudo, distintamente nova é a associação, que se fazia entre maternidade e feminilidade, como sendo algo semelhante à personalidade, impregnada de concepções bastante firmes da sexualidade feminina (GIDDENS, 1993).

A idéia de amor romântico estava claramente associada à subordinação da mulher ao lar e ao seu isolamento do mundo exterior, de modo que na obra *The Well Ordered Family*, Wadsworth (1712) declarou (sobre o casal casado), que o dever do amor mútuo deve ser realizado entre ambos, reciprocamente. Nessa obra, do final do século XVIII, o autor expressa a idéia de boa ordem familiar, como aquela na qual a mulher submete-se inteiramente às ordens do marido, sem questioná-las. Como observa Cancian (1987) nessa época, quando se falava de amor, trata-se de amor companheiro, ligado à responsabilidade mútua de maridos e esposas pelo cuidado da família ou da propriedade.

Segundo Giddens (1993), o consumo ávido de novelas e histórias românticas era testemunho da passividade que o indivíduo buscava no êxtase, o que era negado no mundo comum. Para esse autor, tal cenário era o retrato das histórias românticas que revelavam a incapacidade de chegar a auto-identidade frustrada na vida social real. Desde o princípio o amor romântico suscitava a intimidade, o que presumia uma comunicação psíquica, um encontro de almas com caráter integrador. Para Giddens (1993), esse vazio preenchido está relacionado com a auto-identidade que favorece ao indivíduo fragmentado, tornar-se inteiro. Mas a idéia do amor romântico, associado durante muito tempo ao amor, ao casamento e à maternidade, considerado “para sempre e verdadeiro”, uma vez encontrado, não se gestou. Desta forma, a conexão do amor frágil e o casamento idealizado para sempre, foram permeados por anos de infelicidade, mesmo que o casamento significasse para as mulheres o símbolo da mulher “respeitável”. Atrélava-se o valor da mulher ao casamento - o casamento era o objetivo primário das mulheres - e à custódia do homem. A “perda da virgindade” que, para os rapazes, sempre foi uma expressão imprópria, já que representava, de fato, para eles, uma vitória, um ganho, uma adição, para as garotas, foi uma entrega, embora ambas experiências fossem diretamente relacionadas a experiências românticas. A busca do romance e a primeira experiência sexual, esperados com ansiedade, nem sempre representaram a chegada do “meu príncipe”, idealizado pelas mulheres, entraram em declínio com as feministas do século XIX, que se posicionaram, rompendo a conexão entre sexo e relacionamento, o qual se constituía um meio dos homens se comprometerem (GIDDENS, 1993).

### ***3.1 Relações entre os sexos: autonomia e igualdade***

Quando se passa a romper com normas, padrões e tabus anteriormente estabelecidos, investindo-se sua energia emocional, não mais em sonhos, idealizações, mas propensa a reestruturar-se em vista de um futuro que garanta autonomia e igualdade, em uma sociedade crítica e reflexiva, a vida das mulheres não está mais relacionada diretamente à submissão pelo casamento (GIDDENS, 1993). Segundo Rocha-Coutinho (2005), a maior parte dos jovens e das jovens faz referência ao trabalho como uma importante fonte de significado para as suas vidas. Às jovens, admitia-se abraçar uma carreira que desejassem e que ao casar lhe desse segurança e que, caso algum dia fossem deixadas pelo marido, estariam totalmente independentes.

Segundo Giddens (1993), foi somente na última geração que, para as mulheres, viver a própria vida significou deixar a casa dos pais. Enquanto para os homens, no seu projeto de vida, a linguagem exprimia a fala, individualizava o “eu”, no caso feminino, de modo discreto, as narrativas sobre si mesmas, tendem a expressar-se em termos de “nós”. As crises se assolaram e as mulheres se afastavam da idéia que correspondia às suas mães, de “domesticidade confinada” (GIDDENS, 1993) e os processos foram muito tensos, mas a idéia do amor romântico ajudou a abrir caminhos para o relacionamento-puro. Segundo Giddens (1993), essa expressão chegou ao uso geral numa época relativamente recente, “significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa” (1993, p. 68). A manutenção desse tipo de relação se dá enquanto ambos considerarem as satisfações suficientes para cada uma das pessoas individualmente. Essas crises se aprofundaram e desembocaram em mudanças profundas na forma de viver o amor na modernidade avançada.

Desde o início dessas transformações, que afetaram o casamento e a vida pessoal, os homens em geral se eximiram do processo do domínio da intimidade; as mulheres estavam respaldadas, seja pela virtude ou pela reputação, e protegidas pela união santificada pelo casamento e os homens, “especialistas em amor”, com respeito à sedução ou conquista. A emancipação da mulher no campo intelectual e no profissional desembocou na fragmentação do amor romântico, sob pressão da autonomia sexual feminina. Uma nova cena se instaura na identificação projetiva do amor romântico que encontra uma sensação de totalidade no parceiro idealizado. Por esse motivo, o ideal projetado pelas diferenças entre os parceiros, torna-se aberto a novos rumos. Assim, cada parceiro pode se dispor a alterar os rumos de seus projetos de vida por causa do outro. Por outro lado, as diferenças masculinas e femininas se intensificaram, cada uma delas definidas em termos de uma antítese.

Essa abertura de perspectiva deu margem, de modo intuitivo, ao “amor confluyente”, marcado pela abertura de “um” em relação ao “outro”, sendo um amor ativo, contingente, que tinha seus choques com as categorias do amor romântico, que era “para sempre” e “único”. Quanto mais o “amor confluyente” consolidava-se em parâmetros da realidade do casal, mais consistente torna-se o relacionamento dual. Para Giddens (1993), o “amor confluyente”, pela primeira vez, introduzia às *ars* eróticas no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em ponto chave da manutenção ou dissolução do relacionamento conjugal.

A sociedade foi se reestruturando de forma que o “amor confluyente” possibilitasse a quase todos a oportunidade de tornarem-se sexualmente realizados, não se restringindo à heterossexualidade. Dessa forma, o “amor confluyente” estendeu-se à homossexualidade, pois

a idéia de romance demonstra certa influência sobre as distinções de feminilidade e a masculinidade em voga entre os parceiros do mesmo sexo. Embora não necessariamente andrógono, foi estruturado de modo a acentuar as diferenças e as peculiaridades do outro, que precisam ser fundamentalmente respeitadas. A sexualidade da pessoa no “amor confluyente” deve ser negociada como parte importante de um relacionamento (GIDDENS, 1993). Seguindo esse raciocínio, pode-se entender que o “amor confluyente” busca ser uma associação entre a auto-identidade e a autonomia pessoal. Portanto, argumenta Giddens (1993), a realização plena da pessoa abrange um vasto contexto em que a mesma, somente contemplada na sua totalidade constrói-se, interagindo nas relações sociais.

Eis o contraste do cenário moderno no qual apareceu um indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos. A cultura do efêmero (LIPOVETSKY, 1989, 2004) faz perceber os vínculos familiares mais como amarras que limitam a livre expressão da própria personalidade do que como recursos essenciais, para a própria realização humana e, por isso, destinados a durar no tempo (PETRINI, 2007b).

### **3.2 A transformação da realidade familiar**

Para a compreensão da realidade familiar na atualidade, deve-se remeter à grande variedade de formas, que foram associadas a modelos inadequados da tradição, considerados obsoletos. A estrutura patriarcal familiar estudada por Freyre (2006), que havia se firmado no contexto da cultura rural, entrou em declínio. Os parâmetros que regulamentavam as relações entre os sexos e as relações de parentesco foram relegadas ao abandono. Entre as classes sociais menos escolarizadas e que sofreram menos influência da cultura atual, percebe-se alguns indícios da conservação desses valores e comportamentos do passado. No entanto, crê-se que não se prolongará nas futuras gerações, em virtude de serem realidades já afetadas pelas tecnologias (como a internet), que difundem uma cultura cosmopolita, tendendo a homogeneizar os comportamentos da zona urbana e os da zona rural.

Como adverte Sarti (2000), os novos contextos sociais possibilitaram ganhos e perdas. As potencialidades ampliaram-se, como nunca, no mundo contemporâneo; mas, a tarefa de realizá-las é árdua. A vida cotidiana torna-se um exercício permanente de atenção para si e para os outros, se o objetivo for caminhar no sentido de uma transformação da intimidade, em

que seja possível, ao mesmo tempo, o desenvolvimento individual e o vínculo que a reciprocidade igualitária estabelece. Os relacionamentos são construídos, negociados e repensados continuamente.

Para Elias (1994), o desenvolvimento da sociedade rumo a um nível mais elevado de individuação abre caminho para formas específicas de insatisfação, chances específicas de realização de felicidade e contentamento para os indivíduos e formas específicas de infelicidade e incômodos, próprios de cada sociedade. Nesse contexto, podem se fazer exigências excessivas a si mesmo e assim, a meta que promete sentido e realização talvez não seja a que mais se ajuste às aptidões do indivíduo. A abundância de oportunidades e metas individuais nessas sociedades são equiparáveis às abundantes possibilidades de fracasso.

Como salienta Petrini; Moreira; Alcântara (2008), os antigos modelos de diferenciação de gênero são desconstruídos; outras diferenciações incidem pela indução do mercado ou segundo seus interesses. Atualmente, alguns aspectos da vida social atenuam a diferença entre o masculino e o feminino, inclusive contra as assimetrias pré-fixadas entre os sexos. Nesse sentido registra Donati (1998): “Não temos um código simbólico adequado para tratar o jogo das diferenças de gênero em condições de elevada complexidade” (1998, p. 135).

**Para diversos autores (COOPER, 1989; KALOUSTIAN, 1994; PETRINI, MOREIRA, ALCÂNTARA, 2008) a família nunca foi considerada tão fluida, com sua identidade tão diluída e contornos tão indefinidos a ponto de se propalar que ela virá a desaparecer. Enquanto instituição social considera-se que a mesma tem em seu bojo características, “*sui generis*”. Em tais diversidades, constata-se as contraposições pelo processo de mudança que vive a sociedade brasileira, pela gama de valores e metas, cujas turbulências alteram o ambiente sócio-cultural constituindo-se em verdadeiro paradoxo. Desse modo, as reações aos condicionamentos externos e suas reconstituições encontram-se em oscilante variação e transformações significativas.**

Segundo Bauman (1998), na pós-modernidade, a criação de uma comunidade humana viável precisa ser guiada pelo tríptico princípio de liberdade, diferença e solidariedade, sendo esta última a condição necessária a construção coletiva essencial, para o bem-estar da liberdade e diferença. Sem a solidariedade, é improvável alguma liberdade segura diante das diferenças e as “política de identidade”, seriam propensas a opressão. Como toda política tem princípios, também a política pós-moderna arrisca-se bastante a desafiar os seus próprios princípios. Esse autor afirma que a pós-modernidade não tem por parâmetro as exigências do

ser humano de felicidade, liberdade e solidariedade e sim o engendramento progressivo do mercado, do lucro e do poder.

Na pós-modernidade convivem as posições mais extremadas na busca da satisfação imediata, sem vínculo de referência passada e sem projeto consistente para o futuro. Os indivíduos parecem não ter parâmetros para o uso da sua liberdade. São induzidos às modas, pelo poder de sedução, pelo significado econômico que garantem o *status*, segundo as normas de mercado. A lógica mercadológica não deixa de influenciar as relações mais íntimas, como as familiares. Dessa forma, Petrini (2007a) registra os dois pólos que se opõem em termos de interações pessoais: relação ocasional e nupcial.

A nupcialidade, entendida nos limites da experiência humana, indica um relacionamento que constrói um nexos ou um vínculo que une uma pessoa à outra em contexto afetivo, para realizar um projeto comum de vida, por sua natureza dinâmica e submetida à variabilidade das circunstâncias, como é próprio da condição humana em sua dimensão temporal. (...) Este relacionamento torna-se uma relação humana e social caracterizada por uma reciprocidade, que se exprime no plano afetivo e sexual, bem como nas questões mais concretas da convivência cotidiana. (...) A relação ocasional tende a valorizar aspectos parciais, limitados, da outra pessoa, devendo o envolvimento com ela manter-se limitado. (PETRINI, 2007a, p. 829 e 833)

Como afirma Hall (1997), as mudanças rápidas e constantes na sociedade contemporânea, o sistema de significação e representação cultural se multiplicam, tornando até mesmo a ilusão de uma identidade unificada muito difícil. Para este autor, os sujeitos atuais estão vivenciando, muitas vezes de forma não consciente, uma identidade fragmentada, uma “celebração móvel”, isto é, uma identidade composta de várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas.

Donati (2008) afirma que é imprescindível buscar uma perspectiva tanto teórica quanto prática para a família. Segundo o autor, as duas abordagens devem caminhar juntas, pois se trata de uma nova maneira de olhar a realidade, bem como intervir sobre a mesma, quer no nível macro (políticas sociais e públicas, nacionais e supra-nacionais), quer no micro. Ele afirma que a abordagem relacional atinge o coração da família no sentido de reconhecer a peculiaridade, a originalidade da relação familiar, como diferente de todas as outras relações.

**Nas últimas décadas, sustenta alerta Petrini (2007b), as novas gerações divergem das anteriores, a dos pais e a dos avós, quanto às metas almeçadas, os valores respeitados e os critérios de decisão do que vale e do que se descarta. As novas gerações, muitas vezes, se encontram imersas numa estranheza em relação aos pais e às outras gerações no que diz respeito a aspectos relevantes da existência, de tal**

**forma que, as concepções das gerações anteriores são de modo geral, recusadas pelas novas gerações, tornando-se as relações inter-geracionais desgastantes e improdutivas. Nesse contexto, sendo a família o espaço em que se tem a primazia do encontro entre as diferentes gerações, pode-se perder a possibilidade de ser o lugar da valorização da afetividade familiar, vindo a prevalecer as instâncias de delimitação do diálogo e espontaneidade, substituídas por negociações pontuais.**

**Um fato interessante que Donati (2008) registra é que, com o aumento das esperanças de vida, encontram-se em algumas famílias três, quatro e até cinco gerações convivendo simultaneamente. Hoje os filhos tendem a ficar na casa dos pais até se profissionalizarem e providenciarem sua própria casa, assomado a realidade de outros que se divorciam, retornam à casa dos pais por vezes acompanhados dos filhos. Em certas ocasiões, voltam a ficar economicamente dependente dos pais, o que nem sempre decorre de modo sereno e tranquilo.**

**Diversas modalidades foram assumidas pela família na história, como salienta Donati (1998), sendo família aquela relação que se gesta na base do casal homem-mulher, regulando suas interações e trocas de modo não-casual. Mas, isso se transparece de modo diferente, quando levamos em consideração o debate em relação a viver a diferença de gênero, no que se refere às relações familiares, com novas implicações sobre a vivência da sexualidade, da procriação e com relação às relações de gênero e parentesco, assumindo, portanto, outra conotação.**

De modo precípua, o entrelaçamento amor, sexualidade e fecundidade que, tradicionalmente, constituiu o núcleo do matrimônio e da família, nestas últimas décadas, foi rompido, podendo-se viver a sexualidade sem a fecundidade, a sexualidade, sem o amor, a fecundidade sem a sexualidade. Esses três elementos se distanciaram, cada um percorrendo um itinerário próprio, distinto dos outros, com conseqüências importantes. A dimensão lúdica parece esgotar o significado da sexualidade humana, que não encontra mais limites, podendo-se eliminar dela qualquer responsabilidade ou vínculo que estenda seus efeitos para além do momento em que se realiza como jogo (PETRINI, 2003).

Para Singly; Peixoto; Cichelli (2000), o processo de individuação comporta o ideal da vida privada entre um “eu sozinho” e um “eu com”: nem o fechamento egoísta sobre si, nem a dedicação excessiva ao outro. De certa maneira, “entre dois” que seja possibilitada a satisfação de si em certos momentos, com tempos para atividades separadas e outros para compartilhar práticas comuns.

Bilac (2000) afirma que a sociedade passa por tempos turbulentos em que sua crise se reflete em uma profunda crise teórica das ciências sociais e a percepção de um real fragmentado desafia os paradigmas clássicos e parece refratária. Não sendo conveniente apenas à elaboração de qualquer síntese globalizadora, mas, até mesmo, a qualquer teoria parcial e, portanto, provisória sobre campos ou dimensões específicas da vida social.

**A morte da família, sinalizada por Cooper (1989), estava associada ao aumento das separações e dos divórcios, de modo significativo diminuiu o número de casamentos, aumentam as famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais e as chefiadas por mulheres. Na pós-modernidade, a família vê-se permanentemente desafiada pelas mudanças vertiginosas, dos limites propostos, das aspirações de consumo pretendidas, assumindo o desejo de reconquistar as razões para a convivência. (PETRINI; MOREIRA; ALCÂNTARA, 2008).**

### 3.3 Pós-modernidade e família

Hoje, o discurso social aparentemente descreve o casamento ideal como sendo aquele em que, tanto o homem, quanto a mulher, invista em suas carreiras profissionais e compartilhem responsabilidade pela educação dos filhos e cuidados com a casa. Segundo estudos realizados por Rocha-Coutinho (2001, 2003a, 2003b, 2005), que também constatou que em outros países, diversos autores (ELVIN-NOVAK, THOMSSON, 2001; HARRIS, 1979; HOFFNUNG, 1992) continuam a apontar para o fato de que tanto os homens, quanto as mulheres, em diferentes níveis de consciência, parecem acreditar que a casa e os filhos são responsabilidades da mulher, enquanto o provimento financeiro da família é responsabilidade do homem. E se “mãe é mãe”, como estava calcado na antiga idéia a respeito da responsabilidade da mulher, ela é a pessoa mais adequada para cuidar dos filhos e assim, identificando maternidade e feminilidade.

**Mitscherlich (1970) e Petrini; Moreira; Alcântara (2008) salientam o fato de muitas famílias modernas não estarem avaliando adequadamente o eclipse da figura paterna. É tal o significado, que nos anos 70 se comentava que se caminhava para uma sociedade sem pais. Por causa das separações, dos divórcios, têm emergido a realidade das famílias reconstituídas, onde criam-se complexos entrelaçamentos de**

**parentesco, aumentando a responsabilidade dos avós em relação aos netos e a isso se assomam as delicadas situações de implicações jurídicas.**

Petrini; Moreira; Alcântara (2008) concordam com Gotman (1998) que o estudo científico do casamento e da família é um campo promissor no caso de lares que vivem em situação desarmônica assim como a separação e o divórcio. Como conseqüências há incidências na área da saúde física e mental, violências, homicídios inclusive mortalidade devido a doenças. Para Gotman (1998) esse desgaste conjugal atinge também os filhos com repercussão em: depressão, habilidade social pobre, baixo desempenho acadêmico e dificuldades relacionadas à conduta.

**No Código Civil Brasileiro são realizadas adaptações, no intuito de atender as exigências modernas ocasionadas pelas mudanças sociais relacionadas à concepção de igualdade entre os sexos e tendência política e cultural a não identificar nenhum trabalho como especificamente masculino ou exclusivamente feminino (PETRINI, MOREIRA, ALCÂNTARA, 2008). Tais inovações puseram fim à concepção da mulher como rainha do lar e abriram-se as perspectivas no universo do trabalho profissional. Foram significativos os rendimentos domésticos, as possibilidades de consumo familiar, tendo seus efeitos na redução do tempo à educação dos filhos e a dedicação às tarefas domésticas.**

Segundo Rocha-Coutinho (2005) a influencia do processo industrial na modernidade caracterizou-se por uma série de pares de oposição: casal/trabalho, trabalho/lazer, produção/reprodução, adulto/criança, brincadeira/trabalho, entre outros. No espaço público, acontece o trabalho fora de casa remunerado e realizado principalmente pelos homens. O domínio privado, a casa, ao contrário, é o lugar de refúgio da família e o trabalho, feito pelas mulheres, não é remunerado, pois é supostamente realizado “por amor”. Se aos homens cabia o provimento financeiro da família; às mulheres, os afazeres domésticos e o cuidado das crianças. Mas o aumento das oportunidades educacionais e ocupacionais, conseqüentemente ocasionou mudanças políticas e econômicas.

**Evidentemente, o espaço galgado pela mulher, no mercado de trabalho, quando aliado à competência profissional faz jus à realização pessoal. Em algumas situações o trabalho remunerado, quando não está associado à necessidade de cobrir as despesas familiares, possibilita a mulher uma autonomia de consumo livre das diferentes prioridades de gosto do marido, podendo em decorrência implicar em conflitos e condicionamentos (PETRINI, 2007b).**

**Como afirma Jablonski (2003), o aumento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres, indicado por uma maior responsabilidade na manutenção e educação dos filhos e administração da casa, culminou numa dupla jornada de trabalho, cuja disparidade não resulta na igualdade de funções, que se havia prometido.**

Apesar das dificuldades enfrentadas pela família na pós-modernidade, ainda há uma valorização dessa instituição pela maior parte da população brasileira. Assim, uma sondagem de opinião, realizada em 2007 pelo Instituto Datafolha revelou que para a família, a educação e a religião ajudam a afastar os filhos das gangues violentas e das drogas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007).

### ***3.4 O primado do indivíduo: o casamento e a vida pessoal***

Nessa vasta gama de análises, torna-se marcante o destaque da mulher para além da função materna, portanto de mulher-natureza, enquadrada no ser e nos limites dos condicionamentos biológicos; propõe-se ainda a condição de mulher-indivíduo, pessoa que traça o seu destino, detentora de si própria e consciência de seus atos. É óbvio que tal processo, com suas nuances de alcance, toma por rumo normalizar as conquistas agregadas entre conjugalidade e sentimento amoroso. É perceptível que, a partir da década de 60, o amor dá impulso à união conjugal, mas a solidez se estabelece pelo entendimento ao longo da relação. Essa exigência resultou, nas últimas décadas, no aumento do número de divórcios e no decréscimo do número de casamentos.

Segundo dados do Censo de 2000<sup>4</sup>, o número de casamentos caiu de 743,4 mil em 1991 para 715,1 mil em 2002. Esses dados, no entanto, consideram só os casamentos legais (oficializados em cartório). Não são contabilizadas as chamadas uniões consensuais, em que as pessoas vivem juntas sem registrar o casamento. Pelos dados do Censo 2000, 70,5% das uniões são oficializadas, e 29,5%, consensuais. A taxa de nupcialidade – relação entre número de casamentos e população em idade de casar, ou seja, com mais de 15 anos – também vem caindo desde 1991, confirmando a perda de força do casamento no papel. A taxa que era 7,5% em 1991 caiu para 5,7% em 2002. Já as taxas de separações e divórcios tiveram um grande aumento: 30,7% e 59,6%, respectivamente. Para Tadeu Oliveira, gerente de Estatísticas Vitais

---

<sup>4</sup> Dados do Censo de 2000, realizado pelo IBGE. Disponível em: <<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=52786>>. Acesso em: 10 out. 2007.

do IBGE, os números mostram uma mudança de comportamento gradativa, que influenciou nos chamados "arranjos conjugais".

Além disso, um outro desafio enfrentado pelas famílias é o crescimento das novas configurações domésticas, sobretudo a monoparentalidade. Segundo conclusões da Síntese dos Indicadores Sociais 2007<sup>5</sup>, elaborada na maior parte com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 1996 a 2006, o número de mulheres que se declararam como a pessoa de referência da família aumentou de 10,3 milhões para 18,5 milhões em todo o país.

### **3.5 A família e os desafios hodiernos**

Diante do quadro apresentado, era necessário um limiar que fosse ponte de equilíbrio, pois, se no princípio da modernidade o passado fora desvalorizado pelos erros cometidos, esperava-se que a superação desses erros acontecesse na etapa posterior, ou seja, na pós-modernidade. No entanto, as esperanças declinaram porque o primado do indivíduo, assimilado pelas novas gerações, dissolveu as esperanças de libertação, incidindo satisfações efêmeras e emoções momentâneas (PETRINI, MOREIRA, ALCÂNTARA, 2008). Esse fenômeno trouxe implicações para a família.

Além do enfraquecimento da dimensão da coletividade na família, com o crescimento da sociedade funcionalmente organizada, muitas funções anteriormente reservadas à família passaram a ser desempenhadas por outras agências, públicas ou privadas. Como afirma Melman (2008):

Estamos diante de um acontecimento que talvez não tenha precedentes na história, que é a dissolução do grupo familiar. Pela primeira vez a instituição familiar está desaparecendo e as conseqüências são imprevisíveis. O mundo virtual proporcionado pela internet faz sucesso por se tratar de um mundo lúdico. É um mundo coerente com a maneira de viver dos jovens, não exige engajamento, nem compromisso definitivo. As pessoas querem se distanciar da realidade não porque ela seja assustadora ou sem graça, mas porque ela implica sempre um limite. Além disto a realidade requer uma identidade, um objetivo, mais ou menos claro na vida, ao passo que esses exercícios virtuais não pressupõem nenhuma identidade, nenhuma (2008, p. 92-93).

---

<sup>5</sup> Dados da Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE, disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=987](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987). Acesso em: 10 out. 2007.

Era inevitável que, por causa desse processo, a família aparecesse como depauperada, quase evanescente. Com efeito, a tarefa educativa, a socialização das crianças, os cuidados com a saúde e com o desenvolvimento físico e psíquico, são cada vez mais realizadas pelo Estado, ou por agências privadas por causa da menor disponibilidade de tempo dos pais, devido à dedicação, tanto do homem como da mulher, ao trabalho fora de casa. Além disso, essas agências oferecem serviços sempre mais especializados, de modo que, diante de uma abordagem profissional dos problemas e das tarefas domésticos, a família recua. Até a sua função mais própria, como a de procriar, pode ser, atualmente, desempenhada por laboratórios de fecundação assistida, sem a necessidade de relação sexual entre o homem e a mulher. E é anunciado como próximo o momento em que será possível realizar a procriação por meio da clonagem, sem o concurso do elemento masculino para fecundar o elemento feminino. Nesse horizonte, o pesquisador acaba por não mais encontrar o seu objeto de estudo, a família, que vai dissolvendo-se diante dos seus olhos. No entanto, ela existe e sempre mais emerge como a realidade fundamental para o delineamento da identidade humana e social, tanto é verdade que o símbolo da família é dos mais fortes, estáveis e relevantes no tempo da vida social, desde o início da história humana até hoje, afirma Donati (2008). Este autor ressalta o caráter supra-funcional da família, uma vez que ela não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais. Para esse autor a família possui um vasto potencial indefinido por ser uma “relação social plena”, constitutiva de todas as dimensões da pessoa humana.

Diversas abordagens tiveram grande difusão e influência no mundo acadêmico. Algumas se tornaram obsoletas e foram sendo abandonadas, outras evidenciam aspectos importantes, mas, quase sempre, parciais da realidade. Essa é a análise de Donati (1998), que apresenta criticamente pelo menos dez diferentes abordagens sociológicas da família, antes de anunciar a virada relacional. Não sendo pertinente, no presente artigo, analisar cada autor ou corrente de pensamento, é apresentado o exemplo de Luhmann (1988) que Donati (2008) considera importante para evitar “coisificar” a família, para apreendê-la como relação social. Mas os estudos de Luhmann (1986, 1988) mostram outras dificuldades. Afirma Donati (2008) que não se pode chegar ao ponto de dissolver o próprio objeto de pesquisa (a família) entendendo-a como pura comunicação ou pura convenção social, resolvendo-a numa realidade abstrata e totalmente contingente.

Segundo Donati (2008), a abordagem relacional procura encontrar e compreender a relação familiar a partir daquilo que constitui sua unidade por ser a família diferente da relação de amizade, de trabalho, entre tantas. Porque se assemelhamos a relação familiar, a uma relação de trabalho, a relação de domínio, ou uma relação puramente psicológica,

reduzimos a relação familiar e a enxergamos num só aspecto, quando, ao invés, contém uma riqueza extraordinária. Desse modo, eis o desafio: colocar a teoria relacional da família a altura dos processos de diferenciação social.

Enfrentar os desafios constatados com as mutabilidades ocorridas nas últimas décadas na sociedade, especificamente na família, supõe estudos aprofundados no campo das Ciências Sociais. Esses devem realizar-se no intuito de gerar diferentes estratégias de relacionamento da sociedade com as novas maneiras de organização da vida conjugal e familiar.

Tal panorama suscita a abertura de perspectivas de superação desses desafios. Bronfenbrenner (2004) contribuiu no campo do desenvolvimento humano e afirma que a família é o coração do sistema social. Segundo esse autor, para desenvolver-se normalmente a criança precisa de um envolvimento duradouro com seus genitores e educadores que lhes devem dedicar tempo para suas necessidades básicas. Estes ainda devem interagir com a criança, introduzindo-a pelo afeto, pelo estímulo e pela valorização do seu potencial, no seio da família.

Bronfenbrenner (2004) contribuiu no campo do desenvolvimento humano e afirma que a família é coração do sistema social. Silva (2008) acena para o fato de o casal funcionar melhor, quando, superando os estereótipos relacionados ao gênero, o casal se dispuser a acolher e valorizar mutuamente de modo dialogal, eqüitativo e solidário, colaborando para o crescimento pessoal e dual. Enfatiza assim papéis flexíveis que promovam melhor desfrute possível da companhia e convivência na família e na sociedade.

#### **4. ABORDAGEM SOCIOLOGICA DA CONJUGALIDADE**

Abordar a realidade conjugal na contemporaneidade supõe inteirar-se de uma gama variada de possibilidades que tem contribuído para configuração do tecido social que os casais têm construído nos dias atuais. De modo multidisciplinar, a ciência tem contribuído no sentido de compreender os parâmetros que regulam e motivam o desenvolvimento da conjugalidade, buscando oferecer à sociedade as condições fundamentais para que estas metas respondam aos anseios fundamentais do bem estar e da realização do ser humano. Atendo-se aos fatos sociais que se gestam como implicação das relações humanas e do reconhecimento da alteridade em vista dos desafios em nossos dias.

Ao analisar as relações no contexto das lógicas conjugais, Torres (2004) trata de aspectos que se sobressaíram na cotidianidade, tais como sentimentos, afetos, gestão de recursos, identidades, realizações pessoais e projeções no futuro. A partir da década de 60, tornam-se notável os afetos, essencialmente os inter-relacionados ao casamento e à família. No percurso dos séculos XX e XXI, esta evolução do casamento e da conjugalidade não tem lógica homogênea. Segundo a autora, diversos teóricos discorrem sobre o que fundamenta a interação do casal. Para a autora, a conjugalidade é um todo articulado e coeso, é uma unidade de personalidade em interação, existindo, primordialmente, para o desenvolvimento e gratificação mútua. Não são apenas unidades psíquicas, mas personalidades sociais e gêneros sexuais abertos à reciprocidade.

Torres (2004) destaca cinco dimensões da conjugalidade numa perspectiva sociológica, observando a influência contextual daquilo que se transparece, do que se pensa,

do que se espera e da interação das práticas do casal. Na primeira vertente, a conjugalidade é focada nas relações de trajetórias sociais e de gênero, sendo social, cultural e ideologicamente diferenciada, de acordo com as condições de existência e adequadas para os dois sexos, fazendo jus à sua unidade.

No mesmo horizonte, a segunda dimensão da conjugalidade está relacionada à produção de sentido e de identidade que, para além da relação com o outro, é acrescida graças à parentalidade e fortalece a existencialidade. Mesmo quando se associam identidade e sentido, o conceito de gênero, como está proposto, transparece a existência de dissonâncias e assimetrias de poder. As mesmas tensões identitárias precisamente surgem entre o “eu” e o “nós-casal” ou o “nós-família”, cuja incidência resulta dessa articulação e ajuste de interatividade social.

Na terceira dimensão da conjugalidade, assume relevância, cada vez maior, a afetividade em sentido amplo, ocupando lugar de destaque a relação amorosa e a concretização da sexualidade. O amor confluyente, que se torna preponderante na escolha do cônjuge, torna-se auto-referenciado na maternidade e na paternidade e põe as crianças no centro da vida familiar. Isso denota a superação da lógica da conveniência que é permutada pela lógica romântica que transcende o sentimento amoroso e a sexualidade (GIDDENS, 1993). Essa configuração sócio-familiar impulsionará a reciprocidade conjugal.

Vida em conjunto, filhos, partilha de recursos e despesas, esse é o perfil da quarta dimensão da conjugalidade. Tendo a fase dos primeiros momentos de adaptação favorecido a duração da relação do casal, cria-se um sistema de possibilidades e limites de ação, fruto dos apelos identitários. Portanto, quando se geram filhos, conseqüentemente, novas relações se estabelecem e afincam-se realidades objetivas diferentes, que se impõem por escolhas, decisões e formas de agir da própria dinâmica relacional.

Na quinta e última dimensão da conjugalidade, reflete-se o fato de ela ser social e historicamente situada por interpelações exteriores. Tanto entre os casais jovens com menos de 10 anos de casados, quanto com os casais com mais tempo de convivência, as transformações bruscas de valores trazem perplexidade, considerando-se tempo, espaço e contexto dos últimos quarenta anos, comparado aos dias atuais.

A relevância dada à individuação na pós-modernidade, ou seja, a primazia do indivíduo, geram mudanças nas relações sociais, com repercussões em todos os âmbitos (SINGLY; PEIXOTO; CICHELLI, 2000). Contudo, essa valorização não representa o menosprezo pelo grupo familiar. O que no âmbito das relações sociais aborda o desafio de tornar o “indivíduo individualizado”, pois para o autor o drama implica que, dentro da

conjugalidade, o indivíduo adulto individualizado vive uma busca constante de superação das ambigüidades numa oscilante variação entre pertencimento e individuação, podendo ao mesmo tempo haver uma interação.

Neste contexto, a dinâmica conjugal mencionada por Féres-Carneiro (1998) “ser dois, sendo um” o que a mesma denomina “identidade conjugal” e que na literatura sobre casamento e terapia de casal é designado de modo geral conjugalidade. Caillé, citado por Féres-Carneiro (1998), salienta que cada casal cria seu modelo único de ser casal, o que ele chama de “absoluto do casal”, que define a existência conjugal e determina seus limites. Ressalta-se que esta fusionalidade proposta pelos autores pode ser entendida como equivalente a dimensão do pertencimento conjugal, na medida em que o casal se posiciona no mundo em relação ao outro e percebe que sua identidade também se dá a partir do outro.

A relação conjugal comporta desafios que são inerentes às transformações próprias da diferença que se manifestam da história pessoal, da convivência familiar e dos critérios definidos no percurso existencial. Como afirmam Singly; Peixoto; Cichelli (2000), após os anos 60 a cultura ocidental primou pela autonomia e independência. De certo modo, o vínculo conjugal delineou nesta tensão dois pólos, numa constante interativa de realização de si e do outro: o pertencimento e a individuação.

O casamento contemporâneo no que diz respeito à constituição e à manutenção é influenciado pelos valores da individuação. A relação conjugal hodierna enfatiza mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Portanto, constituir um casal demanda uma criação de uma zona comum de interação, uma identidade conjugal. Assim, o tempo todo, o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais que Féres-Carneiro (1998) chama de “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”. Evidentemente, se os ideais da individuação estimulam a autonomia pessoal dos cônjuges, por outro lado enfatizam que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, surgindo assim a necessidade de equacionar os desejos e a realidade comum do casal.

Singly; Peixoto; Cichelli (2000) salientam que o casal e a família contemporânea valorizam a qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros de modo que a individuação tem notável significado. A relação conjugal, enquanto for “útil” e prazerosa para os cônjuges, permanecerá. Por isso, valorizar os espaços individuais, muitas vezes significa fragilizar os espaços conjugais; do mesmo modo, fortalecer a conjugalidade demanda quase sempre ceder diante das individualidades. Em decorrência, este autor afirma que em uma sociedade onde o valor de referência é derivado do “eu” a família é importante, na medida em

que ajuda a cada um a constituir-se como indivíduo autônomo. Isto põe em evidência as contradições internas da família: ao mesmo tempo em que os laços de dependência são necessários, eles são negados. O autor salienta que no laço conjugal, assim também, como na família há necessidade de interdependência e a negação desta necessidade cria tensões internas.

Na mesma vertente, Craig (1980) afirma que a vida conjugal, diferente de outras relações sociais, tem uma abrangência que envolve o casal todo, desempenhando funções importantes para os mesmos. As alegrias, as tristezas e as angústias constituem cada ser humano, e o projeta nesta interação: ora tendendo mais a individuação, ora ao pertencimento.

O casamento não é confortável e harmonioso; antes é um lugar de individuação onde uma pessoa entra em atrito consigo mesma e com um parceiro, choca-se com ele no amor e na rejeição e desta forma aprende a conhecer a si próprio, o mundo, o bem e o mal, as alturas e as profundezas. (CRAIG, 1980, p. 17).

#### 4.1 A GUINADA ANTROPOLÓGICA E AS MUDANÇAS NO SEIO DA FAMÍLIA

Diversos fatores convergem para uma guinada no processo de mudanças ocorridas nas últimas décadas. A difusão da cultura de massa, as possibilidades oferecidas pela manipulação genética, a revolução sexual, as mudanças na organização e na produção, a predominância do capital especulativo, apresentam um cenário cultural e social com imagens de homem e mulher diferentemente das décadas anteriores. A civilização ocidental que teve por berço a antiguidade clássica grega e romana e a cultura judaico-cristã vê emergir uma alternativa global de homem e mulher totalmente diferente, expresso no modo de conceber a sexualidade, a paternidade, a maternidade, a família, a procriação dos filhos e toda a esfera da vida privada (PETRINI, MOREIRA, ALCÂNTARA, 2008).

Giddens (1993) avança para a emergência do “eu” com relação à modernidade, na qual a sexualidade e o poder deram margem para se questionar e abrir caminhos para as mudanças que na família tiveram um forte impacto. Cita as pressões para se constituírem grandes famílias, características das culturas pré-modernas, que cederam espaço para o rigoroso limite do número de filhos na contemporaneidade. Redimensionando a sexualidade que, pela primeira vez, seccionava o círculo crônico da gravidez e do parto, relacionada à maternidade. Segundo o autor, foi a partir do final da primeira guerra mundial que a maior parte dos países

efetivou o movimento do planejamento familiar. Em 1921, o médico do Reino Unido, Lord Dawson, em oposição ao discurso da Igreja afirmou que “o controle da natalidade veio para ficar. Nenhuma denúncia vai derrubá-lo” (GIDDENS, 1993, p. 37). Esse foi um marco de profunda transição na vida pessoal tanto de homens, quanto de mulheres. A sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras como “propriedade” potencial do indivíduo. Há assim uma progressiva diferença entre o sexo e as exigências da reprodução. Podendo a concepção ser artificialmente produzida, a sexualidade afinal está totalmente autônoma. A reprodução pode ocorrer na ausência de atividade sexual. A “sexualidade plástica” agravada pelo nexos com a reprodução, os laços de parentesco e a procriação foram o prenúncio da revolução sexual nas últimas décadas. É óbvio que, tendo em vista os gêneros masculino e feminino, a revolução sexual dos últimos quarenta anos não é apenas um avanço, mas torna-se permissividade sexual. Giddens (2003) cita dois elementos básicos: a autonomia da revolução sexual feminina e da homossexualidade masculina e feminina. A emergência da “sexualidade plástica” é oriunda do desenvolvimento do livre-arbítrio sexual proclamado pelos movimentos sociais da década de 1960, onde se lida com mudanças muito mais profundas e irreversíveis do que aquelas provocadas por tais movimentos. A influência de uma mentalidade que relaciona o poder e o sexo está contextualizada na sociedade não porque chegam e transformam as relações como um processo mecânico ou de maneira controlada, mas porque passou a fazer parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos.

Em poucas décadas, sob o efeito de diversos fatores convergentes, tais como a difusão da cultura de massa e as possibilidades oferecidas pela manipulação genética, a revolução sexual, as mudanças na organização da produção, com a automação dos processos produtivos e com a prevalência do capital especulativo, configurou-se um cenário cultural e social no qual surge uma imagem de homem e de mulher radicalmente diferentes dos anteriores. “Para além da moda e da sua espuma ou de certas caricaturas que se fazem (...) devemos ter em conta, em toda a sua radicalidade, a mutação antropológica que se realiza diante de nossos olhos” (LIPOVETSKY, 1989, p. 48).

Donati (2008) ao tratar da pós-modernidade relaciona-a ao individualismo presente nas relações familiares. Segundo esse autor o clima da cultura pós-moderna influencia a família no abandono à busca do futuro, da unidade e da integração em favor de uma orientação ao puro presente, à diferença (individual) e à problematização da irredutibilidade

das perspectivas de cada indivíduo. Nesse contexto, se geram orientações de uma extrema pluralidade das formas familiares, uma visão multifaceada da família.

O indivíduo é considerado apenas como indivíduo, com seus gostos, preferências, opiniões, prescindindo de sua vida familiar. Em respeito ao princípio da neutralidade ética da esfera pública (bem traduzido na frase “*politically correct*”) nas relações informais, torna-se inconveniente perguntar sobre o estado civil ou em que tipo de família a pessoa vive. Segundo esse autor, um país é considerado como moderno quando os indivíduos são considerados em si e não relacionados com o tipo de família da qual fazem parte ou não (DONATI, 2008).

A experiência da democratização da vida cotidiana familiar reflete-se no plano da cidadania, ao prover os indivíduos de recursos, possibilitando democraticamente a participação na esfera pública, partindo da internalização do princípio da autonomia e tornando-o potencialmente capaz de discernir, julgar e acolher (SARTI, 2000).

Hodiernamente, a família se tornou sujeito de novas mediações, ela medeia relações de maneira imprevista, o pertencimento seja ele escolhido ou vinculado dos indivíduos às diversas esferas sociais. Em razão dessas mediações, que primam pelo destaque do indivíduo, ocorre um maior risco de fragmentação que torna as mediações mais frágeis, incertas e arriscadas (REPETTI, 2006).

Entre os processos e etapas de individuação, Singly; Peixoto; Cichelli (2000) citam a autonomia e independência; principalmente a independência econômica, pela qual o indivíduo, com recursos provenientes de sua atividade, passe a depender menos dos outros. O estilo de vida, marcado pela autonomia, é definido pela elaboração, tanto de regras pessoais, quanto no caso de vida comum, de regras construídas na negociação de várias pessoas. Assim, o indivíduo moderno, tem um sentimento de estar livre, pelo menos na sua vida privada. Para estes autores, o processo de individuação comporta o ideal da vida privada entre um “eu sozinho” e um “eu com”: nem o fechamento egoísta sobre si, nem a dedicação excessiva ao outro. De certa maneira, “entre dois” que autorize a satisfação de si em certos momentos, com tempos para atividades separadas e outros para compartilhar práticas comuns.

Como salienta Petrini; Moreira; Alcântara (2008), os antigos modelos de diferenciação de gênero são desconstruídos, outras diferenciações incidem pela indução do mercado ou segundo seus interesses. Atualmente, alguns aspectos da vida social atenuam a diferença entre o masculino e o feminino, inclusive contra as assimetrias pré-fixadas entre os sexos. Assim adverte Donati (1988): “Não temos um código simbólico adequado para tratar o jogo das diferenças de gênero em condições de elevada complexidade” (1988, p. 135).

## 4.2 A EMERGÊNCIA DOS GÊNEROS MASCULINO E FEMININO E AS SUCESSIVAS GERAÇÕES

A família, nas diversas modalidades que assumiu na história, caracteriza-se pelo modo específico de viver a diferença de gênero que, nesse âmbito, implica a sexualidade e a procriação e as relações entre as gerações e o parentesco. A família, afirma Donati (1998): “é aquela relação que nasce especificamente na base do casal homem/mulher para regular suas interações e trocas de modo não casual” (1998, p. 123). Segundo este autor, é diferente o debate a respeito de gênero, quando é referido às relações familiares ou quando é pensado fora da família. Para ele, essas duas diversidades bio-psíquicas se encontram, interagem, compensam-se e entram em conflitos, ajudam-se e disputam entre si, trocam muitas coisas, redefinem-se uma em relação à outra, repartindo tarefas, negociando espaços de liberdade e de recíproca prestação de contas.

**Ao introduzirem-se os valores de diálogo, negociação e tolerância nas relações pais e filhos, os modelos centrados na autoridade e disciplina perdem o seu primado e ganham relevância a conciliação, verificando-se desse modo uma maior dedicação e investimento dos pais nos filhos, notadamente na saúde e na educação. Atingido um planejamento mais rígido no número de filhos, verifica-se incidência no aumento de expectativa emocional e afetiva entre pais e filhos. Evidente que isto está relacionado a uma postura em função da classe social, renda familiar e o nível de escolarização dos cônjuges (PETRINI; MOREIRA; ALCÂNTARA, 2008)**

Para Morandé (1999) há uma tendência a definir a família a partir dos afetos, desconhecendo ou ocultando sua objetiva vinculação ontogenética com cada ser humano. A sorte da família e a sorte da pessoa humana reconhecida como um fim em si mesma e com uma finalidade inalienável por parte da ordem social tem se unido nessa época de modo bastante peculiar e paradoxal. De certo modo nunca como agora o ser humano é tão livre para destruir sua família e como nunca é tão dependente dela e da relação com seu equilíbrio interior, na sua saúde mental e no desenvolvimento harmônico do conjunto das virtudes que dão identidade e sentido a sua existência.

Para Morandé (1999), a família é a primeira estrutura que sustenta e suporta sobre si este vínculo de solidariedade intergeracional a serviço da vida. É um microcosmos humano que reflete o microcosmo da humanidade. Dela ocorre a ontogênese de cada ser humano que vem a existência de um modo absolutamente único e irrepetível. Assim, para esse autor, os

membros da família devem realizar um projeto comum de vida, com disponibilidade para aceitarem incondicionalmente a enfermidade, a dor, a frustração, o sacrifício, juntamente com a satisfação e a alegria de uma vida realizada em comum.

#### 4.3 A CONJUGALIDADE E SUAS MATIZES EM NOVOS CONTEXTOS

##### 4.3.1 O casal como assunto de pesquisa

No caso brasileiro, as mudanças sociais vêm afetando distintamente as diferentes classes sociais. No tocante às classes médias e altas no nosso país, no contexto educacional, as meninas hoje são educadas como os meninos para competir e buscar crescimento profissional cada vez maior e acreditar nas suas capacidades. Intensificar os esforços em busca do sucesso pessoal, inicialmente na escola e posteriormente no mercado de trabalho, para valorizar sua independência.

No que diz respeito à mulher contemporânea, uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes continua a ser a maternidade. Apesar das mudanças ocorridas nas últimas décadas, parece que as concepções dos casais está ainda muito ligada à idéia de que a unidade mãe-filho é básica, universal e psicologicamente mais apropriada, tanto para o desenvolvimento sadio da criança, quanto para a completude da mãe (ROCHA-COUTINHO, 2005).

Esse discurso social-modernizante das mulheres tanto brasileiras, quanto suecas e as de outros cantos do mundo ocidental exalta a igualdade de direitos e deveres entre os sexos, convive lado a lado com a antiga disparidade em relação aos papéis sociais de homens e mulheres, alguns dos quais muito difíceis de serem radicados, posto que reforçados pelas diferenças biológicas entre os sexos, como é o caso da maternidade.

Para Rocha-Coutinho (2005), a dupla jornada de trabalho que a mulher enfrenta com as tarefas domésticas, educação dos filhos e ainda se preocupar com a atualização profissional e o bom desempenho no emprego é desvantajoso para qualquer pessoa pelo desgaste equacionado. Nessa busca de igualdade, não parece ser suficiente para as mulheres, executar o seu trabalho profissional tão bem quanto os homens.

Féres-Carneiro (2003) em seus estudos enfatiza a relevância conjugal para o desenvolvimento emocional dos filhos. Segundo a autora, na grande maioria dos casos em

que as crianças apresentam problemas emocionais, urge tratar o casal e, posteriormente, a família.

Como afirma Petrini (2007b), dois pólos são constitutivos do vínculo familiar na modernidade e o equacionar-se se constitui um desafio: autonomia individual com o desejo de um encontro fecundo com o outro, primando pela coesão.

Relações significativas, compreendidas como vínculos recíprocos de pertencas constituem um pólo de atração na convivência familiar, a ponto de poder-se dizer que a família forma-se exatamente por causa e em vista de relações que tenham esta qualidade. No entanto, o pólo constituído pelo ideal da autonomia, percebido como valor indispensável para a realização individual, provoca tensões e conflitos que no passado eram resolvidos, muitas vezes com atitudes autoritárias ou com o apelo a direitos e deveres institucionalmente definidos. Atualmente, o limiar entre estes dois pólos encontram-se em estado fluido e, em grande medida, é delimitado por decisão subjetiva. (PETRINI, 2007b, p. 218).

#### **4.3.2 A vida familiar e os parâmetros emergentes**

Para Donati (2008), a abordagem teórica relacional prima pelo modo de conhecer e intervir sobre a família abrindo espaços para que no plano das políticas sociais, nacionais e supranacionais haja operatividade na realidade familiar, planejando e realizando intervenções em função do que a constitui como um bem para a pessoa e a sociedade. A abordagem relacional tem seu cerne nos aspectos invisíveis, mas extremamente reais, que possibilitam haver para a pessoa interação e cooperação em suas experiências existenciais.

A família constitui um sujeito social enquanto relação comunitária de plena reciprocidade entre os gêneros e as gerações.[...] A família é um sujeito de direitos e de deveres relacionais; é sujeito de funções socialmente significativas, por isso, é titular de um direito subjetivo social que vai além dos direitos individuais. (DONATI, 2008 p. 42).

Salienta Donati (2008) que a família é uma relação social plena porque constitutivamente possui uma intrínseca totalidade suprafuncional, que se articula em dimensões que se gestam no princípio da reciprocidade realizando uma troca simbólica entre o gênero e a geração. Para o autor, a família como fenômeno emergente existe com base pelo menos uma das suas relações fundamentais, entre as tais a relação conjugal e a relação de filiação que nesta unidade relacional encontra-se a trama potencial da qual ela se “gera e vive”.

Portanto, a família torna-se o ponto de encontro entre o reconhecimento público e as vontades privadas, entre as dimensões de instituição social, politicamente relevantes e relação intersubjetiva de “mundo vital”. (DONATI, 2008). Contrariamente a tese dominante de que a família estaria tornando-se cada vez menos relevante na esfera pública, para reduzir a esfera privada ao mero afeto, a sociologia relacional põe em evidência que a família continua a exercer, e o alcance e a importância de suas mediações sociais no que se refere às oportunidades de vida dos indivíduos.

Donati (2008) afirma que a mediação relacional implica uma relação de conexão ligando elementos distintos na família de modo a constituírem “um campo psíquico e simbólico de redes sociais que conectam o presente ao passado e ao futuro, mesmo que isso aconteça com tensões e ambivalências”. (2008, p. 37).

Nesse contexto social, a relevância da abordagem relacional para a família está associada à valorização das relações familiares como fonte de bens e de rede de solidariedade como recurso para a pessoa e a sociedade.

A seguir será abordada a conjugalidade a partir do Magistério da Igreja, em seus aspectos teológicos e bíblicos. O movimento das Equipes de Nossa Senhora fundamenta toda a sua pedagogia neste tríplice arcabouço científico.

## **5. A CONJUGALIDADE NA BÍBLIA, NO MAGISTÉRIO DA IGREJA CATÓLICA E NA TEOLOGIA**

Em primeiro lugar, deseja-se esclarecer que, neste trabalho, por “Magistério da Igreja” entende-se as orientações e doutrinas dessa instituição, outorgadas pelo Papa e pelos Bispos. A Igreja ao longo dos séculos, imbuída de sua missão, exorta a todas as pessoas, à luz da tradição apostólica.

A experiência cristã do amor perpassa todas as realidades que constituem a existência da pessoa e uma significativa diferença se concretiza na sponsalidade trinitária que se doa ao homem e o predispõe à oblatividade. No coração do homem e da mulher o “eros e o ágape” concomitantemente, assumem a intencionalidade própria a que foram ordenados pelo Criador (OULLET, 2004). O *foedus coniugale* tantas vezes refeita pelos profetas na história da salvação, encontra em Cristo a síntese de todo acontecer do Reino contemplada doravante na história.

Assumir a vocação batismal, na perspectiva teológica, significa prorromper a ação criadora de Deus na história.

Este capítulo aborda a questão bíblica-teológica e do Magistério da Igreja Católica inserindo-nos no contexto da conjugalidade que, desde o “princípio”, atraiu a pessoa humana e a capacita a abrir-se à reciprocidade e o reconhecimento de outrem.

### **5.1 PERSPECTIVA BÍBLICA**

É digno de menção que o hebraico não tem uma palavra que corresponda a matrimônio. A palavra *b`rit* “aliança” é a que mais se aproxima, “porque o Senhor testemunha tua causa com a mulher de Tua juventude, à qual fostes infiel, embora fosse tua companheira, esposa de aliança”<sup>6</sup>. No relato de Gênesis Javé conduz a primeira mulher ao primeiro homem.

E Deus criou o homem a sua imagem; a imagem de Deus o criou. Homem e mulher os criou. E os abençoou e disse: crescei, multiplica-vos enchei a terra e submetei-a; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a Terra (GÊNESIS, 1,27-28)

O homem exclamou: Esta, sim é osso de meus ossos e carne de minha carne. Seu nome será mulher porque foi tirada do homem. (GÊNESIS 2,23)

E o laço matrimonial seja qualificado como uma aliança em Javé (GÊNESIS 6,2).

Ognibeni (2006) salienta a descendência estava diretamente relacionada a utilidade da vida de um homem que, conseqüentemente, viria pela prole.

Um homem privado de descendência é, de fato, completamente morto: ‘sem filhos, um homem inútil em sua vida’ (JEREMIAS 22,30). O pior que se possa desejar a um homem é que ‘sua posterioridade se extinga’. A Lei deuteronomica pune com a amputação da mão a mulher que golpeia os órgãos genitais de um homem (Cf. DEUTERONOMIO 25,11-12), atentando contra sua capacidade geradora. A mulher está essencialmente a serviço da vida. Eva é mãe dos vivos (GÊNESIS 3,20). O filho nasce do sêmen do pai, mas é a mãe que o leva no ventre, dá-lhe a luz, o amamenta e lhe faz crescer. A maternidade é a razão de ser de uma mulher. Compreendamos o pedido desesperado de Raquel a Jacó: “Dá-me filhos, senão morrerá” (GÊNESIS 30,22). Por haver desprezado Davi que dança diante da arca, Micol é punida com a esterilidade (2 SAMUEL 6,23) (2006, p. 17-18)

Em Israel, como em toda parte do Oriente antigo, o matrimônio era mediado pelos pais. Entre o pai da noiva e o pai do noivo ou o próprio noivo. O pai escolhia uma mulher para seu filho<sup>7</sup>, Judá procurou uma mulher para seu primogênito Her<sup>8</sup>, Sansão desceu a Tamna e viu aí uma jovem filistéia em Tamna. E disse a seus pais - vi uma jovem filistéia em Tamna. Tomai-a por esposa para mim. E buscava obter o consentimento do pai da moça para o matrimônio pagando o “preço da noiva”. Que tudo se arranjava sem ouvir a moça, mas devia torná-la feliz. O amor vinha *post factum*. Em tempos de guerra deve ter acontecido que um homem roubasse para si uma mulher ou que lhe coubesse com parte da presa<sup>9</sup>. Às vezes o

---

<sup>6</sup> Cf. Malaquias 2,14. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>7</sup> Cf. Gênesis 38,6. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>8</sup> Cf. Juízes 14,2. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>9</sup> Cf. Juízes 5,30. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

pai pedia o consentimento da futura esposa como também escolhia a esposa sem o consentimento dos pais. Matrimônio por amor também existia, sobretudo entre camponeses e pastores onde os jovens se conheciam pelos trabalhos em conjunto<sup>10</sup>. A noiva recebia de seu noivo presentes que se tornavam sua propriedade. Um dote que podia consistir em escravos ou num pedaço de terra<sup>11</sup>, tornando-se igualmente sua propriedade exclusiva. É duvidoso se tudo tinha que ser documentado num contrato escrito como na Babilônia. A mulher era escolhida de preferência do mesmo clã ou da mesma tribo<sup>12</sup>, assim, garantia-se a propriedade familiar, sobretudo em terras, ficasse dentro do clã ou da tribo. Filhas herdeiras nunca poderiam casar-se fora de sua tribo<sup>13</sup>. Segundo Ognibeni (2006) a Lei do Levirato corroborava para que a mulher casando, ficasse dentro do seu clã ou tribo, o que não significa que uma perspectiva teológica necessariamente corrobore esta mesma postura. Assim, Ognibeni (2006) explica:

Uma perspectiva teológica não pode naturalmente ignorar a histórico-literárias, sempre por natureza discutíveis e passíveis de revisão. (...) A pesquisa melhora continuamente, como é lógico que assim seja, e não existe aquisição que se possa considerar definitiva. (...) Nós interrogamos o Antigo Testamento para procurar nele testemunhos que joguem luz sobre o que o matrimônio e a família são do desígnio de Deus. Uma Teologia Bíblica do matrimônio não coincide com uma reconstrução mais ou menos precisa da evolução da instituição matrimonial aos tempos do antigo Israel nem das doutrinas que acompanharam tal evolução. Essa se aproveita de tudo o que se pode vir a saber nesta matéria, mas não pode reduzir-se a isso. A mensagem bíblica não coincide com a ideologia nem dos legisladores, nem dos profetas, nem dos sábios do Antigo Testamento (2006, p. 6-7).

No judaísmo a idade núbil era de 12 anos para as meninas e de 13 anos para os meninos. Aconselhava-se a casar cedo, em torno dos 18 anos. Depois do homem pagar o “preço da noiva” (sua mulher era uma propriedade); ele era o *ba`al* (dono) dela. O casamento consistia em conduzi-la para a casa do noivo, pois ela se constituía sob a autoridade marital. O marido devia prover o seu sustento e defendê-la. A passagem da mulher para a autoridade do marido exprimia-se talvez simbolicamente pelo gesto de ele estender sobre ela o seu manto<sup>14</sup>. Embora o matrimônio israelita tivesse exteriormente a forma de uma compra, não é cabível admitir que era um contrato comercial. O marido não podia dispor de sua mulher do mesmo modo como dispunha de um objeto comprado que se tornou uma propriedade. O “preço da noiva” compara-se melhor com o “preço do sangue” ou o “preço da reconciliação”. O matrimônio

<sup>10</sup> Cf. Gênesis 24,11-20. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>11</sup> Cf. I Rs 9,16. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>12</sup> Cf. Gênesis 24,4 ss. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>13</sup> Cf. Números 36,5-12. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>14</sup> Cf. Rute 3,9. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

desfazia-se pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio. A finalidade do matrimônio era gerar filhos<sup>15</sup>. Deus abençoou Noé e seus filhos dizendo-lhes – cresci multiplicai-vos e enchei a Terra. Uma prole numerosa era uma benção de Javé<sup>16</sup> e a maior felicidade. Mas a esterilidade era para mulher uma grande desgraça<sup>17</sup> sendo considerado um castigo de Deus<sup>18</sup>. À luz dessa mentalidade, entre outros costumes, temos a poligamia e o levirato. Esta finalidade não excluía o amor conjugal e o auxílio mútuo. Era habitual a poligamia<sup>19</sup> supõe-se que com a norma, o homem possui duas mulheres.

### 5.1.1 A posição econômica e a poligamia

A posição econômica era a instância que regulava a possibilidade da quantidade de mulheres que se possuiria. Os ricos, os reis<sup>20</sup>, dispunham de numerosa quantidade de mulheres. Em tempos posteriores considerava-se a monogamia mais perfeita. O próprio Antigo Testamento interpreta como casamento monogâmico<sup>21</sup>. Os profetas apresentam o matrimônio como imagem da relação entre Javé e Israel<sup>22</sup> esta imagem aponta para a monogamia.

O sumo sacerdote não podia ter mais de uma mulher<sup>23</sup> esses relatos são compreensíveis num contexto monogâmico. No tempo de Jesus a poligamia já havia quase desaparecido por completo. Que um israelita houvesse se absterido do matrimônio é uma idéia estranha, do mesmo modo isso ocorre com relação a uma jovem israelita. A filha de Jetfé chora por ter que morrer inupta.

O Novo Testamento, proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus<sup>24</sup> é, em última análise, o anúncio das núpcias de Deus com a humanidade. O próprio Jesus já havia declarado isto<sup>25</sup>. E as parábolas escatológicas do Reino<sup>26</sup> em que Jesus, o esposo, convida a todos para a festa nupcial do cordeiro<sup>27</sup>. A sagrada escritura inicia e conclui com

---

<sup>15</sup> Cf. Gênesis 9,1. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>16</sup> Cf. Salmo 127,3. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>17</sup> Cf. Gênesis 30,1. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>18</sup> Cf. Jeremias 18,21; Is 47,9. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>19</sup> Cf. Deuteronômio 21,15. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>20</sup> Cf. 2 Samuel 5,13. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>21</sup> Cf. Gênesis 2,24; Tobias 8,7-10. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>22</sup> Cf. Oséias 2,18-22; Jeremias 2,2; 3,7; Ezequiel 16,8; Isaías 50,1; 54,5; 62,5. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>23</sup> Cf. Salmo 127,20; Provérbios 5,15; 31,10-31.

<sup>24</sup> Cf. Marcos 1,1. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>25</sup> Cf. Mateus 9,15. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>26</sup> Cf. Mateus 22,1-10; 25,1-12. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>27</sup> Cf. Apocalipse 19,7-9. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

alegria das núpcias: as do homem e da mulher no Éden. As núpcias do novo Adão<sup>28</sup> e da nova Eva<sup>29</sup> nos fins dos tempos.

A palavra de Deus, que é a força de Deus para a salvação de todo crente, é apresentada e manifesta seu vigor de modo eminente nos escritos do Novo Testamento. Com efeito, quando veio a plenitude do tempo, o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade. Cristo instaurou na Terra o Reino de Deus, por fatos e por palavras deu a conhecer o seu Pai e a Si próprio e completou sua obra pela morte, ressurreição e gloriosa ascensão e pelo envio do Espírito Santo. Levantado da Terra atrai todos a Si, Ele o único que tem palavra de vida eterna. Este mistério, porém, não foi manifestado a outras gerações como foi revelado agora aos seus santos apóstolos e profetas no Espírito Santo para que pregasse o Evangelho, suscitasse à fé em Jesus Cristo e Senhor e congregassem a Igreja. Os escritos do Novo Testamento são testemunho perene e divino destas coisas. (COMPÊNDIO VATICANO II, 2000, p. 133)

São Paulo, depois de citar o capítulo 2, versículo 24, do livro de Gênesis acrescenta: “este mistério é grande digo em relação a Cristo e a Igreja”<sup>30</sup>.

A revelação do mistério escondido de Deus encontra no matrimônio a sua figura simbólica. É por isso que o amor de Cristo pela Igreja se torna ponto de referência fundamental e sacramental da sociedade conjugal. Na verdade, a relação Cristo-Igreja é antecipada no sacramento do matrimônio. O matrimônio cristão situa-se no cerne do mistério de Cristo e vive da gratuidade e da fidelidade do amor de Cristo, isto é, da aliança especialmente a propósito da indissolubilidade.

### **5.1.2 A encarnação de Cristo e o novo sentido do matrimônio**

No Guia das Equipes de Nossa Senhora (2000), um dos eixos da espiritualidade desse movimento é a encarnação de Cristo, evento primoroso em que Ele se insere na História como ser humano. É no Novo Testamento que o matrimônio constitui uma comunidade imersa no mistério de Cristo que tem como fundamento e modelo Cristo e a Igreja. Ele está a serviço do Reino de Deus e é um modo de viver o Reino. A sacramentalidade do matrimônio é afirmação do amor-aliança de Cristo e a Igreja cujo matrimônio é símbolo. Desta unidade que os cônjuges participam sob o influxo da graça eis que uma é referência para o outro no plano da salvação no sentido teológico mais profundo. Sendo trivial que todos os sacramentos, como

---

<sup>28</sup> Cf. Romanos 5. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>29</sup> Cf. Apocalipse 12. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>30</sup> Cf. Efésios 5,32. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

celebração salvífica-trinitária apresentam três dimensões: são memória do mistério pascal de Cristo, sinal rememorativo; auto-realização da Igreja, sinal demonstrativo e antecipação do Reino definitivo. Constata-se o matrimônio como lugar e sinal de salvação.

Interrogado pelos fariseus sobre a indissolubilidade do matrimônio, Jesus duas vezes se remete ao “princípio”<sup>31</sup>. “Não lestes que desde o princípio o Criador fez o homem e a mulher? E disse: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne. Portanto, o que Deus uniu o homem não separe.” Desejando se sentirem respaldados por Moisés, que havia permitido o divórcio, indagam: Por que Moisés mandou que se desse carta de divórcio a mulher e depois a repudiasse? Jesus respondeu: Por causa da dureza de vossos corações, mas no “princípio” não foi assim. A tradição Javista herdada do hebraico chamar o primeiro homem de ‘ha-‘adam, no entanto, mais tarde, o termo ‘ish, macho, e ‘ishshah, fêmea, porque foi tirada do macho, são raízes etimológicas de uma mesma fonte que assinala a primazia oferecida pelo Criador. Evidente que a analogia do amor humano do homem e da mulher, é prenúncio daquele mistério inefável que São Paulo na carta aos Efésios menciona: Cristo amou a Igreja e por ela se entregou, este mistério é grande.

Na epístola aos Efésios com “Igreja”; pode-se dizer: povo de Deus da Antiga e da Nova Aliança. Acrescentamos que em ambas as concepções, a dimensão comunitária é posta, no primeiro plano, mas não tanto que esconda totalmente a dimensão pessoal que, por outro lado, pertence simplesmente à essência do amor sponsal. Em ambos os casos, temos antes que tratar com uma significativa “redução da comunidade à pessoa”: Israel e a Igreja são considerados como esposa-esposo por parte do esposo-pessoa (“Javé” e “Cristo”). Todo o “eu” concreto deve encontrar-se a si mesmo naquele bíblico ‘nós”. (JOÃO PAULO II, 2005, p. 531).

Como nos salienta o teólogo Bruno Onigbeni (2006), por costume, o apocalipse é colocado no último lugar entre os livros do Novo Testamento de toda a bíblia cristã. E o primeiro livro da bíblia, o livro dos Gênesis, na primeira página narra a criação do mundo e do homem, de quem é dito que foi feito macho e fêmea. Evidentemente não é um acaso a correspondência entre a primeira e a última página da bíblia, aquela na qual se narra a criação do homem e da mulher e aquela em que há um relato das núpcias do cordeiro com Jerusalém. Pode-se afirmar o sentido profundo de que a nupcialidade funciona como estrutura paradigmática da inteira revelação bíblica.

## 5.2 PERSPECTIVA DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

---

<sup>31</sup> Cf. Mateus 19, 3ss ; Marcos 10, 2ss. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

O movimento das Equipes de Nossa Senhora, constitui toda a sua reflexão, estudo e orientações, no horizonte do Magistério da Igreja e, paulatinamente, vai atualizando as realidades à sua proposta pastoral.

O matrimônio é assumido como desígnio divino, desde os primeiros relatos na Sagrada Escritura<sup>32</sup>. “Por isto, o homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher e os dois se tornarão uma só carne”. O movimento das Equipes de Nossa Senhora elabora suas reflexões, retiros e orientações, partindo das orientações do Magistério da Igreja. Do pacto conjugal, a íntima comunhão de vida e de amor, vividos pelo casal como consentimento irrevogável, firma-se o sacramento do matrimônio, cujo autor é o próprio Deus. Na natureza do homem e da mulher, o matrimônio está inscrito e, apesar das numerosas variações, através dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais, a mística e a espiritualidade, não são meramente humanas. Foi graças ao Criador que o mistério do homem veio evidenciar-se em Cristo, Novo Adão no qual habita toda plenitude.

Pe. Caffarel (1957), fundador das ENS, ressalta a intrínseca relação que há entre a espiritualidade conjugal das ENS e a fundamentação da vida esponsal expressa por São Paulo na Carta aos Colossenses: “Ele é a imagem de Deus invisível”<sup>33</sup>. Aos filhos de Adão, Ele restituiu a semelhança divina. N’Ele, a nova lei do amor, libertou-nos da escravidão do pecado. Unidos ao apóstolo nós aclamamos “O filho de Deus me amou e se entregou por mim”<sup>34</sup>. A vida cristã é totalmente permeada pelo marco fundante da história do povo de Deus: a sponsalidade de Cristo e da Igreja.

O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e é guiado e enriquecido pelo poder redentor de Cristo e pela ação salvífica da Igreja para que os esposos possam ser conduzidos eficazmente a Deus, e ajudados e confortados na sublime missão de pai e mãe. Por isso os esposos cristãos são robustecidos e como que consagrados para os deveres e de dignidade de seu encargo por um sacramento especial, exercendo seu múnus conjugal e familiar em virtude deste sacramento, imbuídos do espírito de Cristo que lhes impregna toda a vida com a fé, a esperança e a caridade, aproximam-se cada vez mais de sua própria perfeição e mútua santificação e, assim unidos, contribuem para a glorificação de Deus. (COMPÊNDIO VATICANO II, 2000, p. 197)

Nisto o mistério ao longo dos séculos que ficou escondido, agora foi manifesto e São Paulo, na Carta aos Efésios, capítulo 32 atesta: “Este mistério é grande, refiro-me a Cristo e à Igreja”. Tal como registra Scola (2003), o casal ordenado por sua própria índole à procriação e zelo na educação da prole, o matrimônio, o amor conjugal e os atos próprios da “*una caro*”

---

<sup>32</sup> Cf. Gênesis 2,24. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>33</sup> Cf. Colossenses 1, 15. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>34</sup> Cf. Gálatas 2,20. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

constituem o referencial da esponsalidade em Cristo. Paulatinamente, o cultivo por especial dom da graça e da caridade, o Senhor sana, aperfeiçoa e eleva este amor à interação entre o humano e o divino, no recíproco dom de si, os cumula de alegria e satisfação por toda a vida. Segundo Noriega (2005), é superando a mera atração erótica e o egocentrismo tão difusos em nossos tempos que se poderá centrar em sua existência as virtudes desta vocação cristã imprescindível ao equilíbrio da família humana. “Crescei e multiplicai-vos”, recorda-nos o livro do Gênesis, capítulo 1, versículo 28. Na *Familiaris Consortio*, o Papa João Paulo II (2005), afirma que os casais, assumindo a incumbência da colaboração na obra criadora de Deus, os filhos a eles confiados terão nesta sábia convivência familiar, solidez e discernimento, frente aos desafios que urgem de clareza nos propósitos que a Igreja orienta. Contudo, os textos de espiritualidade conjugal afirmam que o matrimônio não foi somente instituído em razão da prole. A comunhão de vida, a oblação e a indissolúvel união entre um homem e uma mulher, porta em si todo o valor de sua indissolubilidade. Tendo presente o fato de casais que mesmo buscando a ajuda das ciências médicas, os meios lícitos para a gestação e não logrando êxito, a adoção de crianças os felicita, fortalecendo-os no vínculo conjugal. A doutrina da Igreja Católica, no Compêndio do Vaticano II (2000), menciona que o amor recíproco e total, a generosidade e o espírito de doação e a assiduidade na oração, ratificará, de modo crescente o chamado ao testemunho de vida, afastando-os do adultério, divórcio e aborto, banalizados pelo subjetivismo que se opõem aos valores evangélicos.

Na *Familiaris Consortio*, o Papa João Paulo II (2005) em suas catequeses afirmou que os pais são os primeiros e os principais educadores. Nenhuma instituição na sociedade substitui a família. Onde o Estado e a sociedade não priorizam a família, os fundamentos da pessoa estão comprometidos pelo caos e a barbárie. Sua relevância é tal que onde é inexistente a presença dos pais, esta dificilmente poderá ser suprida. A eficácia do amor e da fé que os pais transmitem aos filhos favorece a uma íntegra educação pessoal e social dos filhos. O direito-dever educativo dos pais se une na mesma vertente de transmissão da vida humana qualificando-a, essencialmente, pela relação de amor que subsiste entre pais e filhos. A tarefa educativa é insubstituível e, portanto, não delegável totalmente a outrem. João Paulo II (2005) endossa que o amor dos pais é o mais radical elemento que qualifica o dever de educar. O cumprimento da obra educativa concretizada pelos pais, atinge o âmago da pessoa e assume-se como norma que inspira e guia, como escola de virtudes, e tornam-se os frutos mais preciosos do amor. O bem da pessoa e da família, em meio à dificuldades agravadas pelo modo relapso como tantas vezes se vive frente aos desafios da educação, pode ser também

alcançado adotando um estilo de vida simples e austero, internalizando como valor que “o homem vale mais do que é, pelo que tem”. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 100).

No livro de João, capítulo 1, versículos de 1 a 3 no início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus e o Verbo era Deus. Brota desse imanente mistério de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo o reflexo do chamado que Deus faz à humanidade para no matrimônio realizar o contínuo vir-a-ser da aliança de Deus com seu povo que terá sua síntese nas núpcias escatológicas.

Das diversas contribuições legadas do ministério do Papa João Paulo II, temos a “Carta dos Direitos da Família” fruto do Sínodo dos Bispos em 1980. Sua apresentação final foi declarada em 22 de outubro de 1983. O resumo dos principais tópicos da referida carta encontra-se a seguir. Dos itens mencionados nos “Pontos Concretos de Esforço”, a interrelação entre espiritualidade conjugal e familiar, contempla a missão da Igreja, indicada nesta carta e as ENS inserem em seus propósitos esta tarefa.

- A- Os direitos da pessoa, embora expressos como direitos do indivíduo, têm uma fundamental dimensão social, que encontra na família a sua expressão natural e vital;
- B- A família é fundada no matrimônio, união íntima de vida na complementaridade entre um homem e uma mulher, que se constitui com o laço indissolúvel do matrimônio contraído livremente e expresso publicamente, e está aberta à transmissão da vida;
- C- O matrimônio é a instituição natural a que está confiada de maneira exclusiva a missão de transmitir a vida.
- D- A família, sociedade natural existe anteriormente ao Estado e a qualquer outra comunidade e possui direitos próprios que são inalienáveis;
- E- A família constitui, mais ainda do que um simples núcleo jurídico, social e econômico, uma comunidade de amor e de solidariedade que é apta do modo único a ensinar e a transmitir valores culturais éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e o bem-estar dos próprios membros da sociedade;
- F- A família é o lugar onde diversas gerações se encontram e se ajudam reciprocamente a crescer na sabedoria humana e a harmonizar os direitos dos indivíduos com as outras instâncias da vida social;
- G- A família e a sociedade, que estão ligadas mutuamente por vínculos vitais e orgânicos, têm função complementar na defesa e no progresso do bem da humanidade e de cada pessoa;
- H- A experiência de diversas culturas através da história mostrou como é necessário para a sociedade reconhecer e defender a instituição familiar;
- I- A sociedade, e de modo particular, o Estado e as Organizações Internacionais, devem proteger a família com medidas de caráter político, econômico, social, e jurídico, tendentes a consolidar a unidade e a estabilidade da família de modo que ela possa exercer a sua função específica;
- J- Os direitos, as necessidades fundamentais, o bem-estar e os valores da família, ainda que em alguns casos sejam progressivamente salvaguardados, são com frequência ignorados e não raro minados por leis, instituições e programas sócio-econômicos;
- K- Muitas famílias são constrangidas a viver em situação de pobreza que lhes impedem de desempenhar o próprio papel como dignidade;
- L- A Igreja Católica, consciente de que o bem da pessoa, da sociedade e da Igreja mesma passa através da vida familiar, considera o próprio da sua missão

proclamar a todo o desígnio de Deus inscrito na natureza humana sobre o matrimônio e a família, promover estas duas instituições e defendê-las contra todos os que as atacam. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1994, p.120).

Considerando-se o significado do empenho da vida conjugal e familiar, partindo-se dos bens que o Senhor os concedeu, através da instituição do matrimônio, vê-se a largueza da graça agindo. De modo enfático, Santo Agostinho, citado por Ouellet (2004), aponta três grandes bens: a procriação (proles), a fidelidade (*fides*) e o *sacramentum*, que até os nossos dias são considerados comuns a toda a tradição do ocidente e do oriente. A teologia moral tem aprofundado os dois primeiros amplamente e o terceiro, que é o sacramento cuja ordem sobrenatural opõe em irredutível indissolubilidade do contrato matrimonial. Segundo Ouellet (2004), não se pode ignorar que em nosso tempo, que o pecado faz romper a importância deste dom que Cristo oferece à Igreja. O pecado dos cônjuges é infringir a relação da aliança com Deus que os abençoou e os constituiu uma unidade. Ouellet (2004), citando São Tomás de Aquino, na *Summa Teológica*, faz distinção deste modo: na natureza (*naturae officium*) está infuso a procriação e a fidelidade. Mas, segundo este autor, quanto ao sacramento do matrimônio, este é essencialmente constituído por Deus. Daqui parte a perspectiva sobre a implicação teológica e espiritual do sacramento do matrimônio que torna os cônjuges cristãos inseridos no mistério nupcial de Cristo e da Igreja. Ouellet (2004) desenvolve uma longa e bela tese sobre os dons do matrimônio que assinala: os dons criados exprimem o amor incriado das pessoas divinas. Segundo este autor, o amor humano em sua beleza e fragilidade permite transparecer como um ícone vivente a glória interna de Deus. Desta forma, o Espírito Santo prolonga no matrimônio aquele esplendor de Cristo e da Igreja. Na constituição dogmática *Lumen Gentium* (2000), a Igreja afirma que os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do matrimônio, santificam-se mutuamente em decorrência da educação dos filhos. Eis que para este estado de vida, há uma função especial a ser expressa pelo povo de Deus, realizado neste consórcio.

Tomando como ponto de vista a vocação do amor que faz jorrar a graça do sacramento do matrimônio, Ouellet (2004) afirma que é evidente que o agir contrário a esta ação de Deus é pecar, pois atina contra o bem do dom do sacramento. Este também menciona que a contínua conversão é caminho eficaz que dará consistência aos cônjuges do dom da fecundidade do sacramento do matrimônio. A família é considerada como “comunidade de vida e de amor” (COMPÊNDIO VATICANO II, 2000):

Assim a família comunicará as suas riquezas espirituais generosamente ainda às outras famílias. Assim a família cristã patenteará a todos a presença viva do Salvador do mundo e a autêntica natureza da Igreja pelo amor dos cônjuges, pela fecundidade generosa, pela unidade e fidelidade e pela amável cooperação de todos os membros, porque se origina do matrimônio, que é imagem e participação do pacto de amor de Cristo e a Igreja (COMPÊNDIO VATICANO II, 2000, p. 197-198)

Este desígnio foi perturbado pelo pecado do primeiro casal, porém Cristo, curando o pecado e a dureza do coração do divórcio, renova por uma fidelidade absoluta na nova aliança o perdão que emana do próprio Cristo, Senhor. Partindo deste dom sacramental, o matrimônio e o amor conjugal os promovem à dignidade de uma vocação propriamente sobrenatural que transcende, fazendo-os compreender as funções e desvios desta dádiva na ordem da criação.

### **5.2.1 O sacramento do matrimônio e a intrínseca imersão na Trindade**

O Espírito Santo é infundido na celebração sacramental, oferece aos esposos cristãos o dom de uma comunhão nova. Segundo Ouellet (2004) um amor que é imagem viva e real daquela singularíssima unidade que torna a Igreja indivisível corpo místico do Senhor Jesus. Esta comunhão não nasce de uma relação humana mais ou menos frágil, inconsistente, mas da graça santificante que os fortalece para promover todos os seus dinamismos.

A reflexão teológica distingue duas dimensões definitivas, mas estreitamente ligadas deste dom próprio dos cônjuges. Uma dimensão objetiva que consiste essencialmente no apoderar-se do selo divino que assinala o amor conjugal. Constituindo na decisão dos mesmos o consenso que o Espírito Santo respaldou no ato divino feito dom total e irreversível dos cônjuges. Esta é a primeira dimensão constitutiva do casal como dom sacramental e recebem a faculdade de representar e reproduzir esta íntima união carnal do mistério da união nupcial de Cristo e da Igreja. (OUELLET, 2004).

O Concílio de Trento já havia afirmado que a graça do sacramento de conservar o amor natural os confirmava de modo indissolúvel, realizando a santificação dos cônjuges. A descrição desta graça está esclarecida em termos de cura, elevação e aperfeiçoamento do amor dos cônjuges em vista do cumprimento da sua missão específica. (OUELLET, 2004).

O grande artífice da santificação do dom do amor conjugal é o Espírito Santo. Ele transmite aos cônjuges o seu modo próprio de ser comunhão de pessoas, o Espírito Santo é o mestre interior do amor dos cônjuges; ensina-os a saborear mais profundamente e de modo mais puro a alegria da comunhão, incita-os a se amarem com seu amor, lançando-se um ao outro delicada e sinceramente no primado do acolhimento. Nos momentos difíceis o Espírito

os faz obter pacientemente a conversão do coração mediante o sofrimento da humilhação e da reconciliação depois do pecado. Em todas as circunstâncias o Espírito ensina a rezar partindo da vida para crescer na santidade a pessoa chamada ao amor sacramental. (OUELLET, 1998)

A graça sacramental descrita deste modo nos faz perceber quanta coerência os cônjuges vão trilhando em interagir, pois a missão dos cônjuges supera notavelmente a ordem natural da procriação e da educação dos filhos. Esta visão mais cristocêntrica e mais personalística da graça implica uma mudança de perspectiva que permite aprofundar a relação dos cônjuges com Deus. Do evento das núpcias sacramentais os cônjuges cristãos são inseridos na missão do Espírito Santo, voltados não só para a perfeição do amor natural, mas a introduzir-se no amor escatológico que une Cristo à Igreja. Neste sentido, o Papa João Paulo II nos adverte:

o amor conjugal faz brotar aquela plenitude que os tornou interiormente ordenados, a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a santidade de Cristo que se doou na Cruz. (JOÃO PAULO II, 2005, p. 21)

### **5.2.2 O matrimônio: indissolúvel desde “o princípio”**

O tema da indissolubilidade é central nas Equipes de Nossa Senhora, por isto será estudado atendo-se aos princípios oriundos da abordagem bíblica.

Semelhante perspectiva se caracteriza no evidente caráter personalizante da graça, o jogo dramático da pessoa divina que vem ao encontro dos cônjuges, os abençoa e os empenha a servir e glorificar a Deus fazendo morada no templo na comunhão divina. Ouellet (2004) nos recorda que quando Cristo é interrogado sobre dar carta de divórcio à mulher, assim o Cristo responde: “Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu repudiar a vossa mulher, mas no princípio não foi assim”<sup>35</sup>. Cristo denuncia a dureza do coração dos filhos de Israel e restaura o matrimônio indo às origens da história da Criação, o que faz muito mais que excluir o divórcio com a explicitação da indissolubilidade. Cristo pôs a base da elevação do Matrimônio na dignidade do símbolo real da nova e eterna aliança sancionada no sangue redentor de Cristo. O Espírito Santo que o Senhor infundiu doa um coração novo restaurado pela graça ao homem e à mulher, para que eles possam amar-se como o Senhor os ama. Renegar este dom constitui o pecado dos cônjuges cristãos a ponto de determinar a qualidade de toda a maldade ética. O pecado de nossos primeiros pais, presente como protótipo de todos

---

<sup>35</sup> Cf. Mateus 15, 6-8. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

os outros casais à luz da Sagrada Escritura se compreende como revelação da verdadeira natureza do pecado. Isto pode parecer como violação consciente e voluntária dos preceitos divinos. O caráter pecaminoso do ato exterior se transparece, sobretudo na decisão gerada no interior da pessoa humana. Ao provocar o gesto de desobediência o pecado corrói o espírito, como nos lembra Nosso Senhor. O mal é gerado dentro do homem.

Segundo Ouellet (2004), a desobediência do primeiro casal humano aparece como um gesto de infidelidade e ingratidão que terá como consequência o rompimento com a bondade divina. Desta imagem do Deus esposo traído e abandonado por sua esposa infiel fundamentada nos profetas em vários textos vê-se o desprezo não só pela palavra de Javé, mas por Javé, o pecado contra Javé<sup>36</sup>. De fato, o pecado afasta o homem de Deus e o coloca fora do paraíso da familiaridade com Ele, privado do amor divino que fazia do homem e da mulher uma só carne<sup>37</sup>.

Santo Tomás de Aquino, citado por Ouellet (2004) afirmou, essencialmente, que o primeiro pecado constitui-se de uma culpa de desobediência por orgulho que chagou mortalmente a natureza humana, distinguindo-o do seu sim último por um vão amor próprio.

Por meio da obediência redentora, Cristo refez a vida de Adão com o pendão, pois com a efusão da misericórdia divina, todo o gênero humano, mediante a graça santificante, restabeleceu os laços da Aliança na justiça originária. Quando contemplamos Davi no *Miserere*<sup>38</sup>. O pecado é antes de tudo um ato contra Deus, ruptura de uma relação entre o homem e Deus, e não simplesmente uma violação de uma ordem moral ou social, esta ruptura suprime a comunhão com Deus. Paulo, o Apóstolo dos gentios, foi incisivo: “Deixai-vos reconciliar com Deus”<sup>39</sup>. São Máximo Confessor, citado por Ouellet (2004) adverte:

o diabo é sedutor do homem do começo ao fim, o havia separado da vontade divina. Havia dividido os homens unindo-os a outros interesses. Jesus é o único mediador da Nova Aliança. Os seus ensinamentos, os seus gestos, o seu sacrifício oferecem uma luz nova para compreender o pecado e o mistério da iniquidade que seu sangue em libação redimiu de uma vez para sempre todo gênero humano. (OUELLET, 2004, p. 178)

Na economia sacramental cristã, o matrimônio é um dos sete sacramentos. A sacramentalidade própria da experiência religiosa cristã não é qualquer coisa que se acrescenta à vida. Do amor sponsal, os cônjuges cristãos portam em si mesmos o amor de Cristo que se doa inteiramente. E este fato é o que há de mais belo a se contemplar.

---

<sup>36</sup> Cf. 2 Samuel 10, 13. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>37</sup> Cf. Gênesis 2, 24. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>38</sup> Cf. Salmo 51, 5-6. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>39</sup> Cf. 2 Coríntios 5, 20. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

Eros e ágape devem encontrar-se no coração do homem e da mulher. Este é vosso prazer estupendo: fazer acontecer este encontro no vosso coração. Este encontro é o anúncio possível da virtude da castidade, que compreende até mesmo a abstinência, mas não se reduz a ela: a supera e a integra. Neste contexto agem de fato duas forças que têm um movimento, uma intencionalidade diferente: o movimento captativo que é próprio da intencionalidade erótica e o movimento oblato, que é próprio da intencionalidade do ágape. (CAFFARRA, 2006, p.5)

O evangelista Lucas não deixa de exprimir de modo contundente o que Jesus procurava intuir quando falava do pecado. “Pecado é afastar-se da casa do Pai. Viver sem Deus e longe de Deus seja na alegria ou nas provações deste mundo” (GRUNDMANN, 1965, p. 820). Deve-se notar que o pecado não é tanto um ato, mas um estado e uma condição de vida sem reportar-se a Deus. Afastando-se da casa paterna o pecador destrói em si a presença divina e se aliena duplamente no conduzir-se a uma vida dissoluta. O pecador age perdendo a familiaridade com o Pai, o que implica no obscuramento da sua identidade filial. “Pecador é aquele homem que contesta a autoridade absoluta de Deus refutando o amor total e a obediência” (GRUNDMANN, 1965, p. 820).

### **5.2.3 Do rompimento da aliança à renovação sponsal**

O amor revelado do Pai na presença do seu filho Jesus tinha por meta pôr o homem pecador frente à plena realidade de Deus e o dispendo à perfeita comunhão. O anúncio do perdão e da misericórdia do Pai tinham por objetivo restaurar todos os homens, não só os pecadores mas até mesmo os justos. Estes últimos tinham necessidade de serem purificados de suas justiças e de suas devoções egoístas e da demasiada segurança em si mesmos. A mensagem de Cristo é de uma novidade tal que provoca estupor e admiração. A razão profunda do escândalo é o que põe os seus contemporâneos não só em frente ao desafio de uma conversão moral, mas até mesmo frente a adesão incondicional à sua pessoa. Esta adesão é a fé que faz os discípulos não só participarem de uma nova mensagem de sabedoria, mas a viver o Reino de Deus na história.

Grundmann (1965) salienta que o perdão proclamado e praticado por Jesus na doação na Cruz não é qualquer coisa de particularmente evidente, mas um evento extraordinário, constitui um triunfo sobre o pecado e por conseqüência acontece a irrupção do Reino de Deus. Este evento escatológico nota-se de modo evidente na última ceia. Jesus revela de modo particularíssimo nestas circunstâncias que Ele é consciente de sua própria missão: consagrar a

sua vida pela salvação de muitos, declarando explicitamente que não beberá mais vinho doravante, a não ser, com os santos, o vinho novo no Reino de Deus. Orígenes citado por Lubac (1992) comenta que: “beberá novamente mais tarde quando todas as coisas estiverem sido submetidas e quando todos terão sido salvos e tendo sido destruída a morte provocada pelo pecado, não será mais necessário oferecer vítimas pelo pecado” (1992, p. 331-332).

O ponto de convergência decisivo do Novo Testamento que faz eclodir a visão máxima escatológica da história é: Cristo vencendo o pecado inaugurou um mundo novo. Enquanto realidade que determina o mundo presente, o pecado significa em todo homem a rebelião contra Deus. O senso de redenção operada por Cristo reside no perdão dos pecados. Isto tudo caracteriza e distingue o Novo Testamento frente ao helenismo e ao judaísmo; captar esta realidade significa imensuravelmente adentrar no evento de Cristo até o fim dos tempos. Lyonet (*apud* OUELLET, 2004) explica de modo contundente que aquilo que aconteceu no início da história da salvação mediante o relato do pecado do primeiro casal, está presente como protótipo de todos os outros, na Sagrada Escritura que revela sobretudo a verdadeira natureza do pecado. Balthasar (1970) comenta o pecado de Eva no Paraíso e de todos os filhos culpados: “a curiosidade, que em termos teológicos, é o saber sem amor. Esta impaciência de possuir uma realidade como finalidade num fruto proibido, está na esfera de uma realidade que somente a graça divina poderia conceder” (1970, p. 108).

#### **5.2.4 A conversão: adesão à fecundidade espiritual em Cristo**

Deus chama a todos os homens a entrarem em plena vida de comunhão com Ele. Trata-se de todos os homens pecadores “vendidos como escravos do pecado”<sup>40</sup>, que haviam aceitado voluntariamente a alegria das paixões pecaminosas. Não podemos perder de vista que o primado da conversão supõe uma postura de decisão firme, uma adesão penitente. A Sagrada Escritura, nos acena Ouellet (2004), oferece-nos uma clara distinção entre o que o aspecto interior da penitência e os atos exteriores exigem. A versão grega da Bíblia usa o verbo *epistréphein* que denota o comportamento prático, contendo o verbo *metanoéin* que tende a uma renovação interior. A metanóia é o arrependimento, o espírito de contrição, de penitência. E para coroar esta meta de conversão Hellín (2007) salienta que:

O amor conjugal é o elemento constitutivo do matrimônio equivale afirmar que se não existisse aquela entrega recíproca e irrevogável, não existiria entre os cônjuges o “foedus coniugale”. As leis de unidade e insolubilidade, portanto não são

---

<sup>40</sup> Cf. Romanos 7,14. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

exigências extrínsecas do matrimônio, mas nascem da própria essência. O amor constituinte, deve ser amor conjugal, deve ser exclusivo e indissolúvel. Casando-se, os esposos exprimem a decisão de pertencer-se para à vida e de contrair para essa finalidade um vínculo objetivo, cujas leis e exigências, longe de ser uma escravidão, são uma garantia e uma proteção. (HELLÍN, 2007, p.43)

Para os cônjuges, este processo interativo de mútua caridade, doação e conversão apresenta-se de modo a ter como conseqüência exprimir a dupla exigência prática e espiritual de uma compleição ética em harmonia com a vontade de Cristo na comunhão do Espírito Santo, isto supõe a unidade, fidelidade e fecundidade do casal segundo os fins específicos do matrimônio. Esta metanóia dos cônjuges cristãos supõe-se superar o horizonte da moral e da espiritualidade por abraçar a dimensão sacramental inserindo-se no nível apostólico e missionário. Esta graça potencializa o casal e a família para, no itinerário de crescimento, receber e transmitir estes dons a outrem. Evidente que abertos a uma concreta e perseverante ação do Espírito Santo, sem a qual não atingiríamos a santidade, comunhão e missão digna deste nome. O que, portanto, exige uma docilidade, pois tal vivência não é fruto de um voluntarismo, de moralismo ou ativismo pastoral. Recordar-se um grande santo russo Serafim de Sarov (*apud* CAFFAREL, 1964):

acolher o objeto da vida cristã em qualquer estado de vida significa cultivar a aquisição dos dons do Espírito Santo. O dom de si do casal cristão o habilita a viver enxertados no mistério de Cristo na Eucaristia, centro onde gravita esta união íntima. Assim plenificados transformam suas energias vivificando e nutrendo constantemente a vida esponsal, familiar e social. (1964, p. 117-118).

Por ocasião do 5º Encontro Mundial das Famílias com o Papa Bento XVI, em Valencia, na Espanha, em junho de 2006, Pe. Júlían Carrón (2006) afirmou que a crise antropológica que ora se vive, repercute no cerne da experiência humana de sociabilidade: no casal e na família. É amando até as últimas conseqüências, tal como Cristo amou a humanidade, que o amor esponsal atingirá seu horizonte.

De fato, “o mistério eterno do ser” nos é revelado pela pessoa amada, nada nos desperta, nada nos torna tão conscientes do desejo de felicidade que nos constitui quanto a pessoa amada. A sua presença é um bem tão grande que nos faz perceber a profundidade e a verdadeira dimensão deste desejo: um desejo infinito (...) A crise da família é uma conseqüência da crise antropológica na qual nos encontramos. De fato, os esposos são dois sujeitos, um eu e um tu, um homem e uma mulher, que decidem caminhar juntos rumo ao destino, rumo à felicidade. A maneira como vivem a sua relação, como a concebem, depende da imagem que cada um faz da sua vida, da decisão de si. Isto implica uma concepção do homem e do seu mistério. (CARRÓN, 2006, p. 39)

Um “eu” e um “tu” limitado, suscitam um no outro um desejo infinito e se descobrem, lançados por seu amor, rumo a um destino no infinito. Nessa experiência se revela, em ambos, a própria vocação. Sentem a necessidade um do outro para não ficarem paralisados no próprio limite. Sem outra perspectiva senão o tédio da solidão. Mas no mesmo momento em que se revelam a nós mesmos as dimensões sem limites dos nossos desejos, a nós é oferecida uma possibilidade de realização maior ainda: vislumbrar na pessoa amada a promessa da realização. Na “*Deus caritas est*” nos salienta o Papa Bento XVI (2005):

O amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma, e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, (...) de tal modo que comparadas com ele, à primeira vista, todos os demais tipos de amor perdem na cor (2005, p. 10)

Por isso o Papa Bento XVI (2005) cita Vigílio nas bucólicas, “*Omnia vincit amor*” – o amor tudo vence. E o Papa conclui acrescentando: “*et nos cedamos amori*” – rendamos também nós ao amor.

A comunidade cristã é interpelada sobre a tarefa de fazer chegar a todos os homens e mulheres à plenitude de vida que Cristo nos oferece. Só o horizonte desta macro-realidade pode não se consumir, pois a humana realização delineia a pessoa na descoberta em si. Uma capacidade de alcançar o outro na diversidade, de gratuidade sem limite, de perdão que sinaliza a misericórdia sanadora de Cristo.

Segundo Olivier (2000), somente o zelo de comunidades cristãs radicadas no espírito do Ressuscitado acompanharam e sustentaram os esposos na sua aventura. Será difícil atingir o êxito desta meta sem uma acurada investida e dedicação. Os protagonistas principais destes trabalhos são os esposos, que por sua vez não podem renunciar a este lugar que ninguém pode ocupar na retidão em suas consciências, orientadas pela mística e experiência da Igreja vai inserindo-se pouco a pouco como protagonista no resgate de outros casais em via de se libertar e amadurecer na consciência dos seus alcances e limites. Para este autor, no cerne da vocação conjugal está radicado: caminhar juntos rumo ao único que pode responder à sede de felicidade que meu parceiro me reflete constantemente no configurar-se a Cristo. Eis a luz que nos vem dos passos dados pela samaritana, que de marido em marido não conseguia satisfazer a própria sede, contudo só em Cristo ela faz a experiência profunda de vida e testemunho deste marco que a transformou.

### **5.2.5 A família é a primeira escola de sociabilidade**

Para Mourão (2001), a desagregação, o individualismo e o egoísmo geram tensões violentas e conflitos na família cuja superação se dá pela presença dos pais, familiares e educadores, que os ajudam a discernir em vista da verdadeira justiça, que por si só ilumina, em respeito à dignidade pessoal, para além de cada um, e ainda mais no serviço sincero e desinteressado pelos mais pobres. A família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade. O dom de si, compartilhado pelos cônjuges, gera comunidade de amor, os fortalece em seus projetos, fazendo-os crescer no mais amplo horizonte da sociedade. A sexualidade humana se encontra no embaraço diante de uma sociedade que a banaliza por entendê-la de maneira reduzida ao imediatismo e ao prazer, empobrecendo-a por limitá-la unicamente ao corpo, dissociada da totalidade que é a pessoa.

Em carta à Diocese de Roma, sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações, o Papa Bento XVI (2008a) alentara para o testemunho da verdade e do bem, ante as debilidades e misérias, cujos educadores devem ser os artífices em viabilizar soluções consistentes.

Portanto, não podemos deixar de ser solícitos pela formação das novas gerações, pela sua capacidade de se orientar na vida e discernir o bem do mal, pela sua saúde não só física, mas também moral (...) fala-se, por isto, de uma “emergência educativa”, confirmada pelos insucessos com os quais com muita frequência se confrontam os nossos esforços para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e dar um sentido à própria vida. (BENTO XVI, 2008a, p. 46)

Na encíclica *Spe Salvi*, o Papa Bento XVI (2008b) ressalta que quando alguém experimenta na vida um grande amor conhece um movimento de redenção que dá sentido novo a vida. O ser humano, realça o Papa, necessita do amor incondicional. Mergulhando no mistério da vida de Cristo inevitavelmente torna-se protagonista desse amor.

### 5.3 PERSPECTIVA TEOLÓGICA

As Equipes de Nossa Senhora realizando um nexos entre a conjugalidade e a teologia, encontra no teólogo Wojtyła, precisamente em sua obra “Amor e Responsabilidade” (1982), um vasto campo onde se inspira para desenvolver suas orientações, pertinentes à espiritualidade conjugal.

Eis que a publicação da obra “Amor e Responsabilidade” do teólogo Karol Wojtyła, em 1960, na Polônia, suscitou em âmbito científico o interesse em refletir a complexidade da

sexualidade humana não restrita às normas éticas, mas constitutiva do domínio da pessoa. Cômico de que, em ética, o primado da pessoa, no seu agir, na sua atividade e dos direitos são básicos para a compreensão da realidade na qual ela está inserida. Este é o parâmetro apropriado e único para todas as reflexões no campo da ética sexual. A fisiologia, a medicina e psicologia colaboram na reflexão e questionamento, mas não proporcionam o fundamento para a compreensão do amor e da responsabilidade que precisamente se gesta na pessoa e tem no sexo oposto a força motriz da reciprocidade. O mundo objetivo, no qual vivemos, é constituído de pessoas e coisas. Considera-se como coisa um ser que não só é privado de razão, como também é privado da vida. Um objeto inanimado é uma coisa. Quando se diz “indivíduo animal” faz-se a relação com a espécie em questão. Entretanto, atribuir ao homem apenas como indivíduo da espécie “homo sapiens” não basta. O vocábulo pessoa está para além do conceito de indivíduo da espécie humana. O homem porta em si algo que o plenifica e manifesta a perfeição particular do ser da pessoa humana.

A pessoa é simplesmente um indivíduo de natureza racional. Como intelecto, o homem é o único sujeito dentro do universo dos seres com esta faculdade racional. Mesmo os animais similares ao homem corporalmente, nenhum atinge o ser humano na sua ontologia. E esta diferença dos animais se destaca pela interioridade que se concentra na vida do homem. O conhecimento e o desejo exprime um caráter espiritual do qual os animais não são dotados e forma no homem uma autêntica vida interior. A correlação vida interior – vida espiritual, a verdade e o bem, são os fundamentos nos quais as pessoas estão em contínuo processo nesta tensão existencial.

A pessoa é justamente um ser objetivo, e que como sujeito bem definido, entra em contato estreitíssimo com o mundo (exterior) e nele mais profundamente se arraiga graças à sua interioridade e à sua vida espiritual. É preciso acrescentar que assim se comunica não só com o mundo visível, mas também com o invisível e antes de tudo com Deus. Este é outro sintoma da especificidade da pessoa no mundo visível (...) É claro que ela deve conhecer e aceitar como um bem o meu objetivo e adotá-lo como próprio. Então entre mim e aquela pessoa nasce um elo particular: o elo do bem comum e do comum objetivo que nos une. (WOJTYLA, 1982, p. 21)

O homem não é só sujeito da sua ação, mas concomitante à sua ação também é objeto. No seu agir, há atos que têm como objetos outros. Ao relacionar-se com pessoas do sexo oposto, precisamente na interação sexual, a mulher é objeto do homem e o homem objeto passivo semelhante por parte da mulher. Sendo sujeito o que age e o que recebe a ação do

objeto. Esta equivalência deve estar aliada ao princípio de que ele age e que seu objeto é outra pessoa humana<sup>41</sup>.

### 5.3.1 A pessoa humana e a capacidade de auto determinar-se

Afirma Wojtyla (1982), na interioridade da pessoa está inscrito o seu duplo caráter de sujeito capaz de pensar e de auto determinar-se. Nisto toda pessoa, por sua natureza, de modo imanente, pode determinar seus próprios fins. Kant, citado por Wojtyla (1982), afirmara que no final do século XVIII, a ordem moral tem este imperativo: “age de tal modo que nunca trates uma pessoa simplesmente como um meio, mas sempre como um fim da tua ação” (1982, p. 96). Evidente que quando Deus tenciona orientar o homem para os seus fins, o introduz a tais conhecimentos para que, ao o inspirar, que o mesmo possa realizar o seu livre arbítrio. Eis que aqui surge a mais profunda lógica da revelação. Deus oferece ao homem o conhecimento do seu fim sobrenatural, mas respeita sua liberdade de escolhê-lo. Para salvar o homem, Deus conta com sua liberdade, a sua livre vontade. Considerando-se o imperativo mencionado por Kant, vê-se que essa instância sobrenatural se pospõe, pois o mesmo afirma:

Todas as vezes que no teu procedimento uma pessoa é objeto da tua ação deve lembrar que não deves tratá-la como instrumento. Mas deve considerar que ela tem, ou deveria ter, o seu próprio fim. Assim formulado, este princípio fundamenta qualquer noção de liberdade humana retamente concebida, especialmente a liberdade de consciência. (WOJTYLA,1982, p. 27)

A antítese, única e evidente desta utilização realizada pela pessoa enquanto meio ou instrumento da sua ação é o amor. E a aceitação e escolha deste bem comum e do comum objetivo nasce um elo que os une, pois ‘desde dentro’ as pessoas que atuam são impulsionadas pela raiz essencial do amor. Segundo Pe. Caffarel, citado no veículo de comunicação das Equipes de Nossa Senhora, “a escolha consciente, feita em comum por diferentes pessoas faz com que elas se tornem iguais entre si, e por isso mesmo exclui que

---

<sup>41</sup> O homem aparece no campo da experiência como ‘*suppositum*’ particular, e ao mesmo tempo com ‘eu’ concreto, único e irrepitível. Esta é uma experiência humana em duplo sentido; de fato quem a experimenta é o homem e de quem se tem a experiência, o sujeito da experiência é o homem também. O homem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. À essência da experiência pertence a sua objetividade, ela é sempre uma experiência de ‘algo’ ou de ‘alguém’, e por isso o homem-sujeito é um dado da experiência também de modo objetivo. Este sentido do objeto não deve ser confundido com outro, mas restrito, no qual o autor aplicará falando da possibilidade de tratar a pessoa humana como ‘objeto de uso’. Tratar alguém como objeto de uso é tratá-lo como meio para um fim, como coisa, sem respeitar a própria finalidade da pessoa.

uma delas tente sujeitar-se a outra. (...) Só as pessoas partilham o amor” (CARTA MENSAL, 1999, p. 3). Também o fundador deste movimento, aliando santidade e conjugalidade aventa:

A santidade que, até agora, parecia chamar a um afastamento do mundo, afirma cada vez mais o seu direito de cidadania no mundo. Para os cristãos, o temporal não pode ser abandonado: trata-se de recuperá-lo para fazê-lo entrar na grande corrente que arrasta para Deus a criação inteira. (CARTA MENSAL, 1999, p. 3).

Segundo Olivier (2000), no relacionamento mútuo, o amor não é algo dado. Ele é um princípio no qual o homem deve abrir-se a ele e deve querê-lo para superar a informação utilitária ou consumista no trato inter-pessoal. Se ao organizarem suas funções duas pessoas: patrão e empregado e se o empregado for utilizado pelo patrão só como meio, isto é incompatível com a sua natureza e tenderá a anular a pessoa do empregado. Na relação homem e mulher, em ética sexual a analogia tem semelhante implicação. Porque, particularmente, neste relacionamento somente o amor pode fazer superar o uso de uma pessoa pela outra. Quando as pessoas, em vista do bem comum que escolheram como objetivo se subordinam em função do mesmo bem, o amor é o sustentáculo insuperável. Em conferência aos casais, sobre viver a conjugalidade hoje, Jack Dominian, citado pela Carta Mensal (2001), salienta que o casal cristão encontra na espiritualidade conjugal, a pedagogia que os possibilita a mútua entrega e nos filhos, a solidez de uma missão expressa na ação criadora de Deus na história.

Num movimento como as Equipes de Nossa Senhora, vocês devem estar conscientes de que fazem bem mais do que desenvolver a vida pessoal para vocês mesmos. Os Equipistas estão na vanguarda da Igreja, que procura se compreender, que toma consciência que o matrimônio está no coração da sua vida e da evangelização do mundo de hoje. O Evangelho nos é dado como verdadeiro caminho de vida, não como uma ilusão ou uma miragem. Quando partilhamos o verdadeiro amor em casal, há sempre um desejo de identificação com o outro para saber, não apenas sofrer juntos, mas também para ser feliz. A nossa fé convida-nos a não sermos heróis de vez em quando, mas constantes e corajosos (Carta Mensal, 2001, pág. 08).

### **5.3.2 A comunidade conjugal: dom de si e da família**

Pelo matrimônio, unem-se duas pessoas, homem e mulher, de modo que se tornem uma só carne, como nos indica o livro do Gênesis, capítulo 2, versículo 4. “O matrimônio é um dos mais poderosos campos deste princípio.” Pelo matrimônio, pode-se garantir que a outra pessoa na conjugalidade torne-se não só um meio para seu objetivo almejado, mas uma condição de possibilidade para ambos obterem um fim comum. A comunidade conjugal, e o

matrimônio, possibilitam estar alicerçado na maturidade do relacionamento que advém da procriação, dos filhos, do dom de si e da família como finalidade assumida entre o homem e a mulher.

Nesta convivência percebe-se que a problemática que envolve a moral sexual e as questões pertinentes à moral matrimonial. Neste âmbito de matrimônio, os mesmos devem pretender de modo cômico e responsável o bem fundamental do outro concomitantemente. Esses são os parâmetros pelos quais Wojtyla (1982) afirma ser autêntica humanidade reconhecer pela alteridade o valor da pessoa. Deste contexto se origina uma específica problemática tanto para a moral como para ética sexual. Seja pela via do matrimônio, ou de tantas outras maneiras de relacionar-se, ou da coexistência entre pessoas do sexo oposto.

O estilo e característica do homem contemporâneo, marcado pelo utilitarismo, parece ameaçar as várias esferas da vida, de modo especial o campo sexual. Na sua aplicação existencial, o princípio da utilidade (*principium utilitatis*), exige o máximo de prazer e o mínimo de sofrimento para a maioria dos homens. Se não se descobre que o homem na sua complexidade: matéria e espírito, inteligência e sensibilidade, está para além dos postulados do utilitarismo que o torna obcecado pelo máximo de desfrute afetivo-emocional na busca do prazer, é óbvio que esta é uma programação egoísta que não contempla o amor verdadeiro. Conseqüentemente não oferece meios para a transição de um autêntico altruísmo. A alternativa que possibilita ao homem não reduzir-se ao inevitável egoísmo é o “bem objetivo”, o qual une as pessoas assumindo o desafio de tender pela decisão e vontade às características do bem comum.

Neste contexto, em conferência às Equipes de Nossa Senhora, o casal Equipista Alberto e Constanza, no X Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora adverte:

A comunidade que tem fé e vida no amor tem uma dinâmica própria:

- *Nasce*, não por geração espontânea, mas como resposta ao apelo de Cristo: “*Segue-Me! E ele levantou-se e seguiu-O*” (Mt 9,9). Aprende-se, experimenta-se, vive-se e desenvolve-se na prática sustentada. Não há regras precisas para o seu crescimento, mas há critérios: o bem comum acima do bem individual; a caridade cristã acima de tudo; a procura permanente da vontade de Deus.
- *Cresce*, alimentando-se da Palavra, da oração e da Eucaristia. Vive o amor a exemplo de Cristo. Pratica a aceitação e o perdão. Contribui para o crescimento do outro.
- *Reproduz-se*, criando novas comunidades de fé.
- Mas também *morre*, no sentido evangélico da renúncia a si mesmo: cada vez que perdoamos ao nosso irmão, em cumprimento do mandamento novo do amor, morremos um pouco para nós próprios, e é aí que experimentamos um profundo sentimento de verdadeira felicidade. (X Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora, 2006, p 4).

### **5.3.3 Equipes de Nossa Senhora: escola de formação, oração e vida**

Este é o fundamento do amor, e quando as pessoas optam por ele, o escolhem se dispondo simultaneamente, superam o marasmo do egoísmo, que é inerente ao ser humano, e aí se oculta com diversas matizes, condicionando-o ao subjetivismo. Este alcance perseguido desemboca no amor, na felicidade. Segundo Wojtyla (1982), o amor é a comunhão das pessoas. Convergem no mesmo sentido a proposta das Equipes de Nossa Senhora, afirma o conselheiro internacional Pe. Cristóbal Sàrrias, sj.:

Nossas ENS encontram sua força no do Evangelho, uma Boa Nova que deve ser proclamada a todos e devemos procurar a maneira de fazer com que outras pessoas participem de nossas riquezas. Lancem um olhar a sua volta e vocês encontrarão campos infinitos onde seu dom pessoal terão um sentido evangélico e nossas ENS jamais serão guetos fechados, tesouros escondidos no cofre do egoísmo, mas um fogo que ilumina nossos irmãos e irmãs que têm sede de Deus. As equipes devem ser uma escola de oração, de formação, de vida espiritual, mas também um ponto de partida para sermos testemunhas na origem de nossa ação como colaboradores na tarefa de transformação do mundo, seja qual for o local e em todas as circunstâncias que se manifestem os sinais dos tempos e o apelo do Senhor (Carta Mensal, 1998, p. 31).

Na realidade, o mandamento formulado no Evangelho exige do homem em relação ao seu próximo, aos seus semelhantes, o seu pleno sentido que no exercício do ‘bem objetivo’ faz acontecer o amor entre as pessoas. Por natureza, o mundo das pessoas é superior porque Deus o Criador, as cria à Sua imagem e semelhança. Este marco fundante opõe-se ao princípio do utilitarismo. O mandamento de Cristo é de relevância incomparável, é a via pela qual se atinge em alto nível o amor, em contraposição, o utilitarismo não atinge a pessoa como fim, mas como meio único, ou até mesmo o supremo valor.

A outra vertente de conteúdo positivo, que paralelamente pode-se cultivar é a norma personalista. Wojtyla (1982) afirma que a pessoa é um bem a respeito do qual só o amor constitui a relação própria e plenamente válida. O fundamento da norma personalista é o mandamento evangélico.

Em certo sentido, pode-se dizer que amar é uma exigência da justiça, assim como usar a pessoa como meio seria contrário a esta justiça. Na realidade, a ordem da justiça é mais fundamental do que a ordem do amor – e em certa medida até o inclui – tanto quanto o amor pode ser uma exigência da justiça. Pois certamente

amar ao homem ou amar a Deus, amar à pessoa, é algo justo. (...) A natureza do amor inclui a afirmação da pessoa como tal (WOJTYLA, 1982, p. 39).

O arcabouço da norma personalista é o amor e a justiça. Portanto, para a clareza desta questão, afirma-se nitidamente que este amor refere-se ao mandamento do Evangelho, está vinculado unicamente à norma personalista e não a utilitarista.

### **5.3.4 O corpo exprime a pessoa e suas relações**

Afana-se em programar, controlar e dominar as diversas operações tecnológicas do nascimento à morte, pretendo de domínio com o poder de decisão de acolher ou refutar a vida banalmente. O valor do ser é substituído pelo ter. O corpo não é mais percebido como realidade tipicamente pessoal, sinal e lugar das relações com os outros, com Deus e com o mundo. Fica reduzido à pura materialidade. Reduz-se a mera complexidade orgânica que tem função e energia usáveis segundo os critérios de restrição visados de modo globalizante limitados ao prazer e à eficiência. A dignidade pessoal é substituída pelo critério de eficiência, da funcionalidade e da utilidade. A pessoa não é mais apresentada por aquilo que é, mas por aquilo que tem, pelo que faz, e pela rentabilidade que proporciona. É a supremacia do mais forte que se agiganta sobre o mais fraco. Indubitavelmente, o homem não pode deixar de reconhecer a originária evidência de sua condição criatural, expressa por Deus. Tendo recebido de Deus o ser, a vida como um dom e um compromisso, pois somente admitindo e interagindo deste modo na sua originária dependência como Ser, o homem poderá realizar-se plenamente, em vista a sua vida e a totalidade incondicional a vida e a liberdade das outras pessoas.

Se nas diversas relações que se articulam o homem não decide intensificar que a ação de Deus transcende e perpassa todas as culturas, pode-se estar certo de que aqui reside a negação do mistério de Deus manifestado no próprio homem. Negar Deus e viver como se ele não existisse facilmente renuncia-se ao compromisso mediante a dignidade da pessoa humana e da inviolabilidade da sua vida.

Schindler (2007) salienta que é primoroso observar a afirmação da *Evangelium Vitae* sobre a existência de um nexos entre a cultura da morte e a essência de uma relação da

liberdade com Deus e com outrem. Cita por exemplo os Estados Unidos, portanto inserido numa sociedade liberal em que as sondagens continuam indicando uma taxa altíssima de 90% de pessoas que crêem em Deus e apresentam disposição para ajudar pessoas necessitadas. Apesar de ambas estarem presentes na sociedade americana, vê-se que numerosos e crescentes sintomas da morte, como fora delineado pela *Evangelium Vitae* coexistem com a crença em Deus e generosidade em função de outrem. Remetendo-se às observações iniciais, pode-se antecipar que a precisão necessária em esclarecer a argumentação da EV encontra-se na natureza do drama com pressupostos de paixão e interioridade. A crítica de Schindler (2007) se incide sobre a essência de Deus típica da cultura da morte, que em outras palavras, não é em primeiro lugar questão de intenção moral, mas de profundidade ontológica.

O eixo da problemática encontra-se na indiferença ontológica dos conceitos de razão e liberdade, cuja indiferença se manifesta na incapacidade de ter em conta a natureza constitutiva da relação do homem com Deus, consigo e com outrem, portanto, das implicações da origem e do destino criatural do homem versadas de razão e liberdade e do mesmo modo pelos seus atos.

O valor moral do íntimo liame existente entre os bens do matrimônio e entre os significados do ato conjugal funda-se na unidade do ser humano, unidade resultante do corpo e da alma espiritual. Os esposos expressam reciprocamente o seu amor pessoal na “linguagem do corpo”, que comporta claramente e, ao mesmo tempo, “significados esponsais” e parentais. O ato conjugal, com o qual os esposos manifestam reciprocamente o dom de si, exprime simultaneamente a abertura ao dom da vida: é um ato indissolivelmente corporal e espiritual. É em seu corpo e por meio dele que os esposos consumam o matrimônio e podem tornar-se pai e mãe. Para respeitar a linguagem dos corpos e a sua natural generosidade, a união conjugal deve acontecer no respeito pela abertura à procriação, e a procriação de uma pessoa deve ser o fruto e o termo do amor esponsal. Dessa forma, a origem do ser humano é o resultado de uma procriação “ligada à união não somente biológica mas também espiritual dos pais ligados pelo vínculo do matrimônio”. Uma fecundação obtida fora do corpo dos esposos permanece privada, por isso mesmo, dos significados e valores que se exprimem na linguagem do corpo e na união das pessoas humanas. (RATZINGER, J., 1987, p. 42-44).

Morandé (1999) salienta que a existência mesma do ser humano e a auto-referência basilar de sua consciência é completamente independente da redução que se faz da vida humana, como produto das forças produtivas materiais e das relações de produção da sociedade como foi operacionalizado por conhecidas ideologias do século XIX e XX. O que é próprio do ser humano é pertencer genealogicamente a espécie, ou seja, por meio de progenitores sexualmente diferenciados que necessitam vir-a-ser “uma só carne” para procriar e que o fruto de seu encontro será o indivíduo sexualmente diferenciado que necessitará, a seu tempo, encontrar com outro indivíduo de diferente sexo para continuar a ontogênese da vida.

A sociedade poderá evidentemente, através de seu engendramento tecnológico, facilitar ou prejudicar essa experiência de encontro que, por isso mesmo, não possui nenhum substituto funcional.

O casal cristão, imbuído do sacramento do matrimônio e orientações da Igreja saberá discernir esta gama de contradições que a *Evangelium Vitae* aborda no intuito de oferecer elementos constitutivos do nexos entre a compostura condizente com a justiça social, a justa profundidade ontológica e a fidelidade à ação criatural e salvífica de Deus.

Todo o ministério de Cristo se radica no amor incondicionado e se traduz no amor ao próximo<sup>42</sup>. Jesus ensina a amar o próximo como a si mesmo não nos limitando o “amor ao próximo” ao co-nacional ou consangüíneo, na parentalidade, mas concentrando, sobretudo nos humildes e suas necessidades. A parábola do bom samaritano<sup>43</sup>, na mesma perspectiva Jesus releva a experiência do amor ao próximo como centro da experiência, da vivência e do mistério do Reino. No samaritano, estava manifestada a lei viva do coração não reduzida a um sentimento, mas na alteridade se exprimia a dignidade de si e de outrem (HACKMANN, 2008). Inexaurível a essência do amor é uma inclinação que quer levar a união com o amado. Uma inclinação que brota do centro do mesmo ser e de que todos os outros aspectos são conseqüências, como impulso sexual, o ímpeto, a afirmação do valor da pessoa amada ou uma decisão pessoal. O amor humano só pode se realizar no amor de Deus, pois a pessoa está marcada pelo pecado o que a liga o seu “eu” aos seus sentidos e instintos e por isso o verdadeiro amor pessoal só é possível como ágape, como participação no amor divino. No processo de realização plena da pessoa só é possível através de Jesus Cristo por obra do Espírito Santo. Primorosamente o ágape é um sinal específico da realidade da vida dos cristãos.

### **5.3.5 Teologia do corpo: primado da pessoa**

Na mesma perspectiva, por ocasião do I Congresso Teológico Internacional, ocorrido em Salvador-Ba, Melina (2008) afirmou que do ponto de vista da “teologia do corpo” a revelação cristã ilumina a experiência humana da corporeidade em sua verdade mais

---

<sup>42</sup> Cf. Mateus, 22,39. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

<sup>43</sup> Cf. Lucas 10,29-36. In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

profunda. No seu âmago está a fé aliada à experiência. Essencialmente refletir sobre o homem denota que suas diferenças em relação aos outros seres o põe concomitantemente pertencente ao mundo da matéria e ao mundo invisível do espírito. O alcance da transcendência nasce da unidade profundíssima de corpo e espírito. Suas demandas, dinamismo e solicitações, *ad intra*, *ad extra*, tem sua operatividade por múltiplos estímulos de natureza: instintiva, psico-sócio-biológico, que num todo orgânico elabora sua síntese partindo do princípio de unidade e harmonia. Afirmo Melina (2008) o primado da pessoa é embasado do princípio e a resolução unitária das múltiplas dimensões que constituem o homem. A corporeidade expressa a criaturalidade da pessoa que feito “Dom” por desígnio do Criador que o cumulou de meios (imagem e semelhança) para atingir em sua eterna aliança, o mistério nupcial.

No X Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora, Padre Fleischmann (2006), enfatiza o liame que há entre Eucaristia e a vida conjugal. Para as ENS a Eucaristia é o primeiro lugar do nosso enraizamento na Igreja de Cristo. Comentando o Sermão 272 de Santo Agostinho recorda:

Tu ouves dizer – ‘o Corpo de Cristo’ – e tu respondes – ‘Amém’. Sê realmente um membro de Cristo para que teu Amém seja verdadeiro. Que nós saibamos não separar o Corpo eucarístico do Corpo místico, porque pela fé reconhecemos que é o mesmo Corpo do Senhor. Nesta perspectiva, as distâncias geográficas ou culturais têm pouca importância. Nossa vocação nos une pelos méritos de Cristo no único Corpo eclesial que têm a sua centralidade na Eucaristia. (Carta Mensal, 2006, p. 9)

Para Olivier (2000), Deus chamou do seio das famílias alguns para serem a sua presença no meio do povo. Para o autor, a cooperação destas distintas vocações específicas, sacerdotal e matrimonial, qualificam o ministério do Reino de Deus.

Eu vos darei pastores segundo o meu coração, que vos conduzam com inteligência e sabedoria” (JEREMIAS 3, 15). A vocação toma corpo com o “Sim”, dado uma vez e respondido a cada dia. E muitos sacerdotes dão ainda um *plus* ao seu ministério: como não agradecer a Deus pelos sacerdotes conselheiros espirituais? Há sacerdotes novos e outros ainda mais andados nas sendas da vida e do Evangelho. Trazemos os testemunhos dos casais, de todos e cada um que neste intercâmbio de dons – sacerdócio ministerial e vocação matrimonial – se qualificam na cooperação do serviço do Reino de Deus. (Carta Mensal, 2006, p. 19)

Para os equipistas, Maria é um exemplo a ser seguido. Segundo João Paulo II, em pronunciamento dirigido às Equipes de Nossa Senhora, na Basílica de Aparecida, o casal é chamado a participar da “escola de Maria”. Isto significa aprender dela a escutar, acolher, celebrar e testemunhar a presença do Senhor no meio do seu povo.

A devoção à Maria é fonte de vida profunda. Ao declarar-se “serva do Senhor” e ao pronunciar o seu “Sim” acolhendo em seu coração e em seu seio o mistério de Cristo Redentor, Maria não foi instrumento meramente passivo, mas cooperou na salvação dos homens com uma fé livre e total, por isso eu vos advirto: nas ENS permaneci na escola de Maria, escutai a sua voz, segui os seus exemplos, ela nos orienta para Jesus. Como vemos no Evangelho, “fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5) e como outrora em Caná da Galiléia encaminha ao Filho a dificuldade dos homens, obtendo d’Ele as graças desejadas. Rezemos com Maria e por Maria. Ela é sempre a Mãe de Deus e nossa.” (PRONUNCIAMENTOS DO PAPA JOÃO PAULO II EM VISITA AO BRASIL, 1980, p. 13)

O casal Manuel e Lourdinha foram os pioneiros em Salvador a entrar nas Equipes de Nossa Senhora. O testemunho deles torna-se referencial pelo empenho com que se dispõem aos diversos serviços que o movimento os confia.

Escutar a Palavra nos dispõe a abrir o nosso coração para o exercício da fidelidade ao desejo de Deus. Como casal, em nossa busca de conhecer a vontade de Deus, temos lido, ouvido e até refletido a Palavra Sagrada, porém, nem sempre a temos escutado, todavia podemos testemunhar somente quando a escutamos de verdade e a colocamos em nosso coração é que nos sentimos transformados. Reconhecemos, entretanto, que necessitamos ser mais assíduos, sobretudo em ler, escutar a Palavra, pois há muito ainda a percorrer para alcançarmos o caminho que nos leva à santidade. (...) Escutemos, pois, a Palavra do Senhor e busquemos ser ‘perfeitos, como o Pai celeste é perfeito (Cf. MATEUS 5, 48) (Carta Mensal, 2006, p. 31)

Por ocasião de sua estada em visita ao Brasil, em São Paulo, o padre Henri Caffarel (1957) manifestava seu anseio de que a espiritualidade das Equipes de Nossa Senhora, se tornasse um apostolado cujo estilo de vida contagiase a outros casais.

Censuraria a mim mesmo se não afirmasse estar seguro de que as equipes serão focos incandescentes, irradiando apostolado. É preciso que cada uma delas seja um viveiro de apóstolos, servidores do Cristo e da Igreja, humildes e perseverantes. Eu não insistiria tanto em vos pedir que trabalhásseis em favor do Movimento, se não estivesse convencido de que o melhor meio de atingir a massa é formar apóstolos. Portanto, formar equipes não é abandonar a massa. É suscitar apóstolos que irão prolongar a ação do sacerdote. (CAFFAREL, 1957, p.3)

A oração interior tem um papel importantíssimo para o recolhimento e saboreio de uma espiritualidade onde jorra o encontro com Cristo na fé e no amor. Por isso, o padre Caffarel (*apud* ALLEMAND, 1999) citando a relação médico-paciente, exortava as Equipes de Nossa Senhora sobre o zelo e a assiduidade que o casal deveria viver para atingir o ápice da mais elevada atividade humana: a oração.

Ouçõ a sua objeção: ‘Não temos tempo’. Se a oração interior for um luxo, admito que em suas vidas sobrecarregadas de obrigações profissionais e familiares não haja lugar para ela. Mas se orar for uma necessidade vital, como comer ou dormir, então a objeção é absurda. (O médico não acharia absurda a objeção de seu paciente anêmico que alegasse não ter tempo para comer?) Em verdade, não é o tempo que lhes falta, mas sim a fé: se vocês estivessem convictos da importância da oração, encontrariam um quarto de hora ou meia hora por dia. Entre as horas dedicadas à

leitura, aos trabalhos caseiros, a filmes ou visitas, vocês não hesitariam em guardar uma para a busca de Deus. O que lhes faz falta também é o sentido do esforço: enquanto dedicaram anos a estudar idiomas ou ciências, enquanto gastam quantidades consideráveis de tempo, de imaginação, de energia para desenvolver os seus negócios, vocês ‘empacam’ quando se trata de iniciar-se na mais elevada atividade humana: a oração.” (ALLEMAND, 1999, p. 98)

Monsenhor Jacques Perrier, em Conferência às Equipes de Nossa Senhora, afirma que Jesus Cristo é o centro da vida cristã. Citando o sermão que Pedro realiza no dia de Pentecostes, este autor faz uma reflexão voltada para a vida conjugal, afirmando que a participação no mistério cristão, insere o casal no amor trinitário do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que é um amor esponsal.

Deus estabeleceu como Senhor e Messias a este Jesus por vós crucificado”. A vida do cristão é, pois, como a vida de Jesus, uma vida trinitária. Tal é a vocação da conjugalidade nas ENS, que nossa participação no mistério cristão nos insere no amor trinitário do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E que o mesmo Espírito Santo que gerou o Cristo no ventre de Maria faça morada em nós para que nós anunciemos com a vida a presença de Jesus na História hoje. (Carta Mensal, 2006, p.34)

### **5.3.6 Equipistas: homens e mulheres fiéis a um carisma**

A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e das vias que a levam a seu pleno desenvolvimento. Não se trata de se afastar do mundo, mas a exemplo de Cristo, saber como servir a Deus na vida e no mundo. A espiritualidade não se faz somente com alguns de seus aspectos, como a oração ou a ascese, mas introduz o serviço de Deus lá onde se vive, na família, no trabalho e na cidade. No interior da caminhada espiritual dos casais, Padre Caffarel (1957) registra sua reflexão sobre o amor, sobre as estreitas relações entre o amor a Deus e o amor humano. O amor humano é a referencia que nos ajuda a compreender o amor divino. O seu poder de fazer de dois seres um só todo, resguardando a personalidade de cada um, o amor nos permite obter o entendimento da união de Cristo com a humanidade, e do casamento espiritual da alma com seu Deus. Partindo da experiência do amor do casal, é possível descobrir o amor de Deus com fidelidade e o quanto Ele deseja o nosso bem. Ao mesmo tempo, os esposos desejam a felicidade um do outro tanto no plano humano quanto no religioso. Neste processo que coloca Cristo no centro, acontece a descoberta do método

proposto pelas ENS. É o bem de cada pessoa, o desejo de que cada casal possa crescer, mudar e tornar-se livre, isto é, capaz de amar e desejoso de percorrer um caminho de santidade. A decisão acontece e tem futuro quando o casal se dá conta da sua vocação ao amor e quer aprender a viver inserido na sua realidade, cultivando com profundidade o desejo de viver e crescer em todas as dimensões. Padre Caffarel, em 1952, escolheu a denominação ENS. Esta ligação é profunda e significativa. Ele afirmava:

Este amor por Nossa Senhora não é um sentimento piegas: é admiração pela mais radiosa e mais santa das criaturas, é reconhecimento filial dirigido à melhor Mãe de todas as mães, é ativa vontade de agradá-la, de ajudá-la em sua missão, que é justamente a da maternidade junto a todos os homens...(ALLEMAND, 1999)

Nos documentos das Equipes de Nossa Senhora, tais como as Cartas Mensais, Maria é vista como modelo do que Deus realiza em uma pessoa que está à escuta, totalmente disponível, pronta a seguir por caminhos desconhecidos. Maria, além disso, está ativamente presente nos momentos importantes da vida de seu Filho e da primeira comunidade cristã. O Magnificat, rezado e vivido dia após dia, os conduz a uma fé firme e corajosa, que os permite dizer “eis-me aqui”.

## **6. A ÊNFASE NO PERTENCIMENTO**

Como foi assinalado nos capítulos anteriores, a literatura tem apontado os reflexos das mudanças sociais sobre a família e a conjugalidade. Abordou-se o fenômeno da individuação situado o âmbito da pós-modernidade e a proposta da conjugalidade, objetivada no cerne das E.N.S., permeada pelo Magistério da Igreja e pelos prismas bíblico e teológico. A pluralidade contemplada, gesta seu significado nas práticas das interações que a sociedade realiza, porém o perfil de sujeito, de pessoa, de comunidade humana levantada em certas ocasiões põe em risco o bem estar da sociedade contrapondo-se ao que “a priori” é basilar para a integração dos cônjuges e da família. As ressonâncias emanadas da cultura contemporânea explicitam as diferenças entre os gêneros masculino e feminino com ênfase na igualdade entre os sexos. Isto se evidencia nos âmbitos profissional, cultural e social.

Porém, antes de iniciar a análise desta pesquisa, pensa-se ser oportuno, apresentar o movimento católico das Equipes de Nossa Senhora, que possui como principal carisma a espiritualidade conjugal, aspecto importante para entendermos o objetivo desta pesquisa.

### **6.1 SOBRE AS EQUIPES DE NOSSA SENHORA**

#### **6.1.1 História**

As Equipes de Nossa Senhora nasceram em 1938. O jovem sacerdote Pe. Henri Caffarel, em Paris recebeu uma senhora que desejava lhe falar sobre a sua vida espiritual. Tempos depois volta acompanhada do marido. Após apresentar o Pe. Caffarel a três outros casais, inicia-se esta busca de viver seu matrimônio à luz da fé. No dia 25 de fevereiro de 1939 ocorreu, na casa de um dos quatros casais que iniciaram este desejo, a primeira reunião, cujo nome do grupo era Nossa Senhora de todas as Alegrias. Em 1942 cresceu o número de casais em Paris e o Pe.Caffarel lançou o primeiro boletim de publicação irregular: “*Lettre à de Jeunes Foyers*”(ALLEMAND, 1999, p. 40). Em 1943 lidando com casais, vê-se em consequência da guerra, acompanhando também viúvas que haviam perdidos seus maridos na

II Guerra Mundial nesse mesmo ano no dia 8 de setembro em Lourdes, Marie Françoise de Boucheman pronuncia em nome das sete primeiras viúvas que se reunia a seguinte oração: “Ó mãe mediadora, nós lhe confiamos nosso desejo de consagrar toda a nossa vida e assim doar-nos por toda eternidade àquele que foi o nosso companheiro de caminhada no tempo. Nossa Senhora da Ressurreição, ore por nós”. O arcebispo de Paris, Cardeal Sulard as acolhe no dia 23 de setembro de 1948 e as encorajam a experiência. E o Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, que havia aprovado o ritual de bênção recebe a aprovação em 1984 da Comissão Romana do Culto Divino da Santa Sé. O Pe. Caffarel animava secretamente o *groupement spiritual das veuves*, composta de uma massa de viúvas que não pertencia às espiritualidades das equipes para os casais nascentes do Movimento e para os demais casais cristãos. Para circulação interna do Movimento, em 1944, o Pe. Caffarel decide publicar *Lettre de Mois* para os casais agregados a esta espiritualidade conjugal.

Em 1945, o fundador, o Pe. Caffarel, elaborou o estatuto, as orientações para esta experiência nascente. Começa a ser editada a revista “*L’Anneau d’Or*”, que dá conhecimento a inúmeros outros casais da experiência destas equipes de espiritualidade conjugal. Outros sacerdotes, em 1945, manifestaram o seu empenho ao Pe. Caffarel, francês, ao Pe. Beinaert, dominicano, e para o Pe. Serrand, jesuíta. Na segunda quinta feira de cada mês celebravam uma missa na intenção dos grupos. O Pe. Massabki ministrava, todas terças-feiras, uma aula sobre cultura religiosa na Abadia Beneditina de Saint-Marie. Estes foram preciosos colaboradores para o Pe. Caffarel.

Em 1947, após a segunda guerra mundial, os casais manifestam boa disposição e se multiplicam. Então o Pe. Henri Caffarel se questiona porque não propor aos casais Cristãos uma regra. Não uma regra de monges, porém uma regra para leigos casados. Ainda não existia o trabalho de interação da santidade conjugal. No dia 8/12/1947, na Igreja de Santo Agostinho em Paris, a carta das Equipes de Nossa Senhora foi apresentada para os casais que passaram a chamar-se *groupe accueil*. Depois de longo período “Ad experimentum” por parte da Santa Sé, no dia 26/07/2002, na memória litúrgica de São Joaquim e Santana, pais da Bem-aventurada Virgem Maria. Em 1948 de 30 de abril a 3 de maio, em Paris, num Retiro fechado para viúvas assim testemunha uma das participantes. “É um privilégio participar de um retiro fechado pregado pelo Pe. Caffarel. Não suspeitava que pudesse aprender tanto em três dias” (ALLEMAND, 1964). “Vivi com vocês na atmosfera da caridade de Cristo, algumas horas de paz; dessa paz que há anos não ousava mais crêr e que não mais esperava reencontrar”.<sup>44</sup> No

---

<sup>44</sup> Offertorie no 16-17, julho-outubro de 1949, p. 53.

dia 13/05/1950 funda-se, no Brasil, pelo casal Nancy e Pedro Moncau Jr. a primeira equipe. Em 1973 o Pe. Caffarel, decide-se retirar-se do Movimento. Ele discerniu ser conveniente que um casal mais jovem assumisse a coordenação geral do Movimento e se tornasse independente dele. Numa entrevista em 1983, ele afirmava que há 40 anos reservava três meses anuais de deserto para aprofundar e pensar à luz da oração a sua ação diante do Senhor (ALLEMAND, p. 209).

Hoje presente nos cinco continentes são 28.721 casais no mundo.

A razão de ser do movimento Equipe de Nossa Senhora é ajudar os casais a descobrir as riquezas do sacramento do matrimônio. Com seu testemunho querem ser na Igreja e no mundo uma chama viva do amor de Deus. Sendo um movimento de espiritualidade católica se propõem a:

- a) Manter-se fiéis às promessas do seu batismo;
- b) Dar centralidade a Cristo em suas vidas;
- c) Fundamentar sua vida conjugal e familiar no Evangelho;
- d) Conhecer melhor a vontade de Deus para o homem e para mulher a fim de cumpri-la
- e) Pela sua vida irradiar o amor de Deus;
- f) Que a mensagem de Cristo seja conhecida no mundo;
- g) Pelo seu exemplo de vida profissional e social tornar conhecidos os valores cristãos;
- h) Pelo espírito missionário colaborar com a Igreja, os bispos e o clero;
- i) Que suas atividades sejam colaboração com Deus e um serviço a todos;
- j) Ser protagonista do matrimônio e da família na sociedade (Guia das Equipes, 2000, p. 12)

### **6.1.2 Por que se denomina Equipe de Nossa Senhora?**

O termo “Equipe” foi utilizado porque explicita o espírito e a unidade que fundamenta uma busca de um desejo comum. E de “Nossa Senhora”, porque sendo Cristo a centralidade do mesmo é sob a proteção de Nossa Senhora que conduz ao Cristo os equipistas. Por isso, abertos à vontade de Deus vivam a docilidade ao Espírito Santo (Guia das Equipes, 2000, p. 13.).

### **6.1.3 A mística da Equipe**

Palavra grega que quer dizer “presença”, quer manifestar o espírito que sustenta a presença de Cristo nessa comunhão fraterna reunida. Eis o fundamento, retirado do Guia das Equipes de Nossa Senhora (2000, p. 78-79):

a) Reunidos em nome de Cristo.

“Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles.” (Mt 18,20).

b) A ajuda - mútua.

Por isso os casais de uma equipe se ajudam material e espiritualmente.

c) A ajuda - mútua conjugal

Assim, no casamento, cada um, crescerá cultivando o que há de sui generis nas diferenças e na reciprocidade como casal.

d) Ajuda mútua no caminho da Santidade

Buscam os caminhos que os levam a uma mais profunda união com Deus e cultivam a santidade na vida familiar e através dela.

e) Ajuda mútua na oração

Confortados por Cristo presente no meio deles, escolheram o “magnificat” como oração comum. Rezam juntos, uns pelos outros e diariamente em união com todos os membros do movimento e como intercessão por todos os casais do mundo.

f) Ajuda mútua para aprofundamento da fé

Os casais de uma equipe aprofundam seus conhecimentos e objetivos com os outros membros da equipe e a ajuda de um conselheiro espiritual.

g) A ajuda - mútua nos diferentes etapas de casamento

Nos primeiros anos de casamento um casal jovem vai descobrindo as conseqüências das promessas que fizeram. As equipes os faz “nascer” numa comunidade que o sustenta. Poderão desfrutar do aconchego, do suporte e a ajuda de uma grande família. Do mesmo modo, dificuldades de diversas etapas, como: doença, morte, aposentadoria, etc.

#### **6.1.4 O testemunho**

As equipes de Nossa Senhora se convencem de que outros casais se sentirão atraídos por Cristo e para o sacramento do matrimônio motivado pelo exemplo dos casais cristãos. E neste espírito, os casais são uma fonte, um suporte e encorajamento. (Guia das Equipes 2001, p. 18).

### **6.1.5 O movimento E.N.S. propõe os meios para o caminho traçado por Cristo para engajamento dos casais**

- a) A gradualidade  
Dispor-se pouco a pouco no progresso de um crescimento espiritual.
- b) A personalização  
Sendo uma caminhada pessoal e de casal, cada um terá seu próprio ritmo de viver as propostas do movimento.
- c) O esforço  
A conversão pessoal e de casal exige decisão de transformação e progresso em ações precisas e determinadas.

### **6.1.6 Orientações de vida**

Crescer no amor de Deus é tarefa para toda a existência, eis as propostas do movimento:

- a) Para se ajudarem mutuamente a progredir no amor de Deus.
  - Dar um lugar importante à oração na sua vida
  - Cultivar uma frequência da vivência dos sacramentos, especialmente a Eucaristia.
- b) Para se ajudarem mutuamente a progredir no amor ao próximo.
  - Zelar por uma autêntica ajuda mútua e conjugal (escuta, diálogo e partilha) em todos os âmbitos principalmente espiritual.
  - Manter um constante diálogo sobre a educação dos filhos.
  - Colaborar no engajamento e participação na comunidade cristã.
- c) As orientações do movimento propostas nos encontros internacionais.
  - Acolher as orientações dos encontros internacionais que definem prioridades temáticas para os anos seguintes.

### **6.1.7 Pontos concretos de esforço**

Dispor-se a um direcionamento de itinerário lógico para o crescimento espiritual e humano, pessoal e conjugal. Os Pontos Concretos de Esforço são uma disciplina que ajudam os casais a por o Evangelho em prática na sua vida cotidiana. Esses seis pontos de aplicação bem precisos são um marco essencial que caracterizam o movimento das Equipes de Nossa Senhora.

- a) Escutar assiduamente a Palavra de Deus  
(Hb 4,12.)

- b) Diariamente encontrar-se com o Senhor, numa prece silenciosa: “meditação”.  
(Cl 4, 2.)
- c) Todos os dias, marido e mulher, rezam juntos a “oração conjugal” e se possível, em família, “a oração familiar”.  
(Jo 17, 23.)
- d) A cada mês, encontrar um tempo para um verdadeiro diálogo conjugal, “o dever de sentar-se”.  
(Ef 5, 21.)
- e) Assumir esforços pessoais: “a regra de vida”.  
(Rm 12, 17.)
- f) Fazer a cada ano um retiro. Tanto quanto possível o casal entre outros casais do movimento. (GUIA DAS EQUIPES, 2000, p. 26).  
(Mc 6, 31.)

### **6.1.8 Uma vida em equipe**

Não sendo um fim em si mesma, a equipe é um meio a serviço de seus membros para que:

- a) Haja tempos fortes de oração em comum e partilha.
- b) De modo eficaz, se ajudem mutuamente a caminhar para o Senhor sendo testemunho desta graça.
- c) Em qualquer comunidade cristã podemos distinguir três aspectos:
- d) Com Cristo – a equipe se volta para o Pai para acolher o seu amor;
- e) Em Cristo – a equipe partilha esse amor;
- f) Sustentados pelo Espírito Santo, a equipe envia seus membros em missão para revelar esse amor.

Nenhum casal é obrigado a entrar nas Equipes de Nossa Senhora. Contudo, aos que dela fizerem parte, pede-se lealdade para com os demais membros dessa pequena comunidade, a seu carisma e à pedagogia do movimento. (Guia das Equipes, 2000, p. 28).

### **6.1.9 Reunião da equipe**

Nas E.N.S., a reunião da equipe é o ponto mais alto dessa experiência comunitária. Num clima de caridade fraterna, privilegia-se a partilha de vida. Isto supõe confiança mútua, acolhida e discrição por parte de cada um dos membros das equipes. Ela acontece em cada mês, na cada de cada um dos casais, favorecendo a harmonia e a unidade da equipe. A reunião se desenvolve através de cinco pontos, cuja ordem pode mudar de acordo com a vontade da equipe:

- A. A refeição
- B. A oração
- C. A partilha sobre os pontos concretos de esforço
- D. A co-participação

A troca de idéias sobre o tema da reflexão sugerida pelo movimento para aquele mês.

- a. A reunião começa geralmente por uma refeição. Importa saber que deve ser simples. Cada um pode levar um prato. O essencial é que todos estejam presentes e participem.
- b. A oração é o fundamento na vida em equipe. É o ponto alto da reunião. Após a leitura e silêncio, começa-se a partilhar a palavra em forma de oração. Um crucifixo vai passando entre a equipe que aí também expressa suas intenções e o sacerdote conclui com um salmo, com Pai Nosso, um canto, etc.
- c. Os pontos concretos de esforço: é o momento da partilha em que uns se responsabilizam pelos outros. Cada um é convidado a partilhar sua vivência dos Pontos Concretos de Esforço do mês que passou. Não é constatação de sucesso ou fracasso, mas releitura do processo na vida espiritual. E realiza-se numa atmosfera de meditação e oração.
- d. A co-participação é o tempo forte de ajuda mútua. Pode começar durante a refeição. É o momento em que os casais falam dos acontecimentos importantes desde a última reunião. Põem em comum suas preocupações, vida cotidiana,

engajamento apostólico. Desta acolhida atenta e generosa que pode brotar fecundos vínculos internos. A co-participação reflete a vida da equipe.

- e. O tema de reflexão do mês: suscita um exercício de aprofundamento não só intelectual, mas espiritual. Deve provocar uma troca de idéias, um confronto que ajude a desenvolver e formar sua consciência pessoal. Para finalizar a reunião, pode-se concluir com o “Magnificat”, cujo hábito de rezá-lo faz parte da mística do movimento.

É parte constitutiva da espiritualidade do movimento das Equipes de Nossa Senhora:

- a) Ressalte-se a importância da presença na missa mensal, que é proposta pelo movimento onde todos os equipistas devem estar presentes.
- b) De tempo em tempos, a reunião de equipe, de setor ou região, os casais são convidados a renovar seu compromisso de fidelidade à espiritualidade do movimento. (Guia das Equipes, 2000, p. 31).

#### **6.1.10 Unidade e organização**

A organização, o progresso e a unidade do movimento requer dos membros uma dedicação zelosa que para crescer no senso de pertença assim se expresse:

- a) A oração do “Magnificat” todos os dias em sintonia orante com todos os casais equipistas em todo o mundo.
- b) Leitura da “Carta Mensal” que é publicada facilitando o intercâmbio e formação dos equipistas.
- c) Participar das manifestações, eventos, celebrações organizadas pelos setores, em nível regional, nacional e, quando possível, internacional.
- d) Quando oportuno acolher, hospedar outros membros da equipe em sua casa.
- e) Dispor-se a acolher uma missão, responsabilidade na organização e na animação do movimento.
- f) Apresentar contribuição para a vida do movimento, de acordo com suas posses, embora se sugira o equivalente a um dia de trabalho anual do casal. Portanto, ausência de meios financeiros não deve jamais ser impedimento, de quem quer que seja, a integrar-se à vida das Equipes de Nossa Senhora. (Guia das Equipes, 2000, p. 60).

“Eles vendiam suas propriedades e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,45).

Eis o itinerário de casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimônio, validamente reconhecido pela Igreja e tendo por meta a esponsalidade em Cristo: a Santidade. A questão da viuvez também é abordada pelo movimento no Guia das Equipes que afirma que quanto aos viúvos e vivas, quando perdem os seus cônjugues podem continuar na equipe.

## **6.2 ANALISANDO OS EQUIPISTAS**

No presente estudo, manteve-se o interesse em verificar a influência da espiritualidade conjugal, das Equipes de Nossa Senhora, sobre os casais deste movimento, frente à individuação e ao pertencimento, enquanto dimensões da conjugalidade. Assim, busca-se verificar como os casais das Equipes de Nossa Senhora lidam com situações da cultura contemporânea que enfatizam a autonomia do indivíduo, bem como analisar as dimensões do carisma que favorecem as relações de pertencimento entre o casal.

Para a análise dos dados dos quatro casais entrevistados, usou-se o seguinte método: em primeiro lugar, tomaram-se os indicadores citados nos capítulos teóricos deste estudo, referentes às perspectivas do pertencimento e da individuação. Tendo em vista os indicadores correspondentes a cada uma das perspectivas, tomou-se cada entrevista separadamente, identificando-se no relato de cada entrevistado, os indicadores mencionados. Interessante observar que os casais entrevistados estão numa variante oscilação entre pertencimento e individualização. Ressaltem-se aqui alguns indicadores que sinalizam esta interatividade que os casais vivem no seu cotidiano. No pertencimento aventa-se: compartilhamento total da renda; exercício profissional que vise o bem comum ou a premente necessidade dos cônjuges; contribuição nas despesas domésticas de forma proporcional à renda; valorização do compartilhamento das atividades cotidianas com o cônjuge; diálogo visto como meio privilegiado para superação de conflitos ou busca de conciliação; importância dada à convivência com a família de origem do cônjuge; compartilhamento do mesmo círculo de amizades e divisão das atividades domésticas conforme a disponibilidade de cada um.

A outra vertente carregada de significado, que tanto se enfatiza atualmente é o respeito ao primado do indivíduo, que tem o seu limiar na individualização, sendo referência para a

simetria, o equilíbrio no relacionamento conjugal-familiar e na sociedade. Portanto, aqui mencionam-se alguns indicadores da individualização: compartilhamento parcial da renda, exercício profissional visto como auto-realização e expressão das próprias capacidades, paridade nos gastos domésticos, realização das atividades cotidianas do casal de acordo com o permitido pelas circunstâncias, diálogo visto como meio de auto-expressão; relacionamento com a família de origem do cônjuge focado em festas e datas comemorativas, aceitação da participação do cônjuge a outros círculos de amizade e repartição de tarefas domésticas de forma igualitária.

### **6.2.1 Aliança entre homem e mulher**

Ao serem indagados sobre o que entendem por conjugalidade, os entrevistados relacionaram essa dimensão com aspectos de união/aliança entre um homem e uma mulher - “viver a aliança do matrimônio, o compromisso que o marido e a mulher assumiram diante de Deus” (Bernadete Nunes) - complementaridade, partilha de responsabilidade e/ou dos compromissos assumidos. Talvez esse pensamento esteja ligado à concepção de matrimônio transmitida pelo Magistério Católico, como sinal de aliança de Deus com o seu povo e de um cônjuge, para com o outro. Mas, alguns entrevistados, ao falarem da conjugalidade, também fizeram remissões a aspectos como: “viver o amor”, cumplicidade, fidelidade, respeito, “viver em paz”, “viver uma boa relação”. A conjugalidade foi também relacionada à idéia de um processo, uma caminhada, vivida a dois, que requer entendimento ou compreensão mútua para ser trilhada.

É uma caminhada, é um exercício a cada dia que você tem que entender, procurar entender o outro, o outro procurar lhe entender, e eu acho que é mais ou menos isso. (Paulo Moura)

Conjugalidade é uma extensão da responsabilidade. São todos aqueles conjuntos de coisas que intercompletam o casal, o homem e a mulher. (Geovane Oliveira)

Todos os entrevistados relataram que os filhos fazem uma avaliação positiva deles enquanto casal, sendo a concepção de conjugalidade dos esposos também apreendida quando indagados acerca desse assunto. Alguns entrevistados relacionaram a perspectiva dos filhos a um relacionamento parental pacífico. “Nunca foram vivenciadas discussões nossas, brigas (...) Eles nunca viram nada na família da gente, nenhuma agressão, nada.” (Bernadete Nunes).

Outro entrevistado (João Lima) ressaltou a questão “fusão” como algo admirado pela filha. O aspecto da fusão é muito recorrente no relato de boa parte dos entrevistados. Um dos casais, tanto a mulher quanto o homem, ao tratarem a avaliação dos filhos sobre a sua vivência conjugal ressaltaram a questão da espiritualidade conjugal. “Eu acredito que ela veja em um âmbito de espiritualidade conjugal, já que ela foi criada neste ambiente.” (Laura Lima)

O que demonstra, o que ela nos diz todos os dias, é que admira o casal. Porque nós somos um casal que vivemos um para o outro. E vivemos hoje, desde quando casamos, fomos habituados às missas sábado e domingo, e depois fizemos encontro de casais, e aí começamos a caminhada e ela vendo o dia a dia. Então, ela nos admira e isso serve para ela como exemplo, como ela diz e até o marido dela diz. ‘Tá vendo como o meu pai é com a minha mãe?’. Então a gente se sente orgulhoso. (João Lima)

Tratando de conjugalidade, um dos seus aspectos constitutivos, fortemente presente nos casais entrevistados, é o do pertencimento. Os casais entrevistados demonstram, por um discurso de fusionalidade, que vêm suas vidas imbricadas a do outro: “nós somos um casal que vivemos um para o outro. (João Lima). Esta visão confirma a afirmação de Balthasar (1982), realizada na parte teórica, quando este autor diz que “o homem e a mulher são dois modos de ser da mesma humanidade, são duas realizações diversas da natureza humana (...) Essa é uma dualidade recíproca, isto é: ambos estão intrinsecamente relacionados (1982, p. 345). Da mesma forma, quando indagados sobre a circunstância que justificaria a separação dos cônjuges, dois entrevistados não conseguiam se ver sem o cônjuge, afirmando que nunca pensaram em se separar. “Porque depois que os dois se casam, não são mais eles”. (Geovane Oliveira)

Seria, vamos dizer assim, seria... eu não vejo, há mais de vinte anos... a gente não se vê mais... Acho que o vício, o amor leva ao vício, a gente não se vê mais separados um do outro. Eu acho que já somos a mesma pessoa. Não vejo isso não, pelo menos eu não enxergo isso (Salette Oliveira)

Desta forma, percebe-se que a identidade pessoal se evidencia na alteridade. É importante dizer ainda que este sentimento de pertença também ocorre, no caso dos casais entrevistados, com relação a um grupo social comum: as Equipes de Nossa Senhora. Este movimento por meio do seu foco, a espiritualidade conjugal, reforça o pertencimento conjugal uma vez que os casais se sentem parte do outro em Cristo. Isso pode ser confirmado em um dos materiais formativos do movimento ao tratar do dever de sentar, um dos itens dos Pontos Concretos de Esforço.

O dever de sentar... “é o lugar e o momento onde ‘eu te assumo e tu me assumes’, onde cada um assume o outro no sentido mais completo e mais profundo, o de partilhar nosso projeto cristão, realizando, assim, um sinal real, como um sacramento, pelo qual cada um faz parte do outro no Cristo”. (MÍSTICA DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO, 2004, p. 9, 2004, p. 13)

Ressaltamos ainda que o relato dos entrevistados também vai de encontro ao que afirma Schindler (2007), registrado na parte teórica: “A essência e a existência do homem estão constitutivamente embasada na relação com Deus.” (2007, p. 247)

### **6.2.2 A valorização da individualidade**

Quando indagados sobre como concebem a individualidade dos cônjuges no matrimônio, a maior parte dos entrevistados apontou essa dimensão como positiva, algo constitutivo da pessoa, da personalidade. Uma das entrevistadas, quando indagada sobre como a individualidade deve ser encarada na conjugalidade, afirma: “Respeitando as suas qualidades, os seus defeitos, suas virtudes, procurando aceitá-lo como ele é” (Laura Lima). Alguns participantes, ao falarem das individualidades traduzem-nas também por “particularidades”; e a maioria, a relaciona ao aspecto do respeito. “Respeito acima de tudo às particularidades. O ceder tem que estar sempre presente, o diálogo”. (Clóvis Nunes). Uma das entrevistadas, no relato de sua experiência aponta para a importância de respeitar a personalidade que cada cônjuge tem e, nesse sentido, da necessária adaptação às idiossincrasias do outro para que o casal possa viver bem. Esse pensamento demonstra que, para a entrevistada, as diferenças entre os cônjuges, não devem ser eliminadas, mas mantidas, desde que não gerem conflitos.

Quando nós nos conhecemos, nós éramos formados em caráter, em personalidade, então nós cultivamos isso. Nós nos conhecemos assim, nos adaptamos um com o outro para que a gente pudesse viver bem. Mas temos os nossos limites, diferenças, mas nós procuramos sempre viver o amor, conjugalmente bem. (Bernadete Nunes)

Recorda-se aqui a posição das Equipes de Nossa Senhora acerca do respeito à individualidade do cônjuge: “é preciso primeiro deixar o outro ser ele mesmo, ser o que ele é

e começar a doar-se, não naquilo que queremos dar, mas naquilo que o outro precisa receber (MÍSTICA DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO, 2004, p 10).

Ainda sobre as diferenças entre os cônjuges, uma das entrevistadas, quando tratou sobre desafios enfrentados na vida conjugal, apontou a questão das diferenças de aptidões para o trabalho. Segundo ela, essa diferença levou muitas vezes ao desentendimento, o que foi superado pela compreensão.

Eu acho que o grande desafio da nossa vida conjugal foi entender a minha aptidão, porque eu tenho uma aptidão mais para o trabalho social e ele, mais empresa. Então, esse tempo eu acho que foi um desafio que, muitas vezes se desentendia. Isso acabou sendo resolvido pela compreensão. Acabou ele compreendendo meu lado e eu compreendendo o lado dele. Foi pela compreensão. (Dione Moura)

Mas a maior parte dos entrevistados, ao tratar do assunto da individualidade, considerou importante saber ceder ou renunciar desejos e planos próprios em prol do outro. Essa atitude também foi abordada, no sentido de corresponder ao mesmo esforço feito pelo cônjuge. O tema do “abrir mão” ou saber ceder é uma difícil tarefa para os cônjuges, tal como foi visto no capítulo 2, quando Féres-Carneiro (1998), ao tratar do casamento contemporâneo, fala do difícil convívio entre a individualidade e a conjugalidade. Para os casais entrevistados, “abrir mão da vontade própria”, além de contribuir para a redução dos conflitos, contribui para o alcance de um objetivo comum. Um dos entrevistados, ao falar do “ceder” relaciona esse aspecto a um agir, no sentido que agrada ao outro, buscando antes a felicidade e satisfação do outro que a própria.

Eu acho que, não só no casal, mas em toda a vida humana, você tem que abrir mão de determinadas situações suas, pessoal, em função do outro. Para você poder entender melhor, para você ter uma caminhada. Nós temos que ceder, os dois tem que ceder de uma forma ou outra em prol do objetivo. (Paulo Moura)

Tudo que me faz feliz, ela faz por onde praticar e tudo o que faz ela feliz, eu faço por onde praticar. E esse equilíbrio, no dia a dia, vamos cedendo aqui e ali. Não é porque ela gosta, que eu digo eu não vou, porque eu não gosto. Participo com a mesma alegria com que ela às vezes participa das coisas que ela não gosta. (Clóvis Nunes)

Entretanto, quando os casais foram indagados sobre como encaram as diferenças de gostos, sensibilidade e opções dentro da vivência a dois, a metade dos entrevistados afirmou ser difícil lidar com as “particularidades”, ainda mais se representarem “grandes diferenças” com relação ao outro cônjuge. Também 50% dos entrevistados lembraram a necessidade do

respeito e do saber ceder. Dois dos entrevistados ainda disseram que a maturidade colabora na aceitação das idiossincrasias do outro e um deles apontou a religiosidade como um aspecto que também ajuda neste sentido.

As diferenças de gostos realmente causam conflitos, porém uma boa administração, uma boa dose de maturidade e uma boa religiosidade podem superar esses conflitos (...) O matrimônio, é uma renúncia de ambas as partes para as coisas que são mais agudas, mais cortantes. (Geovane Oliveira)

É um pouco difícil, mas não é impossível. Somos casados há 39 anos, tivemos várias etapas críticas na nossa vida, mas eu acho que hoje existe um respeito muito maior em cada um conseguir manter a sua individualidade. (Salette Oliveira)

A individualidade é um aspecto considerado de tal forma importante pelos entrevistados que, quando uma das mulheres é indagada sobre qual circunstância justificaria a separação dos cônjuges, ela afirma “a falta da individualidade, a falta de respeito mútuo” (Laura Lima). Duas entrevistadas atribuem ainda à falta de diálogo e à traição, quando há o arrependimento por parte do(a) autor(a) dessa. Outro entrevistado aponta a falta da amizade, de cumplicidade e, sobretudo de amor, como motivos que também podem levar à separação.

De modo geral, a falta de amizade, a falta de cumplicidade. As pessoas, muitas vezes, trocam amor por sexo. Amor é um complemento de uma grande amizade. Aí a pessoa fala que é estrutura, é a parte financeira, mas tudo é porque não existe amor. (Clóvis Nunes)

Convém ressaltar que a separação é um acontecimento considerado negativo pelos entrevistados e não desejável no ciclo da conjugalidade. Esse pensamento é compreensível na perspectiva de um movimento católico, cujo “carisma” ou foco é a espiritualidade conjugal, que implica/ inclui o aspecto da união e boa convivência dos cônjuges.

Eu tenho isso comigo que é a pior coisa na vida quando eu vejo que um casal chega a se separar. Ainda mais na vida de hoje que eu vejo um casal que vive oito, dez, doze anos e que nós vemos hoje o dia a dia ai tem gente que se separa, o que é que está acontecendo? Eu fico ‘meu Deus, onde é que nós estamos?’ (João Lima)

Eu tenho a convicção da importância do que é o matrimônio. Ele não é feito para ser dissolvido, ele é feito para ser regado sempre, para dar bons frutos. Então a preocupação da premissa do movimento em relação ao matrimônio é constante. (Clóvis Nunes)

### **6.2.3 Espiritualidade conjugal: amar o outro com o amor de Deus**

A espiritualidade conjugal é considerada como o aspecto mais significativo das Equipes de Nossa Senhora para alguns entrevistados. “O que eu acho mais significativo no movimento é a espiritualidade conjugal. O movimento leva a gente a entender esse carisma da Equipe e queremos vivenciá-lo”. (Dione Moura). Essa valorização é registrada nas diversas atividades e métodos utilizados pelas Equipes de Nossa Senhora. Dentre elas estão: os “pontos concretos de esforço”, os encontros nacionais e internacionais, retiros, sendo reforçados pela Carta Mensal. “Os Equipistas estão na vanguarda da Igreja (...) a nossa fé convida-nos a não sermos heróis de vez em quando, mas constantes e corajosos” (Carta Mensal, 2001, p. 08). A maioria dos entrevistados ao falar sobre as influências do movimento na vida conjugal frequentemente citam as atividades do movimento.

O estatuto todo, mas eu acho mais assim os Pontos Concretos de Esforço. A oração conjugal, a conversa a três, o dever de sentar, o retiro. O retiro é fabuloso, você se retirar de tudo para você ouvir, estar ali perto da presença de Deus, eu acho isso fantástico do grupo. (Bernadete Nunes)

Existe a concepção, entre os entrevistados, que, ao vivenciarem um relacionamento de amor com Deus, os casais terão mais facilidade de transmitirem esse amor ao cônjuge. “Eu diria que a gente se sente cada vez mais aconchegado pelo Pai, mais em seus braços...e se a gente tem amor, a gente só pode dar amor. (Salete Oliveira)

Porque através dos “Pontos Concretos de Esforço”, a gente consegue, por exemplo, fazer a oração conjugal. A gente participa com mais intensidade, com mais conteúdo, com mais conhecimento e é uma oração mais forte. Através dos “Pontos Concretos de Esforço”, as Equipes de Nossa Senhora ajudam muito a vida conjugal. (Laura Lima)

A influência do movimento em nossas vidas é positiva demais por causa dos “pontos concretos de esforço”. Eu acho que o mundo todo hoje direciona o homem para não enxergar Deus (...) essa leitura diária, essa reflexão, esse entrar em contato com Deus, saborear a Sua presença e vivê-la junto aos nossos familiares, irmãos, pois somos filhos do mesmo Deus, sentir isso, viver isso, claro que transforma a gente (...) isso realmente nos valoriza como ser humano, porque Jesus veio para nos devolver essa dignidade de filhos de Deus. A gente cresce naquilo que não se vê, que é a espiritualidade. É isto o que os outros vêm na gente, as mudanças comportamentais que vivenciamos. (Salete Oliveira)

Três dos quatro casais entrevistados afirmam ainda, em seus relatos, sobre a importância da prática da oração conjugal. “No café da noite estamos sempre juntos, na oração da família” (Salette Oliveira). Um entrevistado reconhece que não há assiduidade na oração conjugal e afirma que se reúne para rezar com a mulher, sobretudo o terço e as novenas. “A oração conjugal acontece muito mais quando nós temos o terço, quando nós temos uma novena, mas infelizmente, não é ainda uma rotina, é uma falha nossa”. (Clóvis Nunes)

Ainda acerca da espiritualidade, uma das entrevistadas (Laura Lima) diz que as Equipes de Nossa Senhora ajudam a manter a unidade na família, tal como registra o Pe. Caffarel (1964), “o dom de si do casal cristão o habilita a viver enxertados no mistério de Cristo na Eucaristia, centro onde gravita esta união íntima. Assim plenificados transformam suas energias vivificando e nutrindo constantemente a vida sponsal, familiar e social”. (1964, p. 117-118) e um entrevistado (Paulo Moura) diz valorizar, no movimento, a troca de informações e experiências entre os casais. Um outro ainda afirma que o movimento contribui para “o aprendizado de boas relações humanas e para uma fé madura” (Paulo Moura). Dessa forma, observa-se o reconhecimento dos benefícios que a participação das pessoas em grupo pode trazer.

Acerca dos métodos propostos pelo movimento, um entrevistado disse ainda que a vivência desses ajuda os casais, na realização dos compromissos assumidos pelos cônjuges e na redução das tensões, que surgem entre eles. “O movimento nos ajuda a viver novos deveres, como manter a regra de vida. Os nossos compromissos assumidos fazem com que a gente diminua um pouco as tensões que outrora falamos”. (Geovane Oliveira). Uma outra entrevistada afirma que os métodos utilizados pelo movimento levam os participantes a realizarem com mais constância atos que consideram positivos, como o diálogo.

O movimento exerce influência por meio dos pontos concretos, de seu estatuto... Ele faz com que a gente entenda mais um ao outro. A gente conversa mais, a gente escuta, escuta não, dialoga mais sobre a vida da gente, os nossos filhos, a família, os problemas, sem atritos. (Bernadete Nunes)

A oração, as leituras propostas pelas ENS, são apontadas como meios que ajudam a lidar com as diferenças de temperamento (ou mesmo controlá-lo), colaboram para o respeito entre o casal, para a vivência da individualidade de cada cônjuge. Isso fica claro no relato de uma das entrevistadas, ao tratar da importância do movimento em sua vida conjugal.

Olha, eu acho que esse respeito mútuo, principalmente da individualidade de cada um, advém daí. Isso facilita a vida da gente, pra não ter essa intempérie da vida de outros casais que não estão sempre na oração e na leitura. (Salete Oliveira)

Também com frequência, os entrevistados apontam a figura do conselheiro espiritual como um dos aspectos mais significativos do movimento. Ao serem indagados sobre a análise que fazem sobre a presença do conselheiro espiritual - sacerdote ou estudante de teologia que se prepara para o sacerdócio – os entrevistados o apontam como pessoa que colabora para uma boa convivência conjugal, para o crescimento da espiritualidade, bem como do conhecimento teológico. Ele ainda é visto como figura essencial, “o conselheiro espiritual é a mola mestre” (Clóvis Nunes), que fortalece, orienta, escuta e presta esclarecimentos ou “tira dúvidas” sobre diversos temas, uma vez que é considerado capacitado, acadêmica e pastoralmente, para isso.

Uma equipe sem um conselheiro espiritual não é uma Equipe. De suma importância para a orientação dos casais, para uma convivência melhor, para um crescimento espiritual, para uma boa convivência conjugal. O conselheiro é o elo principal na ENS. Sua presença é muito importante. (Laura Lima)

De suma importância. Uma pessoa que realmente nos ajuda muito espiritualmente, que tira nossas dúvidas. Eu acho, digo olhando para nosso conselheiro, ele uma pessoa muito sábia, muito querida, ele tira as nossas dúvidas de tudo, tanto bíblica quanto familiar, como social. É assim de suma importância o conselheiro espiritual na Equipe. (Dione Moura)

#### **6.2.4 Individação e pertencimento: dimensões da conjugalidade**

Agora, trataremos de analisar cada indicador levantado e para facilitar esta análise, construiu-se um quadro com elementos oriundos da teoria ou das interpretações feitas a partir dessa, que caracterizam as dimensões da individuação e do pertencimento. Assim, cada casal foi analisado separadamente com base nesses aspectos.

Embora se tenha constatado que os casais entrevistados tendem mais à dimensão do pertencimento, notamos no discurso deles (uns mais, outros menos), as influências da contemporaneidade, no sentido da assimilação, por parte desses casais, de valores que concorrem para a individuação.

<b>DIMENSÕES</b>	<b>INDIVIDUAÇÃO</b>	<b>PERTENCIMENTO</b>
Renda	Compartilhamento parcial	Compartilhamento total
Lazer	Aceitação da opção diferenciada de lazer do cônjuge	Compartilhamento das atividades de lazer
Exercício profissional	Auto-realização e expressão das próprias capacidades	Visando o bem comum e/ou premente necessidade
Despesas	Paridade nos gastos	Contribuição proporcional à renda
Atividades cotidianas do casal	Realização de acordo com o permitido pelas circunstâncias	Valorização do compartilhamento
Diálogo	Meio de auto-expressão	Instrumento privilegiado para superação de conflitos ou busca de conciliação
Família de origem do cônjuge	Enfoque em festas e datas comemorativas	Importância dada à convivência
Amigos	Aceitação da participação do cônjuge a outros círculos de amigos	Compartilhamento do mesmo círculo de amizades
Atividades domésticas	Repartição de tarefas de forma igualitária	Divisão de atividades conforme a disponibilidade de cada um.

Com relação ao aspecto da renda, três dos quatro casais entrevistados possuem conta conjunta e separada e apenas um casal tem conta única movimentada pelos dois. Observa-se assim que o compartilhamento total da renda é realizado por somente um dos quatro casais, enquanto a maior parte dos participantes optam pelo compartilhamento parcial de seus rendimentos.

A gente já teve no início conta conjunta, mas não dava certo. Então, hoje cada um tem sua conta, cada um tem mais de uma conta. E cada um cumpre com as suas obrigações. Hoje, nós não interferimos mais nos gastos um do outro. Cada um tem sua independência também financeira (Salette Oliveira)

Nós temos uma conta única, que é a conta da empresa e ela movimenta a conta tanto quanto eu. (Paulo Moura)

O aspecto do pagamento das despesas domésticas relaciona-se com o da renda. A maior parte dos entrevistados disse que cada um dos cônjuges contribui de forma proporcional

em relação à renda e despesas pessoais, posicionamento que faz juz a perspectiva do pertencimento. A maior parte dos homens dessa pesquisa constitui-se em provedores da casa. “Olha, a parte maior é a do marido. Mas é claro que a minha participação também é válida”. (Dione Moura). “Não temos problemas com as despesas da casa, porque ele já assumiu há muito tempo e eu busquei assumir nos últimos tempos”. (Salette Oliveira). Alguns entrevistados afirmaram que assumem mais as despesas, porque ganham mais. Um dos homens disse ainda que houve um acordo entre ele e a esposa, de forma que a provisão da casa foi definida como tarefa dele, para que a esposa pudesse ficar mais em casa, cuidando de perto da educação das filhas. Aqui se pode observar que o masculino e o feminino estão associados à clássica separação entre o público e o privado (SARTI, 1989). Dessa forma, considera-se que ao público, usualmente estão associados o mundo da rua, do trabalho, da política, da economia e a reprodução social; enquanto que ao privado associam-se os espaços da família, da casa, da reprodução biológica, das relações afetivas, etc (BARBOSA, 1999). Em outras palavras, a mãe é tida como aquela que detém o papel central na educação dos filhos.

Hoje, essa parte, sou eu que assumo. É como eu falei, tarefa do lar, e a educação das minhas filhas, é ela que está mais presente, ela está dentro de casa. Eu sou o equilíbrio financeiro e ela o educador da casa. (Paulo Moura)

Nenhum dos casais afirmou que existe paridade na divisão das despesas. Eles relataram, de modo geral, que o compartilhar das despesas não é conflitivo, sendo que cada um colabora com o que pode. “Quando um não pode, o outro pode. Vamos dividindo as despesas, os orçamentos” (Bernadete Nunes).

Quanto ao exercício profissional, somente uma das entrevistadas deixa transparecer em seu relato, que trabalha, visando a auto-realização e expressão da própria capacidade. Já as demais, evidenciam que trabalham com o objetivo de compartilhar as despesas familiares e proporcionar aos filhos uma vida mais cômoda. Essa última perspectiva vai de encontro ao aspecto do pertencimento, no qual o exercício profissional é encarado como atividade voltada para o bem comum e/ou premente necessidade. Duas entrevistadas ainda afirmaram ter reduzido as horas de trabalho para cuidar dos filhos pequenos.

Já, quando elas eram pequenas, as filhas, a gente realmente dedicava a elas. Eu trabalhava, mas eu procurava trabalhar meio período justamente para ficar. Graças a Deus eu consegui. Os empregos, que eu trabalhava, era sempre meio período para

poder ficar o restante com elas, para poder levar na escola, para poder ajudar nas tarefas escolares. (Dione Moura)

Eu reduzi a carga horária do serviço sim, quando Paulo nasceu, eu vendi as cotas da minha clínica porque eu não queria que acontecesse com ele o que aconteceu com os outros. Eu saía antes das sete e chegava depois das oito e tinha horários em casa que não tínhamos aproximação. Paulo é o mais novo, aí o que eu fiz foi isso (...) Porque eu não vi os dois mais velhos ficarem adultos, eu os vi criança e de repente eles estavam adultos. (Salete Oliveira)

Com relação às atividades cotidianas do casal, nenhum dos entrevistados afirma que as realiza de acordo com o permitido pelas circunstâncias, ou seja, só quando é possível (item atribuído à perspectiva da individualização). Mas todos afirmaram que, sempre que possível, priorizam estar juntos e tentam criar oportunidades para que isso ocorra. Dessa forma, dizem se esforçar para reunirem-se com os cônjuges, nas refeições (pelo menos no café da manhã e no jantar), nos finais de semana, nas atividades de lazer, no descanso ou em atividades sócio-religiosas. Assim, no relato de todos os participantes, observou-se a valorização do compartilhamento das atividades cotidianas do casal, aspecto relacionado ao pertencimento. “Nós vamos para o cinema, praia, gostamos de viajar juntos, de ir para o interior. Vamos para as atividades da Igreja que eu gosto muito. Nós somos ministros da eucaristia, temos nossas escalas, temos nossas obrigações” (Bernadete Nunes). Uma das entrevistadas disse ainda que não acha suficiente o tempo que passam juntos. A maior parte das entrevistadas e um dos entrevistados, ao falar das atividades cotidianas com o cônjuge, não deixa de incluir também os filhos.

Todo o tempo que nós temos, se não estamos na vida profissional, estamos com a nossa família de uma forma geral. Tem uma missa hoje na Igreja da Pituba, um exemplo, a gente liga para saber se eles (os filhos) querem ir, o outro já trabalha hoje aqui comigo, o mais velho, aí a gente vai em casa, pega e leva, junta, vamos. Então, atividades diversas. Às vezes tem aniversário de alguém, vai ser na casa de alguém, ou uma reunião, um evento na Igreja, como domingo agora lá na paróquia, e aí vai todo mundo, sempre em conjunto. (Clóvis Nunes)

Olha, na semana a gente está junto sempre que tem oportunidade. É mais difícil no café da manhã a gente estar juntos, porque elas saem mais cedo. Eu com ele, as vezes ele está fazendo um trabalho, eu tenho que sair mais cedo, então a gente não... Almoço também, assim que posso, eu, ele, elas, viemos almoçar, mas... Assim que dá a gente está junto, porque a gente sente uma necessidade muito grande... Eu digo: “o domingo é nosso”. As vezes a gente faz um churrasquinho em casa, uma praia, quando tem um aniversário, a gente procura estar sempre juntos. (Dione Moura)

A metade dos entrevistados afirmou participar do mesmo círculo de amizade, geralmente pertencente às ENS. Esse fator está ligado à perspectiva do pertencimento, no qual há compartilhamento entre o casal, do mesmo círculo de amizades. Entretanto, os dois outros casais afirmaram conviver com amigos não só do movimento, mas fora dele. Percebe-se nessas a flexibilidade existente em concordar que ambos participem de ciclos de amizades, relacionadas ao círculo profissional ou outros: beneficente, esportivo e artístico. Assim, observa-se nessas, a aceitação da participação do cônjuge a outros círculos de amizades, aspecto ligado à individuação. “Nós temos um grupo de amigos ainda do tempo colegial e sempre nos encontramos para jogar xadrês, gamão, baralho, dominó e caminhar na beira mar” (Clóvis Nunes).

Duas vezes por mês nos encontramos a tarde para fazer enxoval para crianças pobres. Acompanhamos as mães grávidas até os cinco primeiros anos da criança. Isto é uma herança familiar de nossas mães, pois já participavam destes gestos caritativos (Laura Lima)

Relacionado às atividades cotidianas do casal, está o lazer. Todos os entrevistados relataram que compartilham das atividades de lazer (aspecto ligado ao pertencimento) e uma das entrevistadas afirmou aceitar a opção diferenciada de lazer do cônjuge, que, de vez em quando, joga xadrês, gamão e baralho dominó só com os seus amigos. Este aspecto relaciona-se a dimensão da individuação. A maior parte dos entrevistados, ao falarem do lazer relacionaram suas atividades mais ao fim de semana e geralmente incluem não só o cônjuge, mas também os filhos.

Geralmente o domingo todo. O domingo é da família. Domingo de manhã vamos à missa, depois voltamos almoçamos juntos, as vezes vamos a praia, saímos à tarde, vamos ao shopping, à noite sempre vamos comer uma pizza. (Bernadete Nunes)

Acerca das atividades domésticas notou-se uma disparidade entre o discurso e a prática dos participantes, tanto das mulheres quanto dos homens, pois, a maior parte deles afirmam que a divisão das tarefas domésticas é feita de forma igualitária, mas na prática é a mulher que se dedica mais a estas ou é responsável por coordenar as atividades da empregada doméstica. Ressalta-se ainda que a maioria das entrevistadas contam com este tipo de auxílio. Esta situação vai de encontro ao que Jablonski (2003) afirma acerca das tarefas domésticas: tem prevalecido ainda ideais simétricos e práticas desiguais.

Isso aí gente não tem problema não, a gente divide diretinho. Não tem homem e mulher. Normalmente as coisas mais pesadas ficam para ele (...) Quem levanta primeiro prepara o café da manhã. Muitas são feitas até fora de casa. Mas ele não sabe cozinhar, então, normalmente, sou eu mesma (...) Eu diria que é 60% mais para mim e 40% para ele. Mais ou menos isso. (Salette Oliveira)

Alguns homens entrevistados, considerando as atividades profissionais, acham que é equilibrada a repartição das tarefas domésticas e, retomando a questão de serem provedores, argumentam que isto ocorre pelo fato da mulher ficar um tempo muito maior do que ele, no ambiente doméstico. “É mais pesado para ela, como eu falei, pelo fato dela estar mais em casa”. (Paulo Moura). Boa parte dos participantes ao tratarem das atividades domésticas, faziam divisões claras das tarefas próprias do homem e da mulher. Para o homem foram atribuídas atividades que exigiam força física ou mais técnicas, como consertos de objetos estragados.

Minhas filhas me ajudam na medida do possível, quando têm tempo. E o marido cuida também no que faz parte de doméstico, dos cães, do quintal, de tudo. Essa parte é com ele. E dentro das tarefas também. O chuveiro, que sempre é do homem, no que está faltando, precisando de um conserto, é ele que faz. (...) É mais pesado para mim. É mais pesado para mim, porque eu deixo elas mais livres porque agora estão fazendo faculdade, e é muito trabalho. Eu até tenho um dia da semana para alguém me ajudar, porque realmente fica pesado. (Dione Moura)

Assim, em seus relatos, os entrevistados e entrevistadas apontam para o aspecto ligado ao pertencimento (divisão de atividades conforme a possibilidade de cada um) do que para o aspecto ligado a esfera da individuação (repartição de tarefas de forma igualitária).

A respeito do diálogo, somente uma das entrevistadas afirmou utilizá-lo como meio de auto-expressão dos seus pensamentos. “Eu me acho verdadeira, mas numa verdade que não controlo a minha língua, falo muitas vezes sem misericórdia do meu esposo, e depois é que eu vejo que eu que estava errada”. (Salette Oliveira). Entretanto, todos os outros participantes, ao falarem do diálogo o relacionaram a um meio de aproximação e estabelecimento de acordos. “E a gente fazendo tudo de comum acordo, conversando, dialogando, cada um fala o que realmente pensa e vendo se nós estávamos pisando no mesmo chão, com a mesma tranquilidade para não ficar dúvida”. (João Lima). O relato deste entrevistado confirma o que o próprio movimento ressalta ao tratar do diálogo: não deve ser uma tentativa de conformar o pensamento do outro. “Que o ‘Dever de sentar seja um verdadeiro diálogo e não uma tentativa de manipular o outro. (MÍSTICA DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO, 2004, p. 9).

O diálogo também foi abordado pelos participantes no aspecto atribuído a dimensão do pertencimento: instrumento privilegiado para superação de conflitos ou busca de conciliação. “É pelo diálogo que a gente se resolve” (João Lima). Recordar-se ainda que o diálogo é parte integrante dos “Pontos Concretos de Esforço”, o mais citado método do movimento. Alguns entrevistados mencionaram ainda que a oração conjugal diária proposta pelo movimento favorece o diálogo, bem como a afinidade, no sentido de sintonia de almas, entre os cônjuges. Assim, a oração acaba contribuindo para que o casal não entre em conflito.

Nós costumamos dialogar, falar do que esta acontecendo, falar de casa, dos meninos, do estudo. (...) A gente criou esse laço... às vezes a gente para, conversa para lembrar tudo, vai lembrando, a gente pensa como se fosse no outro dia (...) Nós nos aproximamos quando estamos conversando sobre nós”. (Bernadete Nunes)

Quando indagados sobre como vivenciam o relacionamento com a família de origem do cônjuge, a metade dos entrevistados afirmou conviver com os parentes do cônjuge, sobretudo em festas e datas comemorativas (aspecto concernente à individualização). A outra metade disse que procura se encontrar com a família extensa do outro, de forma freqüente, demonstrando valorizar esta convivência e verem-na como algo salutar para os filhos. “Nós fazíamos as férias em função das férias escolares dos meninos e tínhamos sempre como meta passarmos oito dias no Ceará, onde temos nosso avô e bisavô deles com 98 anos, é uma coisa sempre marcante” (Clóvis Nunes). “Adoramos quando estamos todos reunidos, juntos mesmo. A família de Clóvis é um pouco pequenininha, mas estamos sempre nos reunindo”. (Bernadete Nunes).

Fazemos o melhor. Eu tenho orgulho hoje de dizer que a minha mulher vivencia mais do que eu, porque a família dela está mais próxima da gente. A irmã, a madrasta dela, quatro irmãos, prima, que estão todos aqui perto. Os meus não, são do Rio, São Paulo, Sergipe, fica mais distantes, mas a gente não deixa de estar sempre fazendo o possível para estar junto. (João Lima)

Um dos entrevistados assume que por achar o tempo escasso com a família nuclear, não busca conviver muito com os parentes dele e dela. “Eu vivencio pessimamente. Porque eu sou, nesse ponto de vista, não tenho assim muita abertura não. Eu fico mais mesmo com minha esposa e com meu filho, e eu acho o tempo já tão escasso”. (Geovane Oliveira). Entretanto, este entrevistado e outros sete, afirmou buscar a ajuda dos parentes, em caso de dificuldade ou aspectos práticos do cotidiano, como cuidar de algum filho por um tempo.

Nesta pesquisa buscou-se verificar a influência da espiritualidade conjugal, aspecto de maior foco do movimento, sobre a vivência do casal, observando as dimensões da individuação e pertencimento. Assim, buscou-se entender se a vivência nas Equipes de Nossa Senhora levaria os casais a se aproximarem da tendência da individuação, da cultura contemporânea, ou da perspectiva do pertencimento, proposta pelo movimento.

Observou-se que o carisma do movimento (espiritualidade conjugal) influencia os casais que dele participam, para a dimensão da fusão entre o casal ou, em outras palavras, da visão de duas pessoas como sendo uma, tal como registra Ferés-Carneiro (1998). A maior parte dos casais entrevistados tende a desenvolver todas as atividades, sejam elas cotidianas, de lazer, de tempo livre, dentre outras, de forma a tentar incluir o outro. A dimensão do “estar juntos” foi constantemente citada como algo desejado e visto como benéfico para os entrevistados.

Assim, o que foi constatado na análise dos dados coletados é uma forte ênfase do movimento, no sentido de levar os casais partícipes dele à vivência e a opção por aspectos característicos pertencimento. Isso pôde ser também constatado quando analisamos as dimensões do carisma das ENS, tal como os “Pontos Concretos de Esforço” – PCE, que favorecem o aspecto do pertencimento na relação conjugal, por conduzirem o relacionamento no sentido de uma fusão identitária do casal, fortalecendo o vínculo. A questão da unidade do casal é encarada como algo benéfico e/ou favorável à realização dos cônjuges.

Visto isto, compreendem-se os resultados obtidos com os casais entrevistados no que se refere ao comportamento, frente a situações da cultura contemporânea que enfatizam a autonomia do indivíduo. Com relação às questões relacionadas às dimensões profissional, da divisão de despesas, da administração conjunta da renda, do tempo livre e daquele destinado a realização de atividades junto com o cônjuge, encontrou-se uma mesma postura por parte dos casais. O que se observou não foi uma busca de realização do eu, no sentido de uma pessoa distinta do cônjuge, mas um discurso no qual se evidenciava como as pessoas se viam na conjugalidade: em relação ao outro.

Entretanto, percebeu-se que o movimento, apesar de focar o pertencimento na vida conjugal, não deixa de esclarecer a importância da individuação, na medida em ressalta a importância de um cônjuge respeitar o modo de ser do outro, a sua forma de pensar e ver o mundo. Assim, percebe-se nos discursos dos casais a marca da dialética, bem como da continuidade/mudança entre vínculos de pertencimento e necessidade de individuação.

Por fim, os principais resultados em torno da conjugalidade dos casais das Equipes de Nossa Senhora corroboram as impressões de que os elementos de autonomia de escolha e

pertencimento convivem, lado a lado, com os padrões mais gerais que informam a dinâmica dos gêneros na família e na sociedade. Neste sentido a convivência destes dois elementos gera um constante deslocamento entre ideal/valor e real/prática que se expressa em termos individuais, mas que traz importantes repercussões quando se trata do relacionamento conjugal. Este deslocamento se processa no interior do sujeito mediante a introjeção de novas normas e preceitos religiosos. Então, vemos que, na realidade cotidiana, há a sobreposição entre antigos e novos valores. Esta visão encontra ressonâncias no que afirma Barbosa:

Vivem uma situação de tensão ao confrontarem os valores de uma sociedade dinâmica e os valores tradicionais reafirmados pela comunidade religiosa da qual fazem parte, mas vivem também um esvaziamento desta tensão ao encontrarem o lugar da certeza, da resposta para situações [...] a importância da igreja para a família tem se mostrado em situações de crise, quando as certezas se rompem. (1999, p. 108).

Desta forma, observou-se que o nível de instrução, bem como a vivência religiosa, interferem no processo de construção da identidade dos participantes e, assim nos aspectos de autonomia e pertencimento.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação conjugal comporta desafios que são inerentes às transformações próprias de cada cônjuge, da diferença proveniente de suas histórias pessoais, da convivência familiar e dos critérios definidos no percurso existencial.

Entendendo que a conjugalidade é o espaço histórico e simbólico no qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades, neste estudo buscou-se verificar a influência da espiritualidade conjugal das Equipes de Nossa Senhora, sobre os casais desse movimento, frente às dimensões da individuação e do pertencimento. Objetivou-se também verificar como os casais das Equipes de Nossa Senhora lidam com situações da cultura contemporânea que enfatizam a autonomia do indivíduo, além de analisar as dimensões do carisma que favorecem as relações de pertencimento entre o casal.

A priori, pensou-se que, sendo casais pertencentes à classe média e por isto mais permeáveis a determinados ideários modernos, esses poderiam assumir mais aspectos da individuação; entretanto, por participarem de um movimento católico, que enfatiza o carisma da espiritualidade conjugal, seria possível a adoção de uma vivência conjugal voltada para o pertencimento.

O que se constatou foi uma oscilante variação entre as duas dimensões estudadas, com tendência mais acentuada ao pertencimento. Nas Equipes de Nossa Senhora observa-se que a espiritualidade conjugal, carisma do movimento, enfatiza o pertencimento conjugal ao afirmar a fusão do casal num mesmo corpo, o corpo de Cristo e numa mesma pessoa, a pessoa de Cristo. Assim, os cônjuges são convidados a se relacionarem e a olharem um ao outro no amor que possuem pelo próprio Deus.

Deste modo, tem-se presente que a pós-modernidade, com as exigências de satisfação pessoal, não contempla a pessoa, na perspectiva da pedagogia cristã, no que se refere aos anseios de felicidade, liberdade e solidariedade e sim, o engendramento do mercado, do lucro

e do poder. Tais implicações, põem em evidência a necessidade de orientar-se pelos princípios que compõem a espiritualidade conjugal e discernir o que é constitutivo dos objetivos que este movimento católico, de atuação no campo da conjugalidade, se propõe.

A conjugalidade, entendida também por “identidade conjugal” ou ainda como uma dinâmica na qual dois são um, pode concorrer para o sentido da fusionalidade. Esta, por sua vez, pode ser entendida como equivalente à dimensão do pertencimento conjugal, na medida em que o casal se posiciona no mundo em relação ao outro e percebe que sua identidade se dá também a partir do outro. Assim, o sentido de pertencimento surge a partir da experiência que se obtém no cotidiano e no reconhecimento da alteridade.

Percebe-se nos relatos dos casais que os desafios que a pós-modernidade provocaram no âmbito das relações humanas afeta a convivência familiar. As exigências de satisfação no presente põem em questão o ideal do sacrifício individual para o bem da família. Consequentemente, o ponto de saturação e desgaste no relacionamento conjugal é atingido com demasia. A independência galgada nos campos econômico e profissional pelos cônjuges, configuram uma realidade familiar mas compartilhada em uma posição social igualitária, tornando mais frágil o vínculo familiar. Se a convivência não é mais fonte de prazer e satisfação, o defecho é a ruptura do laço conjugal.

A pedagogia do movimento das E.N.S. se detém à luz do Evangelho e das orientações da Igreja, ajuda os casais a serem protagonistas no estilo de vida que se adequa aos tempos, sendo testemunhas da vocação cristã que abraçaram.

Como foi visto, as Equipes de Nossa Senhora, por meio dos exercícios dos “Pontos Concretos de Esforço”, dos retiros, dos encontros e do material formativo, enfatizam uma vivência conjugal voltada para a “fusão” do casal, no sentido de dois se tornarem um, ou o fortalecimento do vínculo. Ainda, confirmou-se nos relatos dos casais entrevistados, por meio dos indicadores de análise, que marido e mulher, assumem a perspectiva de uma conjugalidade voltada para o pertencimento. Dimensão esta, marcada pela cooperação entre os sexos, pela reciprocidade solidária e pela valorização da convivência. Desse modo, a maior parte dos casais entrevistados tende a desenvolver todas as atividades, sejam elas cotidianas, de lazer, dentre outras, de forma a tentar incluir o outro. A dimensão do “estar juntos” foi constantemente citada como algo desejado e visto como benéfico para os entrevistados.

Com relação às questões relacionadas às dimensões profissional, da divisão de despesas, da administração conjunta da renda, do tempo livre e daquele destinado a realização de atividades junto com o cônjuge, encontrou-se uma mesma postura por parte dos casais. O que se observou não foi uma busca de realização do eu, no sentido de uma pessoa distinta do

cônjuge, mas um discurso no qual se evidenciava como as pessoas se viam na conjugalidade: em relação ao outro.

Entretanto, percebeu-se que o movimento, apesar de focar o pertencimento na vida conjugal, não deixa de esclarecer a importância da individuação, na medida em que ressalta a importância de um cônjuge respeitar o modo de ser do outro, a sua forma de pensar e ver o mundo. Portanto, percebe-se nos discursos dos casais a marca da oscilação, bem como da continuidade/mudança entre vínculos de pertencimento e necessidade de individuação.

O processo da conjugalidade comporta o ideal da vida privada entre um “eu sozinho” e um “eu com”. De certa maneira que entre os dois, permita-se a satisfação de si em certos momentos, com tempos para atividades separadas e outros para compartilhar práticas comuns.

Por fim, destaca-se a necessidade de estudos multidisciplinares que enfrentem as questões próprias da conjugalidade, do matrimônio e da família, com vistas a uma compreensão mais clara dos diversos desafios impostos, sejam pelas transformações da cultura contemporânea ou pelas realidades específicas vividas por cada grupo.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

ALLEMAND, J. **Henri Caffarel**. Um homem arrebatado por Deus. São Paulo: Nova Bandeira, 1999.

AQUINO, T. **La Summa Theologiae**. Lê passionit t. IX, Bologna, 1988, 80, edição bilíngüe editada por P. Tito S. Centi. I – II, q 5, a.8.

BALTHASAR, H. U. **Lê Chrétien Bernanos**. Paris, 1970.

\_\_\_\_\_. **Teodrammatica**, vol. 2, Milano: Jaca Book, 1982.

BARBOSA, A. K. P. **A família da fé em tempos modernos**. Uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos. 1999. 206f. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAM, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO XVI. O educador é uma testemunha da verdade e do bem. **Passos**, Abril de 2008a, ano XXIII, nº 92.

\_\_\_\_\_. **Spe Salvi**. São Paulo: Paulinas, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Deus caritas est.** São Paulo: Paulinas, 2005.

BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. (Org). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUSC/Cortez, 2000.

BLANCHET, A.; GOTMAN, A.. **L'enquête et ses méthodes:** l'entretien. Paris: Nathan Université, coll. sociologie 128, 1992.

BRONFENBRENNER. **Making human biengs:** human biological perspectives on human development. California: Sage, 2004.

CAFFAREL, H. Mariage et Eucaristie. In: **L'Anneau d'Or**, 1964.

\_\_\_\_\_. **A “ecclesia”** (Versão original). Conferência realizada em São Paulo, em julho de 1957, dirigida aos Casais Responsáveis das Equipes de Nossa Senhora. Mimeo. São Paulo, 1957.

CAFFARRA, C. **Creati per amare.** Siena: Edizioni Cantagalli, 2006.

CANCIAN, F. **Love in America.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARRÓN, J. “Mulher, ao meu pensar se deparou qual um raio divino a tua beleza”. **Passos**, Novembro de 2006, ano XXI, nº 77.

CARTA MENSAL. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 342, dez 1998.

\_\_\_\_\_. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 351,dez 1999.

\_\_\_\_\_. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 362, abril 2001.

\_\_\_\_\_. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 409, abril 2006.

\_\_\_\_\_. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 410, maio 2006.

\_\_\_\_\_. Publicação Mensal das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo, nº 414, setembro 2006.

COMPÊNDIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade: A família como vai? Ed. Salesiana, Dom Bosco. São Paulo. 1994.

COOPER, D. **A morte da família**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DONATI, P. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manuale di sociologia della famiglia**. Bari: Laterza, 1998.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC/Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 nov. 2008.

FLEISCHMANN. Eucaristia e a vida conjugal. In: **X Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora**, 2006.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 28. ed.. São Paulo: Global, 2006.

COMPORTAMENTO de risco. **FOLHA DE SÃO PAULO**, São Paulo, 07 out. 2007. Caderno FAMÍLIA brasileira: retrato falado, p. 12-14.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo na sociedade moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIUSSANI, L. **Por que a Igreja**. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

\_\_\_\_\_. **O carisma de CL**. Disponível em: <http://www.cl.org.br>. Acesso em: 01 dez. 2008.

GRUNDMANN, W. **Peccato**. Brescia: Paideia, 1965. GLNT, vol. I.

GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA. Documento de uso interno das Equipes de Nossa Senhora. 2000.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELLÍN, F. **Lexicon**: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: Edições CNBB, 2007.

JABLONSKI, B. Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal**: arranjos e demandas contemporâneas. São Paulo: Loyola, 2003.

JOÃO PAULO II. **Redemptor Hominis**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1979.

\_\_\_\_\_. **Mulieris Dignitatem** (Carta Apostólica), São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Evangelium Vitae**. São Paulo: Paulinas. 1995.

\_\_\_\_\_. **Familiaris Consortio**. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Go in Peace**. An Enduring Gift of love. Chicago: Loyola Press, 2003.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira**: a base de tudo. São Paulo: Cortez, 1994.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUBAC, H. de. **Cattolicismo**. Aspetti sociali del dogma. Milano: Jaca Book, 1992.

LUHMANN, N. **Loves as passion**. Cambridge: Polity, 1986.

LUHMANN, N. **Sozialsystem Familie**. System Familie, 1, (2), 1988.

LUMEN GENTIUM (Constituição Dogmática). In: **COMPÊNDIO DO VATICANO II**: Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELINA, L. **Homem-Mulher o arquétipo do amor**. I Congresso Teológico Internacional. No prelo. 2008.

MELMAN, C. A família está acabando. **Veja**, Edição 2057, Número 16, Ano 41, São Paulo, 23 de abril de 2008. Editora Abril., p. 92-93.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**. Pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINUCHIN, S. **Famílias**. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre. Artes Médicas, 1982.

MÍSTICA DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO. Documento de uso interno das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo. Edição 2004.

MORANDÉ, Pedro. **Familia y sociedad**. Santiago do Chile: Universitária, 1999.

NORIEGA, J. El destino del Eros. Madri: Palabra, 2005.

OLIVIER, B. Amor, felicidade, santidade. Documento de uso interno das Equipes de Nossa Senhora. Edição 2000.

OGNIBENI, B. Notas sobre o matrimônio na Sagrada Escritura. No prelo. 2006.

OUELLET, M. **Divina Somiglianza**: antropologia trinitária da família. Roma: Lateran University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Lo Spirito Santo, sigillo dell'alleanza conjugale. In: BONTETTI, r. **II matrimonio in Cristo è matrimonio nello Spirito**. Roma: Città Nuova Editrice, 1998.

PASSARELLI, G. **O sorriso de Lindalva**. Recife: Gráfica Dom Bosco, 2003.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. Relação nupcial, relação ocasional. In: PONTIFÍCIO Conselho para a família. **Lexicon**. Brasília: Edições CNBB, 2007a. p. 825-835.

\_\_\_\_\_. **Políticas sociais dirigidas à família**. In: BORGES, A; CASTRO, M. (Orgs.) **Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais**. São Paulo: Paulinas, 2007b.

PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. C; ALCÂNTARA, M. A. R. Desafios al estudio de la familia contemporánea. Revista **Krinéin**. Universidade Católica de Santa Fé. Argentina. 2008.

PRONUNCIAMENTOS DO PAPA JOÃO PAULO II EM VISITA AO BRASIL. São Paulo: Paulinas, 1980.

RATZINGER, J., **Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação**: resposta a algumas questões atuais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987.

REALI, N. **Scegliere di essere scelti**: riflessioni sul sacramento del matrimonio. Siena: Cantagalli, 2008

REPETTI, R.. Família, a grande fonte da saúde. **ISTO É**. ano 31, ed. 2006. São Paulo, Editora Três, 16 abr. 2008. p. 76-81.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. **Psicologia Clínica**, 12 (2), p. 65-82. 2001.

\_\_\_\_\_. Divididas e multiplicadas: a maternidade para as mulheres executivas cariocas. In: D'ÁVILA NETO, M. I.; PEDRO, R. (Orgs.) **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. Rio de Janeiro: Mauad/Bapera, 2003a.

\_\_\_\_\_. Quando o executivo é uma dama. A mulher, a carreira e as relações familiares. In: FERÉS-CARNEIRO, T. **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2003b.

\_\_\_\_\_. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres como uma carreira profissional bem-sucedida. In: FERÉS-CARNEIRO, T. **Família e Casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C. B (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1995.

SARTI, C. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUSC/Cortez, 2000. 122p.

\_\_\_\_\_. Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, 1989, nº 70, p. 38-46.

SCOLA, A. **O Mistério Nupcial**. Bauru, EDUSC: 2003.

SILVA, C. N. O descompasso entre a função parental e a dupla carreira dos pais. In: **Família e Educação**. Moreira, Lucia e Carvalho, Ana M. A.(Orgs). São Paulo: Paulinas, 2008.

SINGLY, F.; PEIXOTO, C.; CICHELLI, V. (Orgs). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TORRES, A. C.: Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. **CADERNO CRH**, v. 17, n. 42, 2004.

WALKER, A. O desígnio de Deus sobre pessoa, matrimônio e família: entre moderno e pós moderno. Uma banalidade? In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. C. **Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003.

WOJTYLA, K. **Amor e responsabilidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

WADSWORTH, B. **The well-ordered family, or, Relative duties.** Being the substance of several sermons, about family prayer. Duties of husbands & wives. Duties of parents & children. Duties of masters & servants. Boston, 1712.

X Encontro Internacional da Equipes de Nossa Senhora. Documento interno do movimento. 2006.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE 1 - Roteiro de Entrevistas**

#### **Identificação**

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Bairro onde mora:
4. Escolaridade:
5. Renda Familiar:

- ( ) de 0 a 5 salários mínimos
- ( ) mais de 5 a 10 salários mínimos
- ( ) mais de 10 a 15 salários mínimos
- ( ) mais de 15 salários mínimos

#### **Família**

Vamos conversar inicialmente sobre família.

1. O que é família para você?
2. Quem faz parte da sua família?
3. Você tem filhos? Quantos? Data de nascimento e sexo deles.
4. Quem mora na sua casa?

## **O casal**

Vamos falar agora mais especificamente sobre o casal.

1. O que você entende por conjugalidade?
2. Como você concebe a individualidade dos cônjuges no matrimônio?
3. Agora gostaria de saber como vocês se conheceram?
4. Como os seus filhos lhes avaliam enquanto casal? E enquanto pais?
5. Que critérios vocês utilizaram para escolha da escola dos filhos?
6. Quem leva os filhos para a escola?
7. Como é a divisão das outras tarefas domésticas?
8. Quem prepara o café da manhã? E as demais refeições?
9. Considerando as atividades profissionais, vocês acham que é equilibrada a repartição das tarefas domésticas ou não?
10. Você trabalha fora de casa? Com que idade começou a trabalhar?
11. Como você vive a dimensão profissional no matrimônio?
12. Você ou seu cônjuge já reduziram alguma vez a jornada de trabalho em função da família?
13. Com vocês dividem as despesas do casal e dos filhos?
14. Os rendimentos são administrados em conjunto ou não? Têm conta única?
15. Quanto tempo você fica fora de casa durante o dia?
16. Quanto tempo, diariamente, vocês dois passam juntos?
17. O que costuma fazer nos tempos livres?
18. Em momentos de dificuldades, em que pediu ajuda ao seu cônjuge, como você avalia a atitude dele(a)?
19. Na sua opinião, que circunstância justificaria a separação dos cônjuges? Você já se sentiu próximo disso?
20. Como o casal encara as diferenças de gostos, sensibilidade e opções? Elas causam conflitos?

21 Houve algum grande desafio enfrentado ao longo da vida conjugal? Qual? Como superaram?

22. Qual o parecer de vocês com relação à reciprocidade no matrimônio?

23. A vida conjugal de vocês hoje corresponde às expectativas de quando casaram? Em quais aspectos se aproxima? Em quais aspectos se afasta?

24. A espiritualidade do movimento das “Equipes de Nossa Senhora (E.N.S.)” exerce alguma influência na vida concreta de vocês ou não? Em quê?

25. Diante de situações conflitivas, quando pedem ajuda às E.N.S.? E a algum familiar (mãe, sogra, irmãos...)?

### **O casal e os filhos**

1. Como é a relação de vocês com os filhos? Existem conflitos?

2. Qual a orientação do movimento das E.N.S. em relação à educação dos filhos?

3. Qual é a avaliação dos filhos de vocês sobre o movimento das E.N.S.?

4. Existem temas que não são falados nas conversas com os filhos (por exemplo: sexo, homossexualismo, drogas)?

5. Que conselhos dão aos filhos adolescentes sobre sexualidade? (abordar o “ficar”, “transar”, relações pré-matrimoniais e preservativos).

6. Qual tempo, durante a semana e o final de semana, que você reserva para estar junto ao cônjuge e aos filhos? Que atividades realizam?

### **O casal e a família extensa:**

1. Como vocês vivenciam o relacionamento com a família extensa? (primo, cunhados, pais, sobrinhos).

### **O casal e a sociabilidade**

1. Como organizam as férias de vocês?

2. Quantos dos seus amigos são do movimento?

3 Quando promovem uma festa, quem vocês convidam? Outros amigos ou os das E.N.S. participam?

### **O casal a Igreja e o movimento**

1. Como conheceram o movimento das E.N.S.? Em que ano?

2 Em que circunstâncias percebe a importância das E.N.S na vida de vocês?

3. Como você analisa a co-responsabilidade fraterna no movimento?
4. A vida comunitária proposta pelo movimento influencia a vida conjugal de vocês? E a familiar? Como?
5. Vocês tiveram alguma dificuldade de se adaptarem às E.N.S.? Qual?
6. Que aspectos do movimento você considera mais significativos?
7. Para você, quais aspectos do movimento das E.N.S. podem melhorar?
8. Você participa de alguma atividade na sua paróquia?
9. Como você analisa a presença do conselheiro espiritual?
10. Como você avalia o movimento das E.N.S., em Salvador, nos últimos dez anos?
11. Das tradições religiosas que aprendeu com seus pais, o que transmite aos filhos? O que não transmite?
12. Descreva o seu dia considerando: as atividades de trabalho e lazer, os momentos de convivência familiar e de espiritualidade.

## **APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que será realizada pelo mestrando Francisco Nascelio Maciel, RG 1477475-5 SSP-AM e CPF 404 251 503-72, da Universidade Católica do Salvador, que tem por objetivo verificar a concepção de conjugalidade no Movimento das Equipes de Nossa Senhora, do qual sou participante. Para isto, será feita uma entrevista contendo perguntas relacionadas a pesquisa deste projeto, cujo tema é: Conjugalidade: individualização e pertencimento em casais de movimento católico. Tendo duração aproximada de trinta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, caso não queira participar, isso em nada afetará a minha vida ou mesmo do nosso Movimento, Equipes de Nossa Senhora.

Ao decidir participar deste estudo, tomei conhecimento de que:

- Caso não me sinta à vontade com alguma questão da entrevista, estou ciente de que posso deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- Sei que as informações que fornecerei poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que minha identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de o meu nome ser identificado, assegurando meu completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, autorizo a gravação da entrevista para que não se deixe passar despercebido nada do que foi conversado e que possa vir a ser um dado importante;
- Não há nenhum risco significativo para mim e para minha família em participar deste estudo;
- Estou livre para desistir da participação em qualquer momento desta pesquisa;

- Minha participação neste estudo é inteiramente voluntária, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- Caso haja alguma despesa, por minha parte, para que participe da pesquisa, a mesma será reembolsada.

Considerando as observações acima:

Eu, \_\_\_\_\_, aceito voluntariamente participar deste estudo, estando ciente de que sou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete prejuízo para mim.

Estou ciente que minha participação neste trabalho poderá abrir um espaço para que eu expresse minhas opiniões e concepções sobre o assunto pesquisado, que poderão ser úteis para um maior conhecimento sobre o tema da Conjugabilidade e para a expansão de estudos nesta área.

Caso tiver que contactar com o pesquisador Francisco Nascelio Maciel para qualquer tipo de explicação, sei o endereço que devo recorrer, sendo este: Avenida Garibaldi, 2981-Rio Vermelho. CEP: 41940-450 – Salvador, Ba; Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea – UCSal. Telefone: (71) 3324-7692 e (71) 8866-5636

Recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo.

Local e data:

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador: